

Uma batalha pela democracia
As eleições autárquicas

Um período de campanha eleitoral tem hoje início. Os cidadãos são chamados a eleger os órgãos autárquicos, representativos e executivos que, nas Freguesias e Concelhos, administrarão a «coisa pública» (res publica), e, pedra sobre pedra, afirmando vontade política e forjando capacidade de gestão, vão construindo o Poder Local Popular.

O Poder Local Popular é condição, e será a base, de uma efectiva descentralização da administração pública. Nestas eleições para as autarquias não se promove apenas a renovação de Juntas de Freguesia e de Assembleias de Freguesia, de Assembleias Municipais e de Câmaras Municipais, promove-se, afirma-se, constrói-se o Poder Local Popular. Assim, as eleições administrativas constituem, à escala nacional, uma batalha política pela Democracia.

Batalha política pela Democracia que, na conjuntura, adquire uma particular relevância. Vem sendo reclamado pelas «oposições» a demissão do Governo e a dissolução da actual Assembleia da República, com o argumento de que a composição do Parlamento já não reflecte a opinião nacional e a correlação das forças políticas. As eleições autárquicas, nesta emergência, serão, como já tem sido reconhecido, um teste político.

O cidadão eleitor não pode deixar de ter em conta que a sua escolha administrativa é uma escolha política. No plano local e no plano nacional, porque, para além da confirmação, ou da mudança, dos administradores das Freguesias e dos Concelhos, o voto terá incidência nacional, configurará, em relação ao País, as grandes linhas de opção política. Dai que um «voto útil» local possa não ser o «voto útil» nacional.

Garantida a liberdade de voto, há que insistir na necessidade do voto. Esta batalha pela Democracia terá que se concretizar numa grande mobilização cívica. A abstenção é condenável. Abstenção é demissão cívica.

O cidadão deverá escolher em consciência. A ordem democrática garante-lhe a liberdade do voto. A melhor maneira de defender essa liberdade é votar. Com o seu voto participa na construção do Poder Local Democrático. Na construção da Democracia. Na continuidade de Abril.

250 mil candidatos a 70 mil lugares

Campanha para as autárquicas abre com partidos empenhados no porta-a-porta

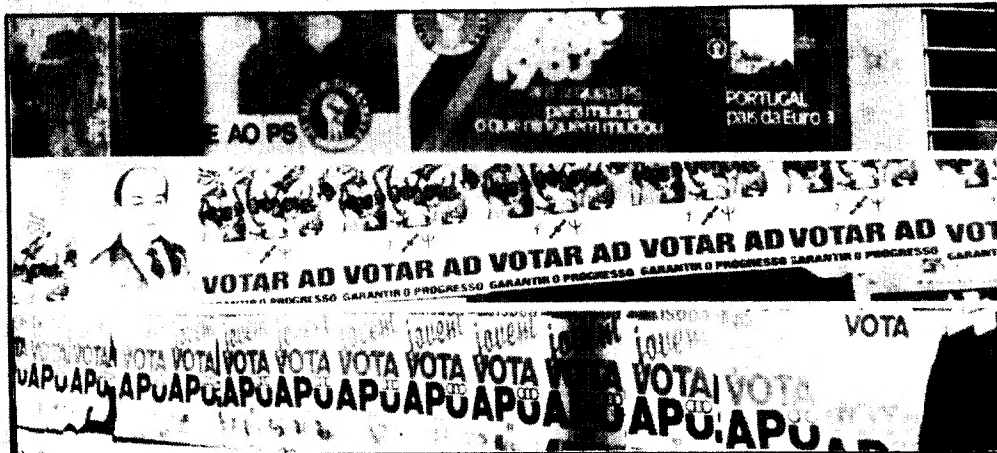
A campanha eleitoral oficialmente iniciada às zero horas de hoje propiciou a já habitual descida às ruas de brigadas de colagens de cartazes. Poucas horas antes, o presidente da Comissão Nacional das Eleições fez uma comunicação ao País, com um voto para que «a campanha decorra com elevação».

A presente campanha com vista às eleições do próximo dia 12 parece vir a caracterizar-se pelo contacto directo com as populações, privilegiando-se, por exemplo, os porta a porta em detrimento dos grandes comícios.

A mobilização para o acto eleitoral começa, de qualquer modo, logo pela elaboração das listas. Foi preciso mobilizar por todo o País, cerca de 250 mil candidatos para os 70 mil mandatos do Poder Local, distribuídos por 305 concelhos e 4052 freguesias.

Enquanto isso, a APU denunciava ontem em reunião pública da Câmara de Lisboa a destruição de propaganda sua por iniciativa do actual executivo. Trata-se, segundo foi dito, de «acontecimentos muito graves e ilegalidades inacreditáveis».

Page 5 7 8 9



Proposta apresentada
esta manhã ao Parlamento

Dezoito deputados vão investigar 'caso' de Camarate

Dezoito deputados vão investigar o desastre aéreo de Camarate. A proposta de constituição paritária desta comissão Parlamentar de Inquérito, solicitada por mais de 60 deputados da Maioria, foi apresentada esta amnhã no plenário da Assembleia da República por Vítor Crespo (PSD).

Cinco deputados do PSD, 3 do CDS, 3 do PS, 2 do PCP e 1 por cada um dos pequenos partidos irão averiguar das «causas que deram origem ao desastre aéreo de Camarate» (é a expressão utilizada no pedido de inquérito), que vitimou o Primeiro-Ministro Francisco Sá Carneiro, o ministro da Defesa Adelino

Amaro da Costa e acompanhantes.

O pedido de inquérito teve como primeiro subscritor, o deputado social-democrata Carlos Macedo (ex-colega de Governo do actual ministro da Justiça), a que se seguiu uma reacção violenta de Meneres Pimentel. «Demitam-me se forem capazes», foi a célebre

expressão do ministro da Justiça

Meneses Pimentel
insurgiu-se contra o «objecto»
do inquérito argumentando
que aquele exorbita clara-
mente a definição legal de
«inquérito parlamentar».

Não é bem explícito, de

Continua na pág. 24



Movimento criado por Jaruzelski questiona Poder na Polónia

O papel dirigente do Partido Operário Unificado Polaco (POUP), um dos pontos de fricção entre as autoridades de Varsóvia e o sindicato «Solidariedade» foi novamente posto em questão no seio do Movimento Patriótico de Renascimento Nacional (PRON) criado sob os auspícios do general Wojciech Jaruzelski e do POUP. Segundo dois documentos concorrentes que devem servir para elaborar o programa do PRON, é necessário redefinir o papel dirigente do Partido Operário Unificado Polaco, colocando questões semelhantes às dos dirigentes moderados do «Solidariedade».

Págs. centrais

Em Pombal cercados por forças da GNR

Agricultores do Mondego impedidos de marchar sobre Lisboa

Com forças da GNR colocadas à distância, cerca de mil agricultores de arroz da região do Baixo Mondego, ocupando à volta de quatrocentos tractores, encontravam-se à hora do fecho do nosso jornal na Estrada Nacional n.º 1, nas proximidades de Pombal, impedidos de seguirem para Lisboa, onde tinham decidido concentrar-se frente à sede do

MAP, no Terreiro do Paço, e em S. Bento, junto à Assembleia da República. Os orizicultores, oriundos da Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Soure e margem esquerda do rio Arouca, reivindicam o pagamento do quilo de arroz a 27\$50 (Basilio Horta apenas quer pagar 26\$70) e de um subsídio de 14 400\$00 por hectare, a demissão do se-

cretário de Estado do Comércio, Escaja Gonçalves, e a realização de um inquérito à Comissão Administrativa da EPAC.

Acusando o titular da pasta do MAP de ter faltado à palavra, os agricultores afirmam «não abdicar das suas reivindicações e que só perdem tempo aqueles que vergonhosamente desgobernem o País e que fizeram uma

importação de noventa milhões de contos este ano, só porque não têm capacidade para dar condições aos agricultores portugueses para produzirem aquilo que eles têm de importar». Por outro lado, estão na disposição de «desmascarar as negociações de arroz podre, que estão à vista

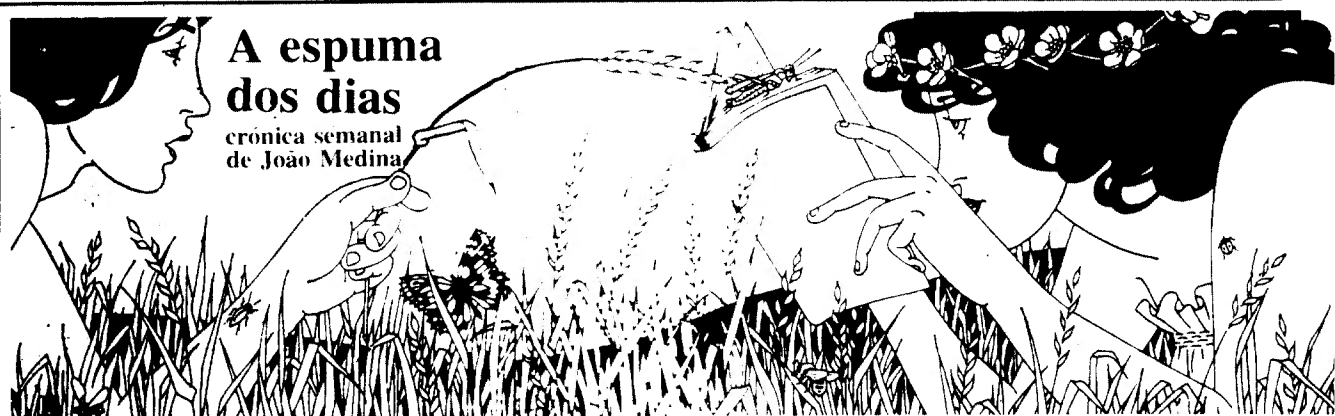
Continua na pág. 24

Diário de Lisboa

Amanhã, dia 1 de Dezembro, é feriado nacional, não se publicando por isso o «Diário de Lisboa», encontrando-se encerrados todos os nossos serviços.

UGT quer negociar com sindicatos da “Frente Comum”

17% do Governo forçam funcionários à greve



A espuma dos dias
crônica semanal
de João Medina

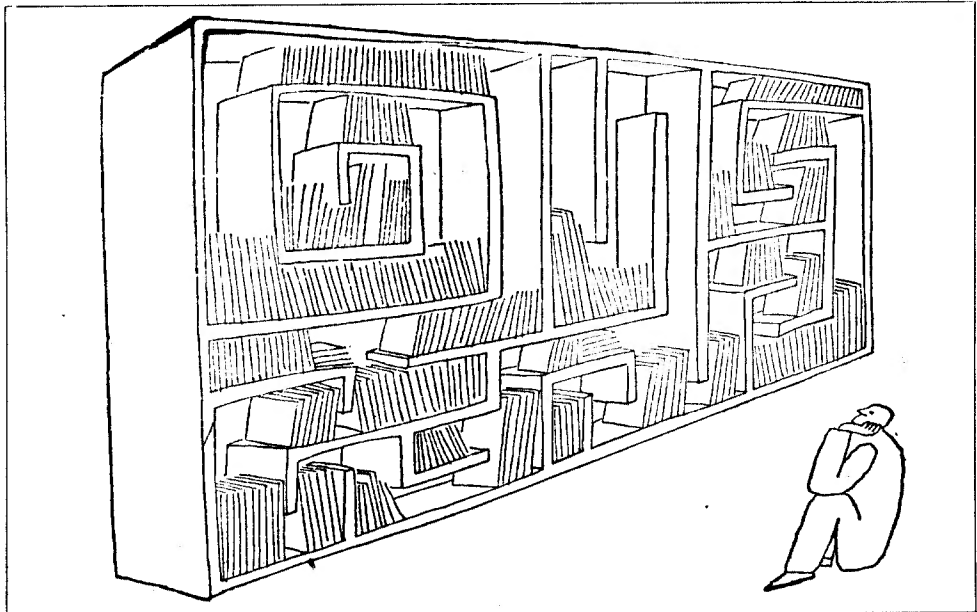
Passeando no Labirinto ao lado do Reno

DELIMITANDO o extremo leste do jardim do Observatório, a rua do Observatório em Estrasburgo tem no máximo uma centena de metros. Casas dum lado só do passeio. Do outro, um passeio de terra e o gradeamento do jardim do Observatório. Deste lado, um passeio cimentado, geralmente coberto de folhas secas, aliás húmidas, molhadas pela chuva, pelo orvalho frio, ou coberto de neve em meados de Novembro. Neve

húmidas ou de montículos de neve. No Verão também ali ia, a caminho da «Place de la République», mas lembro-me sempre dos passeios com folhas secas, outonais, ou com montinhos de neve cuidadosamente arrumados, pirâmideszinhas que donotavam a alma protestante daquela gente, luteranos no gosto, nos hábitos e no conforto doméstico. E eu, luso errante, lá seguia o meu monótono caminho. Sísifo universitário amarrado ao meu rochedo, a tese

nina «rue Kirstein», tinha de passar pelo jardim do Observatório e acabava por meter pela rua do mesmo nome, fascinado por aquelas casas tão britânicas, a caminho da «place de la République», onde me esperava a tese, a minha teia de Penélope. Mas aquela ruazinha abastada e tranquila entristecia-me deveras. Era talvez o contraste entre o desconforto do meu lóbrego apartamento ao fundo dum pátio, num prédio da rua Kirstein, a tristeza da chafa-

triste, rua fora, espreitando involuntariamente aquelas mansões aquecidas, baluartes da felicidade alheia, imagem mesma de tudo o que, pela vida fora, nos é inacessível. Os burgueses fumavam os seus cachimbos, liam os seus livros que deviam falar de leis sensatas e de coisas sólidas e definitivas, as senhoras deitavam chá de menta em taças de porcelana de Limoges, os homens trincavam distraidamente os seus «petits fours» untuosos, tão nutritivos, o fumo do tabaco erguia-se devagar, azulado e rico, em salas sem ruído, a não ser algum Mozart ou algum Bach que por ali, em surdina, deram as suas opulências sonoras, as crianças jogavam «mah-jong» ou folheavam colecções de obras de arte, um ancião, refestelado e feliz, dormitava no canto do sofá de coiro velho, as encadernações da biblioteca revestiam as paredes pintadas de lilás, uma visita mastigava um bolo de morango... E eu passava, sonhador e desesperado, Sísifozinho expulso daquelas felicidades tão simples, tão acessíveis, tão humanas, tão europeias. Tão distantes.



muito arrumada em montículos arrimados aos edifícios, para deixar os transeuntes à vontade naquela artéria da cidade alsaciana. Nas casas todas, vivendas com dois ou três andares no máximo, um ar de burguesia abastada, com salas confortáveis, atapetadas, bons móveis comprados nos velhos tempos em que a França tinha colónias, uma sala saliente sobre o passeio, prismática, vidrada, protegida do contacto com a vulgaridade quotidiana por reposteiros pesados, aveludados, que se adivinham fotos e grossos. Cortinas inglesas, muito intimas. Espreitando para a penumbra aquecida dessas salas de estar, eu via sempre alguém sentado num sofá de couro velho, debaixo dum candeeiro de metal, a ler um livro. Tudo muito íntimo, muito britânico, muito huguenote, muito alsaciano. «Very cosy», observaria um inglês saudoso das atmosferas reconfortantes de Dickens, com lareiras, galochas, jornal e livros encadernados a carneira, com nervuras na lombada, títulos a doirado sobre rótulos azuis.

Eu passava, triste erradio lusitano coitado, a caminho da Biblioteca Universitária, onde ia pensar as penas de Sísifo, um Sísifo que seria porém perdoado se completasse a tese que andava laboriosamente compondo. E suspirava olhando furtivamente para aquelas casas todas iguais na rua do Observatório, com os passeios cobertos de folhas

de doutoramento, impaciente por acabar com aquilo, com o labirinto, a biblioteca, a erudição, a Alsácia, a rua do Observatório, o desterro.

Espreitava furtivamente para dentro daquelas casas burguesas, onde belas senhoras vestidas talvez de veludo azul conversavam com senhores pacatos, decerto magistrados, comerciantes ricos, professores sapientíssimos, quadros superiores, gente com rendas, contas pingues na Société Générale, bibliotecas opulentas, molduras de mogno, gravuras da época de Napoleão... Os homens fumavam cachimbo, devagar, aspirando o fumo, sentindo estalar na língua e no palato a acricadela da loira nicotina, as senhoras serviam chá, eu sentia na imaginação cheiros a camomila, menta, tília, celilão, aromas, canela, especiarias, imaginava os biscoitos de manteiga a derreterem-se sem pressa na boca, a alma enchia-se-me de solidão e o corpo de fome. E aressava o passo, como um eremita que sente o Demo espreitá-lo sob a forma de comida ou de lubricidades espalhadas em redor.

A rua do Observatório ligava duas grandes avenidas de Estrasburgo, a da «Forêt Noire» e o «boulevard de la Victoire», duas paralelas. Quer escolhendo uma ou outra, partindo da minha peque-

rica onde me acolhera provisoriamente, enquanto não acabava a tese. Um provisório de três anos, longo e insupportável como tudo o que é arrasadamente provisório. Eu vivia pois numa ruela inglória, que tirava o seu nome dum obscuríssimo bipede alsaciano, um tal senhor Kirstein cuja vida terrestre dera só para crismar cinquenta metros de asfalto — e mais nada. E passar pela rua do lado oriental do jardim do Observatório enchia-me daquela tristeza resignada, avessa à revolta ou à inveja, que nos dão os palácios dos opulentos, as montras das grandes pastelarias de luxo nas cidades estrangeiras ou as vitrinas dos joalheiros suíços. Era sobretudo o ar tão sólido, tranquilo e natural daquelas vidas para além das janelas com reposteiros que me entristecia a alma. Passar por ali era, de certo modo, sentir de forma mais lancinante a minha condição de expatriado solitário e amargurado.

Semana após semana, subia e descia a ruazinha do Observatório, exilado errante diante duma tribo sedentária, agastada, eternamente bem instalada nas suas casas dum rua respeitável, calma, confortável. E eu, a pasta na mão, o gorro de falso astracá na cabeça, debaixo da chuva, do sol ou da neve, passava por ali, anónimo e nulo, como a sombra dum vime que se projecta sobre a parede duma pirâmide secular. E lá ia, sozinho e

E lá ia, pasta na mão, o gorro enterrado até ao nariz, a caminho da minha tese de doutoramento, pontual e frustrado, a alma presa àqueles interiores burgueses, felizes, humaníssimos, a pisar a neve ou as folhas húmidas ou o traço de «verglas», imagem adequada do exílio e dos seus tédios amargos. Uma vez por outra, uma daquelas portas abria-se e saía do edifício um senhor de bom sobretudo, gorro de astracá autêntico, cachimbo em erupção, um «basset» pela trela, um «basset» contente, cauda fremente, pelo nédio, versão canina da burguesa felicidade sobre a Terra. E eu continuava o meu caminho, sozinho, a arrastar a trela de mim mesmo, vira-latras exilado. Ulisses de pequeno país, prófugo de pequenino destino, vítima de pequenino Fado, espécie de lca-rozinho a andar a pé para não cair de muito alto, a fazer a butes o percurso do labirinto, à procura do fio de Ariana, em demanda da saída. Encontrei-a três anos depois, uma vez concluída e defendida a tese. Mas ainda hoje, nos meus sonhos, ouço às vezes os passos dum vagabundo lusitano no labirinto de Estrasburgo: sou eu a subir e a descer a rua do Observatório, silhueta curvada, flagelada pelo vento gelado da Alsácia, a caminho não sei de que fadado, por um momento enredado no dédalo das ruas duma cidade na margem do Reno, para que, também ali, entre gente hostil e alheia, uma parte do meu destino ficasse obscuramente repartido, escrito com efêmera caligrafia na neve de Invernos que nunca mais hão-de voltar.

a paladraq com...



As mamatas*

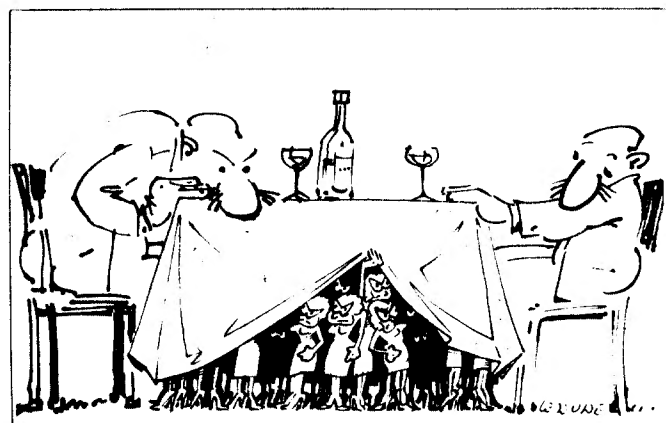
Beja Santos

No fim de Julho de 1982, o senhor António Marques da Silva, agricultor em Valado de Frades, despeja três toneladas e meia de cenoura tipo Nantes em frente da sede da RTP e brada a quem o ouve: «Viemos chamar a atenção do público consumidor contra o vampirismo dos mandatários dos mercados de Lisboa que nos compram cenoura a cinco escudos o quilograma e acabam por a vender a trinta, quarenta ou mais escudos. Não aceitamos que os mandatários ganhem mais de cem por cento do produto.» Ao fim e ao resto este despejo de cenouras não tem data, sempre conhecemos a exploração de agricultor pelo mandatário. Vamos de seguida ao fundo dos bastidores colher os tais elementos sistematicamente sonegados aos consumidores.

Enquanto outros países, a Grã-Bretanha, por exemplo,

investigação e vulgarização nos domínios das técnicas de selecção, conservação e embalagem, formação profissional, apoio no fornecimento de sementes e plantas seleccionadas, ensaios de fertilização e tratamentos fito-sanitários, estímulos efectivos à cooperação entre os horticultores. Há mamatas porque a produção está desorganizada e a comercialização é turva.

As variedades de especulação do agiota ou seu representante correspondem às variedades dos hostícolas. Em 1976, quando o preço da cebola atingiu proporções insustentáveis, ou mesmo em 1977, quando o preço dos alhos se tornou por demais proibitivo, a Junta Nacional de Frutas fez uma importação de alhos e cebolas que injectou no mercado. Pois logo os preços baixaram. Visto que a Junta Nacional das Frutas lançou escassas toneladas de



têm grande produção e consumo de hortaliça, alimentos fundamentais numa dieta saudável, utilizando somente culturas de estufa, Portugal tem uma luminosidade e temperatura que permitem culturas ao ar livre muito rentáveis e economicamente promissoras. Sucede que nos faltam infra-estruturas adequadas, não há centros de embalagem, preparação e calibragem, não há normalização de produtos agrícolas; a produção é muito dispersa e em explorações do tipo familiar onde a mecanização é a grande ausente e a receptividade ao cooperativismo quase nula. Não temos mercados abastecedores a actuar predominantemente no sector horticola e os que existem funcionam como diz o senhor António Marques da Silva: os produtos são vendidos sem o mínimo de condições higio-sanitárias e chegamos assim ao poder despótico do mandatário, o verdadeiro controlador dos preços à produção, ao retalho e ao consumo. Porque não normaliza, o produtor sabe de antemão que vai vender o seu produto a olho, ao molhe, à saca, à dúzia de treze ou catorze ou à grade, consoante as pretensões dos especuladores.

Não há vontade política para constituir empresas públicas ou mistas que efectivem uma política de fomento quer de incentivos e garantias, quer de recolha e preços. Para defesa da economia nacional e dos interesses económicos e saúde dos consumidores terá que ser o próprio Estado a implementar infra-estruturas básicas, tais como estações experimentais horto-frutícolas, centrais de tratamento, criação de programas de in-

alhos e cebolas, facilmente se conclui que o grande especulador se sentiria incomodado com a ofensiva do organismo oficial e diminuiu a especulação.

As mamatas controlam o comércio do peixe fresco e congelado, a batata, a importação de café, as oleaginosas, o vinho, tudo. Fala-se no combate ao custo de vida, mas ninguém tem coragem em apelar as mamatas. As mamatas dão milhões de contos para as campanhas eleitorais, sugestionam o voto, promovem e fazem cair ministros e secretários de Estado. Intimidam o arrais, o orizicultor, o merceiro, o vitivinicultor. Gostava que os maníacos da concorrência demonstrassem de modo incisivo onde funciona a lealdade, o comércio legal e a transacção limpa nos feudos das mamatas. Mas vamos descer às exemplificações.

Peixe: a oferta é catastrófica, não temos praticamente uma frota de pesca, muitos equipamentos estão obsoletos, a situação de grande parte das instalações portuárias é deprimente, o preço das lotas é feito por sistema de cambão. Ainda hoje, em grande parte, as margens de comercialização são em valor percentual o que na prática quer dizer que quanto mais alto for o preço na lota maior é a margem de comercialização e, por conseguinte, os comerciantes só têm vantagem em manter os preços na alta. Continua a ser fácil comprar pescada fresca ou marmota a preço elevado na lota, misturar o peixe fresco com o peixe congelado e exibir perante as entidades fiscalizadoras a factura da marmota ou pescada

Continua na pág. 14

A depredação dos rios

Antunes da Silva

COMO as plantas, os rios vivem consoante as estações do ano: no Verão, têm sede e vão beber na terra a humidade dos veios que correm das nascentes; no Outono, pintam-se de cores magoadas e roxas, à espera das primeiras águas; no Inverno, cegam de tanta água, quando esta vem e se espalha pelos caminhos fora, indo desaguar em albufeiras e barragens, ou então seguem sem parança, direitinhos ao mar; na Primavera, os rios tufam de saúde, bulem, cantam toadas nos arroios e alcantias, nas colinas e charmeças, adoçando a terra do mel dos ventos brandos e da luminosidade do Sol. Os nossos rios, do norte ao sul, são airosos, bandeiras públicas de poesia, desenhando filigranas de prata na paisagem, por entre os bosques, no alto das montanhas, na placidez das planícies, até, quem os vê de um aeroplano, dependuram-se das fragas à procura de espaço para as suas diabruras de vagabundos perdidos nesta parte da Ibéria. São a guarda e manutenção das nossas necessidades visuais, e, pela mansidão dos seus leitos ou torvelinho das suas torrentes, em passeio ameno ou galgando as léguas morenas do território português, fazem-nos esquecidos acenos duma saudade morna e gostosa, e pensar no asseio das almas, no misticismo do Universo campestre, mistério da vida dos peixes e leveza das águas sussurrantes.

Tudo serve para capturar qualquer mão-cheia de peixes...

Todavia, os nossos rios vão morrendo sufocados. À mercê dum abandono primário. Tal como se arremessa ao mar tudo que não presta, ou se sacrificam e decompõem zonas de pesca através de exaustivas capturas ou sofisticadas artes, também os rios de Portugal estão cada dia que passa mais e mais poluídos e pobres. As espécies piscícolas, com os resíduos industriais, os dejectos humanos ou excrecências nucleares, ficam contaminadas e doentes. Eclodiu por aí, uma desenfreada ânsia de aniquilação de tudo o que tem vida e é útil e necessário à sobrevivência humana. Não se defendem os rios: deixam-se ao arbítrio dos curiosos, dos vagamente esclarecidos e dos vândalos. Ao mesmo tempo cresce a delapidação dos nossos lagos, albufeiras, barragens, ribeiros, enseadas. É uma pouca vergonha e ninguém é capaz de pôr cobro aos distúrbios dos faltosos. Tudo serve para capturar qualquer mão-cheia de peixes. Mesmo que de seguida se deem fora... Com bombas, apertadas malhas, calvirgem, cestos de vime com engodo lá dentro, etc. Aparecem já no interior do país barcos com engenhosas redes de arrasto por baixo do cavername, que sobem e descem consoante a densidade do cardume que se localizou, e os mesmos barcos seguem direitinhos às margens, enquanto dois ou três homens atiram pedras para o leito, assustando os peixes, que por seu turno, na fuga instintiva, se enleiam nas armadilhas. É um fatiar...

Num dia do mês de Julho deste ano, em pleno Guadiana, por este original e iníquo processo, um barquito de fibra, em menos de uma hora, encheu as bolsas com mais de quatrocentos quilos de pescado das mais variadas qualidades entre os quais dois corpulentos lúcios. Logo, a montante do mesmo rio, a umas centenas de metros de distância e num cordão mais estreito, outro grupo pescava ao tresmalho, com redes azuis presas de uma margem a outra, em feito de uma enorme gargantilha, ao tempo mesmo tempo que dois homens batiam violenta-



mente com os remos na água. Desta feita, a captura foi menor, mas mesmo assim pescaram-se mais de duzentos quilos de peixe graúdo e menor, dentre achigãs, barbos, carpas, percas, enguias e outras qualidades que não chegámos na altura a diferenciar, que depois foram vendidos nos mercados das vilas e aldeias circunvizinhas, por um proprietário de veículo pesado...

... Apontam de noite para os lugares das pescarias

Por outro lado, quem resolve nos fins-de-semana entreter-se na pesca desportiva e siga de manhãzinha a caminho dos rios, barragens, simples paludes ou poceiras, com a família ou um punhado de amigos, levando os farnéis e as canas devidamente apetrechadas, frequentemente repara que outros indivíduos já lá estão instalados, não raras vezes dísculos na tarefa do arresto de peixes em compridas redes, sem se interromperem ou incomodarem no seu flagrante e nocivo trabalho. Quando calha, para iludir a vigilância de algum guarda-rios, que evidentemente não poderá estar em todo o lado, apontam de noite e de pó-pó para os lugares das pescarias e à balda, com holofotes e batedeiras transportadas geralmente em barcos de borracha, dizem à sua realíssima vontade o que vive dentro de água. Estragam tudo. Num dia ou numa semana de actividade, os lugares de repouso e de pesca ficam sem peixe nenhum. Reduzidos a uma água sem vida animal...

É um estrago fútil. A lei não ofende os estragadores dos nossos rios. Toleram-os. Deixa andar... Por isso a impunidade é quase sempre certa, ninguém se aproveita a não ser os transgressores. Assim, o cidadão comum que nunca andou em bolandas com a lei e que paga pontualmente as suas licenças, (agora aumentaram-nas consideravelmente e não se notam melhorias nenhuma em defesa da Natureza!) vêem gorados os seus desejos de um pacífico passatempo, porque raramente apanha um peixe, ao mesmo tempo que se rodeia de gente barulhenta e mal-educada, de cenho descarado ou ameaçante, que não tem pejo nenhum em continuar pescando fora de todos os preceitos legais, à má-fé, num abuso à liberdade democrática e aos códigos da República. Por isso os rios e quaisquer cursos de água, por mais acanhados que sejam, são devastados pelos prevaricadores, que os despoçam inutilmente...

Afinal, aumentaram-se as licenças de pesca para quê?

É lamentável que todas estas coisas aconteçam nas barbas das autoridades, que não olham como devem para a defesa dos costumes e do ambiente! Costuma dizer-se que os ricos, os ministros e os graduados das forças-da-ordem, não habitam em zonas degradadas, portanto não sentem na carne os desfavores da fortuna e onde pretos e brancos roubam, sujam, destroem e matam sem que muitas vezes algo os puna dos seus crimes. Gera-se, deste modo, o alarme, o susto diário, o desencando, a indignação entre as populações, que chegam a pensar que a criminalidade avança como nunca e ninguém as defende!... Com a depredação dos rios, os riscos são mais ou menos semelhantes...

Afinal aumentaram-se as licenças de pesca para quê? Que foi feito pelos cidadãos que cumprem as leis e se comportam com urbanidade em todas as circunstâncias? Que se fez para a salvação dos nossos cursos de água? O facto é que os assaltos continuam, persistem as violências, agora porventura ainda mais ousadas e frequentes! É um pandemónio indescritível!...

Anotemos que na Espanha existe desde há muito uma lei rigorosa para os transgressores. A sociedade tem de se defender dos que perturbam a paz e a civilização. Ai daquele que for apanhado em Espanha a pescar na época do defeso em rios, lagos, albufeiras e barragens, ou em circunstâncias consideradas como um esbulho contra a colectividade! Na medida em que se entende que os pescadores da natureza dos que acima se citaram, não passam de simples dizimadores das espécies, corroidos por intenso egoísmo e malbaratada ganância, e por causa disso concorrem para o extermínio dos habitantes das águas interiores.

Acontece que um certo dia, um nosso conhecido, foi de longada ao país vizinho, num pequeno período de férias. Lá, munuiu-se de uma licença de pesca, e, como pescarreta acostumado a todas as tropelias, portanto pouco informado e nada escrupuloso, encontrou-se, a dada altura, junto de um rico viveiro de trutas. Arregalaram-se os olhos de espanto e logo ali abriu a boca de gula. Pensou ser aquela uma soberana ocasião de expandir o seu afã de apanhar, apanhar peixes e mais peixes, mesmo que os tivesse depois de atirar fora... Um borne separava duas

valas. Numa delas podia-se pescar até uma certa quantidade de exemplares. Na outra, situava-se o viveiro das trutas, portanto estava vedada à pesca. O nosso homem não se atemorizou e deu em preparar nervosamente a cana. Pôs o isco, olhou ao redor e não viu ninguém. Como medida de precaução, não fosse o diabo tecê-las, virou o corpo para a vala onde poderia iniciar a pescaria, mas atirou a chumbada para trás das costas, e este foi cair no centro do viveiro. Pôde assim, num curto espaço de tempo, apanhar alguns bons exemplares. Porém, estava ele muito paulatinamente a desprender a última truta do anzol, quando ouviu barulho perto. E eis que desponta por detrás dumas moitas o guarda-rios, que do alto duma colina, através um binóculo, assistira a tudo. Não se limitou a retirar-lhe o peixe e a apreender-lhe a licença, como ainda lhe deu voz de prisão. Pois digo-lhes: foi uma carga de trabalhos para o libertarem! Por fim, lá pagou uma pesada multa e puseram-no na fronteira, caçando-lhe o passaporte.

De resto, em Espanha, ou em França, qualquer depredador que reincida nos atropelos à lei da pesca, pode ser punido com anos de cadeia, não remíveis a dinheiro!

Ora bem, em Portugal o que se vê é um caos

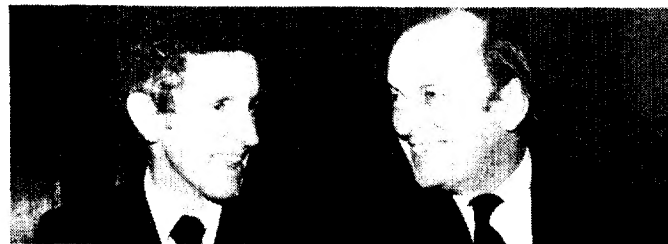
Pergunta-se: perante a obstinação dos delinquentes, é mesmo através de medidas profiláticas que temos de nos bater. Contra a falta de civismo e de respeito pelo próximo. Os rios espanhóis têm abundância de peixes e são o sonho de qualquer pescador consciente e fiel cumpridor das leis. E os nossos rios, como vão? Ora bem, em Portugal o que se vê é um caos. Ninguém se entende, nem nada de prático surge que defenda as actividades da pesca do interior. Até o próprio Ministério da Qualidade de Vida é impotente ou incapaz de agir convenientemente nestas coisas, e, que se saiba, pouco ou nada se empenha radicalmente para acabar com os tremendos abusos que se observam a toda a hora! Contra quem prejudica o seu semelhante e a Natureza! Há falta de vontade em resolver o problema e sobretudo falta de apoios e de estruturas. A velha pecha de sempre, que nos põem cansados antes da corrida...

É evidente que os prevaricadores se multiplicam e ficam impunes: nem o peixe lhes serve, a maior parte das vezes, nem quem dele necessita para se alimentar, porque é destruído nas «maternidades». Por sua vez as celulosas e outras indústrias das mais variadas curtimentas químicas, enxameiam de venenos os espaços e intoxicam as águas, assassinando todos os seres vivos dos nossos rios. Curiosamente, poderiam munir-se de eficaz aparelhagem para o tratamento adequado dos poluentes, mas quase nunca os grandes empresários entram nessas despesas... Fazem também o que querem!

E vai disto: aumentaram-se brutalmente as licenças aos pescadores desportivos, que são uma força viva e civilizada da nossa sociedade, como se fosse um castigo dado ao seu comportamento honesto. Mas até agora, nada melhorou. Vive-se na selva. Todos os processos ilícitos são usados. A socapa e às escâncaras, é conforme o meio. Chega a ser uma vergonha social. Um egoísmo relasoso de muita gente que sabe só destruir o que os outros constroem e estimam. Iludem as leis à vontade, provocando o sistemático despovoamento das nossas áreas lacustres. E depois?

É necessário pôr cobro a isto, meus senhores! Haja vergonha — e trabalhem para o bem comum! Duma vez para sempre e imediatamente!

ponto a ponto



● O presidente do Governo Regional dos Açores, **Mota Amaral**, vai acompanhar o **Primeiro-Ministro** na visita que este efectua em Dezembro aos Estados Unidos.

A visita de Balsemão, a realizar-se em meados de Dezembro, efectua-se a convite do presidente norte-americano, Ronald Reagan.

Nos Estados Unidos vive uma colónia de emigrantes açorianos superior à população total do arquipélago e ali estabelecida há várias gerações.

Os norte-americanos mantêm um destacamento na Base Aérea das Lajes, ilha Terceira.



● António Arnaut e Levy Baptista chegaram esta manhã a Lisboa, vindos de **Moscovo** onde participaram como delegação da Associação Portugal-URSS. No encontro internacional comemorativo do 60.º aniversário da formação da URSS.

O encontro das Associações estrangeiras de amizade com o povo soviético reuniu na capital soviética 180 delegados de 86 países e ainda 350 personalidades soviéticas.

No final, foi aprovado um apelo em que se apoia a política externa soviética de paz.

Os representantes portugueses também visitaram o Usbequistão, onde contactaram entidades oficiais.

● Realizou-se ontem em Londres, um encontro do ministro britânico do Comércio, lord Coekfield, com o ministro português da Indústria, Energia e Exportação, Bayão Horta.

Neste encontro, os dois ministros debateram vários aspectos das relações entre a Grã-Bretanha e Portugal, abordaram os resultados da recente reunião ministerial do GATT que se realizou em Genebra e analisaram as perspectivas de desenvolvimento das negociações bilaterais, bem como a próxima adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

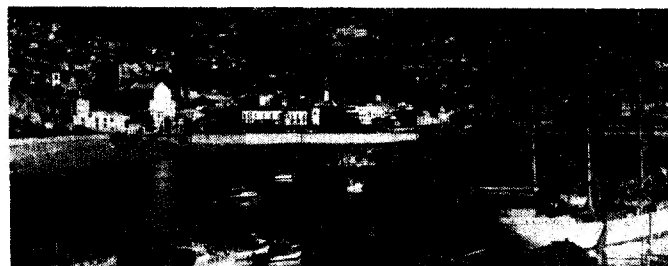


● O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu ontem no seu gabinete, em visita de **apresentação de cumprimentos**, o capitão-de-fragata David Mears, novo adido naval junto da Embaixada do Reino Unido em Lisboa, e o capitão-de-fragata Arthur James White, que deixa de desempenhar aquelas funções.

● O antigo presidente português, **marechal Costa Gomes**, parte amanhã para Moçambique, onde estará cerca de dez dias a convite do presidente moçambicano, Samora Machel.

Costa Gomes, em declarações à ANOP, referiu que a sua visita a Moçambique não tem «objectivo determinado» senão o de corresponder ao convite do presidente moçambicano.

O antigo presidente da República considerou que a sua visita se inscreve na vontade de manter boas relações com os países de língua portuguesa e nos contactos que irá ter com Samora Machel, certamente serão «troçadas impressões sobre muitas coisas de antes e depois da independência de Moçambique», disse.



● O presidente do Governo Regional da Madeira recebeu ontem uma delegação do Partido Socialista Canário PSOE, que se encontra na Madeira a convite do Partido Socialista da Região.

A delegação é chefiada pelo senador nas Cortes espanholas, Juan Rodriguez Doresti e integra o vice-secretário-geral do PSC-/PSOE e membro do Governo Autónomo de Canárias, Juan Alberto Martín, e o presidente da Câmara de Puerto de La Cruz, e membro do Comité Geral do PSOE, Francisco Afonso Carrilho.

Para participar na NATO, segundo a UEO

Portugal precisa de renovar o seu equipamento militar

— segundo relatório a apresentar amanhã na UEO

Para poder participar eficazmente no esforço de defesa ocidental, Portugal precisa de renovar o seu equipamento militar — segundo um relatório que vai ser apresentado amanhã na 28.ª Sessão da Assembleia Geral da União Europeia Ocidental, UEO, a decorrer desde ontem em Paris.

A ANOP teve acesso a este relatório e revela que aí se diz, a dado passo e após descrição do esforço económico e social realizado por Portugal em prol da defesa ocidental: «Portugal terá necessidade de auxílio dos outros países para se reequipar. (...) Os tanques M-47 e M-48, bem como os aviões G-91 e A-7, encontram-se ultrapassados. Portugal não tem actualmente qualquer avião de patrulha marítima com grande raio de acção, e, se bem que a sua Marinha

disponha de três submarinos e 17 fragatas que não têm mais de 10 a 15 anos, ela precisa de armas modernas, de navios de luta antiminas. Conviria provavelmente dar a prioridade a um equipamento apropriado para a Brigada Blindada de Intervenção Rápida, e à modernização das armas navais».

No relatório fala-se também das implicações para Portugal da entrada da Espanha na NATO, dizendo-se que ela «provo- cará alguns problemas de es-

trutura dos comandos logo que o Exército espanhol ficar integrado na estrutura militar da NATO».

Portugal interviem principalmente na zona de comando marítimo do Saclant (Comando em Chefe para o Atlântico) e, segundo parece, as autoridades portuguesas, tanto militares como políticas, estimam manifestamente que Portugal deverá continuar a ser um elemento da zona Saclant, e que as forças terrestres e aéreas portuguesas deverão ficar sob comando português, e não fazer parte do Comando Integrado da Península Ibérica. Portugal considera a Espanha como sendo um país essencialmente mediterrânico pelo

que deverá depender do Saucer (Comando em Chefe Aliado para a Europa).

A União da Europa Ocidental é constituída por sete países, e foi formada em 1948 no intuito de se fortalecer os laços económicos, sociais e culturais entre os seus Estados membros, prevendo ao mesmo tempo uma assistência mútua desde que se trate da manutenção da paz e da segurança internacionais. O tratado de Bruxelas, que foi o ponto de partida da UEO, prevê mesmo no seu artigo quarto uma assistência militar automática em caso de agressão armada à Europa.

Portugal e Espanha não pertencem à organização.

Em audiência

a C. Antunes e I. do Carmo

Eanes prometeu “a melhor compreensão” para restantes presos do PRP

Carlos Antunes e Isabel do Carmo foram ontem recebidos em Belém, pelo Presidente da República, a quem solicitaram audiência para agradecer a Eanes «a posição que assumira durante a greve da fome» dos presos do PRP.

«Agradecemos ao Presidente em nosso nome e dos outros presos e manifestamos-lhe o desejo de que continue a empenhar-se na solução global do Caso PRP» — afirmou Carlos Antunes, acrescentando que receberam de Ramalho Eanes «a melhor compreensão» para o assunto.

O dirigente do PRP disse

lhou o ar condicionado da Assembleia Popular.

Neste momento, 32 cooptados da Tepclima encontram-se em Moçambique, com um contrato por cinco anos para formação de quadros e assistência tecnológica.

Na fábrica ontem oficialmente inaugurada, mas já em funcionamento desde o 25 de Abril do ano passado, encontram-se também para aperfeiçoamento técnico, seis moçambicanos.

O general Ramalho Eanes percorreu durante o final da manhã a nova fábrica acompanhado pelos secretários de Estado da Indústria e do Fo-



Eanes na Tepclima

ainda que durante a audiência tiveram ocasião de manifestar ao Presidente da República «toda a nossa preocupação pela situação de crise económica, social e política que o país atravessa».

Visita à Tepclima

O Presidente da República visitou ontem ainda a nova unidade industrial, a Fábrica Nacional de Ar Condicionado, propriedade de uma cooperativa de projectos fabris em Carnaxide.

A nova unidade, com uma área coberta de 7.800 metros quadrados, emprega 250 trabalhadores e está de imediato vocacionada para a realização de importantes contratos firmados pela referida cooperativa com países africanos de língua oficial portuguesa.

A cooperativa de indústrias técnicas (Tepclima), produtora de instalações de ar condicionado, vai montar equipamentos da especialidade no Palácio dos Congressos, no Maputo, e num hotel da mesma cidade, por contratos, respectivamente de 51 mil e 30 mil contos.

Contratos idênticos estão a ser cumpridos no banco emissor e na rádio nacional de S. Tomé e Príncipe.

Idêntica assistência tecnológica foi prestada pela empresa em Cabo Verde, onde montou toda a rede de frio, e na Guiné-Bissau, onde insta-

mento Cooperativo, Alberto António Justiniano e José Bento Gonçalves, respectivamente.

CEE em questão

Durante o almoço, o director da fábrica João Alexandre Alves referiu-se à integração de Portugal na CEE.

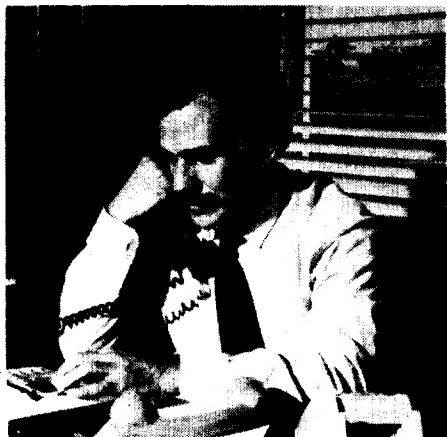
A tal propósito, afirmou: «Ninguém sabe qual vai ser o futuro das pequenas e médias empresas. Temos consciência que a integração exigirá profundas alterações estruturais às empresas e nada se conhece nem se discute como se vai sair deste impasse».

O que existe — sublinhou — são já enormes contradições, pois em tempo de integração, no nosso caso concreto, quase fomos levados à paralisação por atrasos na emissão de licenças de importação».

Os secretários de Estado da Indústria e do Fomento Cooperativo salientaram, em breves improvisos, a importância do sector cooperativo, referindo a sua capacidade tecnológica, factor de peso no relançamento da economia portuguesa.

Hoje na Luz

O PR visita, entretanto, esta tarde o Estádio da Luz, a convite da direcção do SL e Benfica. Objectivo: ver as novas instalações e inaugurar a nova iluminação do campo de futebol, cuja obra agora concluída orçou em cerca de 32 mil contos.



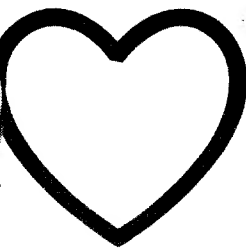
A vida do seu marido é muitas vezes tão intensa que nem lhe dá tempo para pensar nos riscos a que sujeita o coração. Ninguém melhor que Você para o aconselhar a que fume menos, faça exercício, controle regularmente o peso e a tensão arterial.

E existe uma coisa então que só Você poderá fazer: proporcionar-lhe uma alimentação equilibrada, evitando excessos de sal e usando, de preferência, gorduras poli-insaturadas. As gorduras poli-insaturadas, graças à sua riqueza em ácido linoleico, contribuem para a regularização dos níveis de colesterol no sangue, o que é saudável para o coração.

Use BECEL — uma margarina poli-insaturada, com alto teor de ácido linoleico, saborosa e sem sal. Óptima para barrar no pão e ser utilizada nos cozinhados.

becel

margarina especial sem sal



becel — um conselho do coração

Ào Instituto de Alimentação Becel
Apartado 2113 — 1128 Lisboa Codex
Folheto "Dê ao seu marido um conselho do coração"
a sua família: ☐ Como proteger
Sugestões Culinárias ☐
Nome _____
Morada _____

Angústia Desespero Solidão

54 45 45

uma voz amiga e estará contigo



Campanha AD arrancou no Porto sem Freitas do Amaral

Muita festa, pouca convicção

PORTO, 30 — Foi com uma festa ruidosa que a AD lançou, ontem à noite, a sua campanha oficial para as eleições autárquicas. Coliseu cheio, vibração a rodos, sobretudo por parte de jovens, repetição de «slogans» das campanhas anteriores, assobios para o Presidente da República, gritos de «morte aos comunistas», e uma coisa visível: falta de convicção. A AD não acredita na vitória por maioria absoluta. «Não acreditam nas sondagens, as sondagens sois vós» — clamava o candidato Paulo Valada.

Tão significativa como a falta de convicção da AD foi a ausência de Freitas do Amaral do comício. Os dois outros líderes — Pinto Balsemão e Ribeiro Teles — compareceram, mas por banda do CDS quem lá estava era Basílio Horta, sempre a «bengala» destas ocasiões. Não foi dada qualquer explicação para o facto e por isso da assistência se ouviu por diversas vezes: «E o Freitas?». Segundo um alto dirigente do PSD com quem trocámos impressões, a ausência do líder centrista só tinha um sentido: «O CDS não está nitidamente com esta candidatura». Explicação do mesmo dirigente: «Porque se Valada ganhar à vontade é o PSD que se reforça no Porto e isso ele não quer». Curiosamente como nos disseram vários dirigentes sociais-democratas, o CDS não está minimamente empenhado na campanha portuense. «Veja — dizia-nos um dirigente social-democrata — que os do CDS não fizeram nada para este comício e só chegaram às 22 e 30».

No final, quisemos saber de Basílio Horta a razão da ausência de Freitas do Amaral. «Não sei» — disse-nos o ministro. «Mas veio substituí-lo?» — inquirimos. «Vim» — e mais não disse. A seguir, Pinto Balsemão dir-nos-ia a sua razão: «Vai amanhã para Bruxelas».

«AD de boa saúde»

Apesar de tudo, Balsemão afirmou no comício que se «há por aí vozes de que a AD está doente, ela veio ao Porto dizer que está viva, de boa saúde e que vai para a frente com o apoio da maioria dos portugueses e das portuguesas». «É por isso — insistiu — que antes de mais estamos aqui». Freitas do Amaral não estava.

Segundo Balsemão, a AD não quer o poder «como mero exercício lúdico», mas sim «para cumprir o programa para que foi eleita». Referindo-se à grave crise que atravessamos, o líder social-democrata esbateu-a com o que se passa noutros países mais desenvolvidos e considerou que «a doença se cura com trabalho, produção e fé». Insurgiu-se contra a pequena e a grande intriga — «porque em política há regras morais que não podem ser desprezadas» — e protestou contra o facto de a Comunicação Social dar destaque a dirigentes que têm projectos anárquicos, «enquanto aqueles que trabalham pela Pátria são constantemente deturpados».

Os únicos assobios que se ouviram — e foram prolongados — ao PR, ocorreram precisamente quando Balsemão falava no veto da Lei Eleitoral que impediria que a APU concorresse com as «argolinhas». Aqui também rebentou o «slogan» «Morte aos comunistas», já ouvido quando Basílio Horta falava.

Fazendo apelo ao voto em Paulo Valada, Balsemão disse que votar no PS é não saber em que partido se vota: «Se no de Mário Soares, no de Zenha ou no dos apoiantes do partido presidencial». Por isso: «Não há alternativa». Para terminar, o apelo ao sentimento: «Estas são as primeiras eleições autárquicas depois do desaparecimento de Amaro da Costa e de Sá Car-

neiro, a melhor homenagem que se lhes pode prestar é vencer no Porto por maioria absoluta.»

«A hipocrisia tem limites»

Este argumento já havia sido agarrado quer pelo candidato AD à Assembleia Municipal, o centrista Neiva de Oliveira, quer pelo ministro Basílio Horta. Fraco naquele, com vigor neste. Da intervenção de Basílio Horta destaca-se a promessa e o apelo à unidade da AD. «Muito há a cumprir, mas a AD há-de cumprir, porque somos homens de palavra, porque a AD não mentiu nem poderá mentir ao seu eleitorado» — foi uma. «Não podemos admitir que sejamos nós próprios a desvirtuar a AD, agarrando o acessório e esquecendo o principal» — foi outra. António Vilar, presidente do PSD no Porto não bateu palmas. Outros sociais-democratas também não. «A hipocrisia tem limites» — dizia-nos, no final, um dirigente recordando que há cerca de um mês, também no Porto, Basílio Horta tinha dito que o CDS não podia continuar a ser a «bengala» do Governo de Balsemão.

Se o ministro centrista quis ser o arauto da unidade, Ribeiro Teles apresentou-se como servidor. «Não estou aqui como líder da AD, sou apenas um servidor da AD, enquanto esta continuar a...».

Outra tirada do «servidor» monárquico: «O PPM não precisa de líderes para que a AD sirva Portugal». Exclamação de Balsemão: «Boa».

Quanto às ilações a tirar dos resultados eleitorais para além do carácter local, Ribeiro Teles, foi peremptório: «É um abuso». Porque «o Governo é Governo, enquanto estiver suportado por uma maioria parlamentar».

«O momento é de fé»

Foi assim que Paulo Valada classificou o momento presente. «Ajudem-me porque a mensagem evangélica tem de ser dita: ajudemo-nos uns aos outros». Não, não se estava numa igreja nem a câmara é propriamente uma capela, mas é assim que o candidato da AD fala. Paulo Valada não tem nem a garra, nem o à vontade dos pregadores dos sermões dominicais, mas diz sem peias: «que mal há em ser-se cristão e político».

Na sua intervenção de ontem, Paulo Valada repetiu o teor das considerações que já havia feito na entrevista que concedeu ao «DL»: disse que «a cidade é feita no coração de todos nós», insistiu na importância do poder cívico, considerou que o primeiro problema a resolver é o do desemprego, apelou à solidariedade e concluiu que «a calúnia a inveja é que têm destruído a cidade». Apesar de, mesmo no seio da AD poucos acreditarem no seu candidato, não há dúvida que Paulo Valada tem um discurso diferente. Mais «cristão» que «político»? Certo, mas que ultrapassa a simples listagem dos problemas. Melhor: esquece-a de propósito. Curiosamente, não se ouviu de ninguém uma única palavra relativa

a actual gestão AD classificada, por largos sectores, de catastrófica. O que se ouviu foi a repetição de um slogan: «Vamos construir uma cidade nova».

Neiva de Oliveira fez uma intervenção fraca, mas teve o mérito de arrancar a primeira grande ovação da noite, ao recordar Sá Carneiro. O pior foi quando disse que as eleições autárquicas eram, na opinião de algumas pessoas da AD, «um teste à oposição».

Pinto Balsemão franziu o sobrolho e olhou para o orador com espanto. Mas Neiva de Oliveira não deu pela «gaffe».

De resto, o que caracterizou este comício foi a festa com ranchos e cantigas a esbaterem a «fé», pouca, na maioria absoluta.

L.H.M.



Um aspecto da assistência durante o comício ontem no Porto

MACONDE EM CRESCENTE EXPANSÃO AGORA EM SACAVÉM

A PARTIR DE
2 DEZEMBRO

Maconde. A inaugurar em Sacavém a sua 29.ª loja. Maconde. A apresentar uma nova colecção, pronta-a-vestir o seu Inverno. Maconde. A moda que veste toda a família. A qualidade e economia, exclusivamente reservadas aos possuidores do cartão Maconde.

Venha visitar-nos!
Av. S. José, n.º 17
2685 SACAVÉM

Preencha e entregue na recepção de qualquer das lojas Maconde, para receber o seu cartão Maconde definitivo

MACONDE
PRONTO A VESTIR

CARTÃO "1 DIA"

NOME: _____

MORADA: _____

CÓDIGO POSTAL: _____

LOCALIDADE: _____

Válido até 31 de Dezembro de 1982.

nova colecção
OUTONO INVERNO

MACONDE - MODA - QUALIDADE - ECONOMIA

Desde ontem

Trabalhadores da Setenave concentrados à entrada dos estaleiros navais

Os trabalhadores da Setenave estão hoje concentrados, pelo segundo dia consecutivo, à entrada dos estaleiros navais da empresa, em Setúbal, segundo informou a respectiva comissão.

Os cerca de 6100 trabalhadores exigem uma data concreta para o pagamento do salário de Novembro e do décimo terceiro mês, alegando a administração que não tem verbas disponíveis e que procura desbloquear o assunto junto do Governo.

O administrador encarregado do pelouro do pessoal foi o único que compareceu à entrada dos estaleiros, para informar os órgãos representativos dos trabalhadores de que a gerência não estava em condições de se reunir de imediato com eles e de lhes dar garantias quanto à satisfação das suas reivindicações.

Messa: «Manif» suspensa

Os trabalhadores da Messa decidiram suspender as manifestações que estavam previstas para hoje, junto ao Ministério do Trabalho e do Instituto de Participações do Estado, segundo informou a comissão de trabalhadores (CT) da empresa.

A decisão prende-se com o facto de terem sido marcadas reuniões, nesses dois departamentos, para quinta-feira.

Foi marcado plenário de trabalhadores para dia 3, para análise dos resultados dessas reuniões que, se não apontarem para «garantias concretas», quer em relação ao futuro da empresa, quer ao recebimento dos quatro meses em atraso, «se definirão novas formas de luta» a efectuar «sem mais adiamentos» na semana seguinte.

A Crise na Cristalaria crise

Cerca de 500 trabalhadores com mais de cinco meses de salários em atraso

Os dirigentes sindicais do sector de cristalaria foram ontem recebidos pelo chefe de gabinete do secretário de Estado da População e Emprego, a quem expuseram as reivindicações dos trabalhadores, tendo sido marcada nova reunião para o dia 10 de Dezembro, a fim de lhes ser dada uma resposta do Governo sobre as medidas destinadas a viabilizar o sector.

Em princípios de 1976 foi apresentado ao Executivo um estudo elaborado por uma comissão tripartida sobre a situação económica e financeira das empresas de cristalaria, sugerindo medidas com vista à sua viabilização.

«Desde então — diz a Federação dos Sindicatos das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Vidro de Portugal — a atitude dos vários Governos tem-se pautado pela

indiferença pelo agravamento da situação no sector e até pela tomada de medidas que inviabilizam totalmente a recuperação das empresas».

O comunicado da Federação afirma ainda que «alguns dos Governos, com especial destaque para os da AD, optaram pelo estrangulamento de parte das empresas com o objectivo de favorecer a concentração da indústria cristaleira nas mãos de apenas um grupo financeiro».

Neste momento, afirmou no «DL» um dirigente sindical, «cerca de 500 trabalhadores do sector de cristalaria não recebem salários há aproximadamente seis meses e a situação tende a agravar-se».

A Federação afirma que a luta vai continuar, se entretanto o Governo continuar a boicotar a viabilização do sector de cristalaria.

Função Pública em greve nacional

Proposta do Governo não satisfaz

Os trabalhadores da Função Pública estão hoje a cumprir uma greve nacional de 24 horas, após o malogro das negociações ontem realizadas entre o ministro da Reforma Administrativa, Meneses Pimentel, e a Comissão Negociadora Sindical (CNS).

Na sequência da reunião, a CNS emitiu um comunicado no qual dá conta das ligeiras alterações à proposta inicialmente apresentada pelo Governo: a tabela salarial passou de 16 para 17 por cento, o aumento das diuturnidades de 1009 para 1018 escudos e o subsídio de refeição manteve-se nos 90 escudos.

No entanto, estes valores continuam a ser considerados como manifestamente insuficientes pelos sindicatos que, por isso, exortam os trabalhadores a «demonstrarem na greve de hoje o seu repúdio pela proposta do Governo». O mesmo Executivo que «reconhece a degradação dos salários da Função Pública mas nada faz para alterar a situação», tornando-se assim, «responsável» pela paralisação que hoje está a decorrer. Aliás, garante a CNS dos sindicatos da Função Pública, esta «greve não será a última das formas de luta que os TFP's irão continuar a desenvolver em defesa dos seus direitos e interesses, ameaçados pela política deste Governo».

Entretanto, também a Frente Sindical da Administração Pública (FESAP), afecta à UGT, considerou, após a reunião com o MRA, que os trabalhadores da Função Pública terão toda a legitimidade para encetarem formas de luta. A FESAP que qualifica de «preocupante» a situação de impasse nas negociações entre os sindicatos do sector e o ministério da tutela enviou, na semana passada, à Frente Comum de Sindicatos uma proposta de reunião urgente a fim de encontrarem formas de luta conjuntas.

Diminuição do salário real

Os trabalhadores da Administração Central e Local, cerca de 325 mil, têm visto os seus salários reais diminuírem progressivamente. Segundo dados sindicais, tal quebra iniciou-se em 1976 e atingiu

agora os 30 por cento, estando assim ao nível de 1974.

Desta forma, os trabalhadores reivindicam 22 por cento de aumento médio nos vencimentos, bem como a actualização dos subsídios de refeição e das diuturnidades.

As lutas na FP

A primeira greve da Função Pública portuguesa decorreu em 1920, entre 4 e 14 de Março, convocada pela Associação de Classe dos Empregados de Estado, que terminou com a satisfação parcial das reivindicações dos cerca de 30 mil funcionários públicos.

Em 1924 a Função Pública esteve em greve de 23 a 27 de Fevereiro e de 18 a 20 de Março.

Com a publicação do Estatuto do Trabalho Nacional em 1933, os trabalhadores portugueses viram cerceado o direito à greve e a Função Pública foi proibida de organizar-se sindicalmente.

Depois do 25 de Abril, os trabalhadores da Função Pública efectuaram a sua primeira greve em 10 de Março de 1978, forma de luta que

Previdência e Segurança Social

A greve de 24 horas que os trabalhadores da Previdência e Segurança Social ontem desencadearam registou uma adesão de 71,2 por cento. Segundo dados fornecidos pelo Secretariado da Frente Comum de Sindicatos, em Lisboa, Porto, Setúbal, Leiria, Aveiro, e Viana do Castelo registaram-se «das maiores adesões de sempre no sector». Depois de considerar que com esta forma de luta os trabalhadores deram assim «resposta às últimas posições do ministro dos Assuntos Sociais e do secretário de Estado da Segurança Social» aquela

repetiram a 6 de Abril do mesmo ano, em defesa da proposta reivindicativa comum.

Em 1980 paralisaram três dias em 17 de Abril e 27 e 28 de Maio — em defesa das matérias constantes da proposta reivindicativa, nomeadamente maiores aumentos salariais e a anualidade da tabela.

Por idênticos objectivos efectuaram paralisações por sectores e gerais que totalizaram seis dias de greve em 1981, tendo visto posteriormente consagrado na lei o carácter anual da revisão com início em Janeiro.

As greves da Função Pública têm sido geralmente antecederadas ou acompanhadas de concentrações e manifestações, plenários nos locais de trabalho, abaixo-assinados e outras iniciativas.

Quanto a estas, pretendem que sejam fixados em 1200 escudos, valor que já é, aliás, atribuído nas Forças Armadas; em relação ao subsídio de refeição os TFP's reivindicam 110 escudos, uma vez que consideram «ridículos» os 60 escudos que actualmente recebem.

estruturas sindicais adianta que os trabalhadores não se deixaram «intimidar com manobras de última hora que apenas visaram a desmobilização».

Diversas violações à Lei da Greve foram denunciadas pelos sindicatos. Assim, em Santarém, o Centro Regional contratou uma empresa pri-

vada para substituir trabalhadores em greve, enquanto na Caixa do Comércio e no Centro Nacional de Pensões, os órgãos de gestão substituíram os grevistas.

Os trabalhadores da Previdência, cerca de 20 mil, lutam pela manutenção das suas regalias ameaçadas após a sua integração na Função Pública. O pessoal auxiliar, por seu lado, reivindica a saída do diploma de carreiras e contra o aumento dos horários de trabalho.

Misericórdia

A greve marcada para ontem pelos trabalhadores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa foi suspensa por decisão plenária.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores, a suspensão fica a dever-se ao «facto de o projecto de revisão da portaria 690/74 se encontrar em fase de ultimção e ainda ao facto de a administração da Santa Casa ter sido incumbida de, até ontem, corrigir o projecto apresentado por si anteriormente e entregá-la ainda ontem ao director-geral de Organização e Recursos Humanos.

A mesma informação refere que o ministro dos Assuntos Sociais mandou o referido director-geral para elaborar com o sindicato e a administração, a versão final do projecto.

«Da parte do director-geral — adianta — foi assumido o compromisso de reunir ontem mesmo com a administração da Santa Casa e terça-feira com o sindicato», para que, o mais tardar quinta-feira, o projecto seja entregue ao ministro para assinatura.

Caso os compromissos assumidos não sejam respeitados, salienta a informação sindical, o plenário marcou nova greve para os dias 6 e 7 de Dezembro.

A greve fora marcada para pressionar a aplicação dos decretos publicados após 1979, destinados a regulamentar as carreiras, e até agora nunca implementados.

Administração da Cometna concede privilégios a si própria e aos directores

— acusa um delegado sindical

Desde Fevereiro último que os trabalhadores da Cometna têm vindo a travar uma intensa luta contra a administração da empresa, acusando-a, designadamente, de prepotência, intransigência, ilegalidade, recusa ao diálogo e abuso do poder.

Manuel Nascimento, delegado sindical da empresa, afirmou ao «DL» que a administração da Cometna tem recusado negociar o caderno reivindicativo que lhe foi entregue em 26 de Fevereiro e, «de forma unilateral e ditatorial, impôs-nos aumentos salariais com carácter selectivo, à volta de 19 por cento para a esmagadora maioria dos trabalhadores, enquanto que para alguns privilegiados chegou a atingir 38 por cento».

Aquele trabalhador acusou também a administração de conceder «privilégios avultados aos directores e a si própria», tais como senhas de refeições no valor de 10 mil escudos a vários elementos da direcção; senhas

de 100 litros de gasolina; viaturas da empresa (pagando as respectivas despesas de gasolina e manutenção) tanto «nos fins-de-semana como em férias».

Perante esta situação, diz Manuel Nascimento, «não cruzamos os braços», o que levou os trabalhadores de Abril até Agosto último, fazerem mais de 120 horas de paralisação, com o prejuízo decorrente na produção «cerca de 1300 toneladas de aço e ferro não vazado», o que custou à empresa «cerca de 130 mil contos». Para o delegado sindical, esse montante «chegava e sobrava» para pagar as reivindicações dos trabalhadores.

De referir que a administração da Cometna, violando a lei da greve, em Junho último desmontou ilegalmente o dobro das horas de paralisação, tendo os trabalhadores, como resposta, feito uma concentração junto ao gabinete do director fabril.

A administração, nessa altura,

deslocou-se da sede da empresa para as instalações da Amadora, e segundo o trabalhador, chamou a polícia, sob a alegação de que estava sequestrada, «o que não corresponde à verdade, dado que apenas pretendíamos que nos fosse reposto o dinheiro ilegalmente descontado».

«Fúria repressiva»

Na sequência desses acontecimentos, a administração instaurou processos disciplinares a todos os membros das ORT's, «refinando assim a sua fúria repressiva», segundo o delegado sindical.

Como consequência dos processos disciplinares, a administração despediu «abusiva e ilegalmente» cinco trabalhadores, sendo um deles delegado sindical e dois ex-membros da CT.

Os trabalhadores recorreram para o Tribunal do Trabalho dos castigos aplicados, tendo já, no único caso em que este se pro-

nunciou, suspendido o despedimento do delegado sindical, considerando-o «nulo e de nenhum efeito» à face da lei 68/79, o que repôs assim a verdade dos factos.

«Desde o passado dia oito, eu próprio — diz Manuel Nascimento — tenho vindo a entrar na empresa para desempenhar as funções de delegado sindical para que fui eleito. No entanto, a administração, tudo tem feito para me impedir a entrada. Primeiro, recorrendo à Polícia, na perspectiva de que esta viesse a actuar, pondo-me fora da empresa. Mas a Polícia limitou-se a cumprir a legalidade».

A administração, de acordo com as declarações do delegado sindical achando-se impotente para combater a legalidade, deu-lhe mão a outras formas, nomeadamente «reforçando as portarias com vigilantes de uma empresa especializada do ramo, mas os trabalhadores responderam e continuei a entrar com o

apoio dos mesmos».

Mas nova forma de repressão viria a surgir, com a tomada de posição do director fabril, secundado pelos restantes quadros técnicos, ameaçando demitir-se se o delegado sindical continuasse a entrar na empresa. Tal posição, como oportunamente noticiámos, não passou de uma ameaça, já que os quadros técnicos continuam até ao momento na empresa, a desempenhar as suas funções.

Manuel Nascimento afirmou ainda ao «DL» que os trabalhadores, conscientes da justeza da sua luta «não vergarão nem cederão a estas manobras repressivas e estarão alertas para outras possíveis acções que venham a ser desencadeadas». Por isso «continuaremos a lutar pelas nossas reivindicações e pela demissão desta administração, que não serve a Cometna, a economia nacional e tem uma política desastrosa para com os trabalhadores da empresa».

Novos salários na panificação

As novas tabelas salariais para os trabalhadores da panificação foram entregues ao Ministério do Trabalho — anunciou a Associação dos Industriais de Panificação de Lisboa.

O aumento salarial para o sector é de 17 a 20 por cento, sendo de 18,93 por cento o aumento da massa salarial.

O acordo foi assinado entre o Sindicato Democrático das Indústrias de Panificação, Alimentares e Afins (UGT) e as Associações de Industriais de Panificação de Lisboa, Associação dos Industriais de Panificação do Alto Alentejo e Associação Regional dos Panificadores do Baixo Alentejo.

Deste acordo beneficiam os empregados do sector dos distritos de Lisboa, Satarém, Setúbal, Leiria, Portalegre, Évora, Beja e Faro e ainda os empregados de outros distritos «desde que as empresas onde trabalham sejam associadas da Associação dos Industriais de Panificação de Lisboa, por esta ter âmbito nacional».



As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Colagem de cartazes abriu ruas à campanha

O presidente da Comissão Nacional de Eleições fez ontem uma comunicação ao país, a propósito do início da campanha eleitoral às zero horas de hoje, terça-feira.

O conselheiro Melo Franco, que para a sua alocução utilizou a rádio e a televisão, formulou um voto de «que a campanha decorra com elevação, devendo todos os actos a ela respeitantes serem orientados e conduzidos tendo sempre em vista o interesse do país e dos cidadãos».

Horas depois, à meia-noite, começavam as colagens de cartazes um pouco por todo o país, em iniciativa dos diversos partidos políticos que, campanha a campanha, a repetem.

A AD, por exemplo, transformou a colagem de cartazes numa operação simbólica e circunscrita. Procurava, assim, evitar reuniões de militantes seus, com a alegação de «prevenir que sucedesse qualquer coisa de desagradável na sequência do desastre de domingo na Amadora».

A APU, em contrapartida, procedeu durante a noite ao começo de uma operação de colagem de cerca de 60 mil cartazes, com particular incidência na baixa lisboeta e em Alcântara, Belém, Prazeres, Ajuda, Príncipe Real e Beato.

O MRPP também se ocupou de algumas colagens, seleccionando os locais para o efeito. O Rato e Alcântara foram as áreas predilectas daquela organização.

O início oficial da campanha não foi apenas oportunidade à colagem de propaganda. São visíveis sinais de destruição de muita propaganda, aparentemente resultado da passagem das brigadas opositoras quando afixavam a sua. A sobreposição de propaganda também não é rara.

O respeito pelas opiniões

O presidente da Comissão Nacional de Eleições, na sua intervenção de ontem dirigida a todos os cidadãos eleitores, advertiu-os para a necessidade de conhecerem convenientemente «todos os programas de todas as forças políticas concorrentes às eleições».

Essa necessidade foi justificada com a possibilidade de os cidadãos assim tomarem conhecimento de «quais os problemas a resolver e as grandes linhas de conduta que essas forças políticas se propõem prosseguir».

«Assim ficarão a saber qual dessas forças políticas, segundo o seu entendimento, é a que melhor servirá os interesses da sua região e da respectiva população» — prosseguiu o conselheiro Melo Franco.

A sua comunicação continha ainda um apelo ao «respeito pelas opiniões, pontos de vista e tendências políticas contrárias, combatendo-as ou refutando-as se necessário, com desassombro mas com urbanidade».

Mais contactos menos comícios

A presente campanha eleitoral parece tender a privilegiar os contactos porta a porta e as sessões informais, em prejuízo dos comícios e iniciativas de grande repercussão.

As eleições autárquicas do próximo dia 12 revestem-se de uma importância particular: a dois anos das últimas eleições

legislativas tornam-se num teste à popularidade da coligação governamental.

Os dois anteriores actos eleitorais para as autarquias verificaram-se em 1976, cerca de seis meses depois das eleições legislativas ganhas pelo Partido Socialista; e em 1979 realizaram-se duas semanas depois da primeira vitória da AD nas legislativas.

O presente acto eleitoral, cujos prazos de campanha terminam no dia 10, conta com a participação dos seguintes partidos ou coligações ordenados alfabeticamente: AD; APU; ASDI; CDS; OCMLP; PCT/MRPP; PDC; POUS; PPM; PS; PSD; PS-UEDS; UD e UDP.

As candidaturas envolvem um total de 250 mil cidadãos eleitores que visam preencher os 70 mil mandatos para o Poder Local em disputa.

O recenseamento actualizado para o ano corrente dá um total de sete milhões de portugueses inscritos nos cadernos eleitorais.

Os 70 mil mandatos a que nos referimos estão distribuídos este ano por 305 concelhos e 4052 freguesias do continente e das regiões autónomas.

Um dos aspectos legais particulares da presente campanha é a inexistência de tempo de antena na rádio e na televisão. A divulgação de programas está, pois, circunscrita aos órgãos de Comunicação Social e aos próprios aparelhos partidários.

Por outro lado, até ao dia 10 de Dezembro é proibida a divulgação dos resultados de sondagens ou inquéritos sobre a intenção de voto dos eleitores.

Nos Açores, reino dos ananases políticos (III)

Das pequenas-grandes corrupções e escândalos ao trabalho discreto da APU

Como certamente o leitor já reparou — se leu as duas crónicas anteriores sobre os Açores — dá gosto ir ao arquipélago para ouvir as histórias que ali há para contar. São tantas, tantas, que até apetece a gente ficar sentado à conversa, abrir a boca de espanto e perguntar: Abril já chegou?

É evidente que sim, que Abril chegou, que muita coisa mexe, como espero poder demonstrar no correr destas palavras. Antes, porém, acho que vos devo dizer que às 14 e 30 de uma segunda-feira, quando me dirigia para o pequeno avião que ia voar de Ponta Delgada para a Horta, voz amiga me disse em plena placa do aeroporto:

«Sabes quem é aquele sujeito pequenino que ali vai?»

Claro que não sabia. Mas depressa fiquei a saber:

«É o ex-presidente da Câmara de Lagoa. Chama-se Raolino, tinha sido eleito pelo PSD, mas o escândalo da sua actuação foi tão grande que o Governo Regional se viu obrigado a dissolver a câmara. Claro que o que devia ter feito era demitir o presidente, mas assim deu mais jeito.»

A história, engrassadíssima, envolve acusações fortes, vindas de vários sectores, quanto ao aproveitamento do cargo pelo sr. Raolino. Dizem, por exemplo, que é o dono de uma empresa de materiais de construção, a qual, por obra e graça talvez do Senhor Santo Cristo, era a única fornecedora, no ramo, da câmara municipal... A gota que terá feito transbordar o copo do escândalo foi, ao que consta, a construção de um caminho perto da casa de um parente. Enfim, coisas de família, que, bem vistas as coisas, devem ser respeitadas.

Até ao momento, e apesar de a câmara ter sido dissolvida, ainda não foram divulgados os resultados do relatório feito pela Secretaria de Administração Pública. E o sr. Raolino, calmamente, continua a voar de ilha para ilha, tratando dos seus respeitáveis negócios.

«Mas ele não foi chamado à pedra? Não presta contas? Não lhe acontece nada?» — perguntei, ingenuamente admirado.

«É um brincalhão» — respondeu o meu amigo. «Não lhe aconteceu nada a ele e não aconteceu nada ao PSD. Tudo continua numa boa.»

E em jeito de gozo relatou-me numerosos casos de corrupção que são voz corrente nas ilhas e lembrou-me como em 80 e 81 dois secretários regionais haviam sido demitidos por estarem envolvidos em escândalos de má conduta.

«Um, era o secretário regional de Transportes e Turismo, um tal Martins Mota, apanhado em fla-

grante em vigorosas práticas sexuais em local pouco recomendável para o efeito. Mas há quem diga que isso foi só um pretexto, pois o motivo real para cair em desgraça prendia-se com o porto das Flores. O outro, era o secretário regional do Trabalho, Gentil Lagarto, que se veio a descobrir ser uma espécie de banqueiro, em S. Miguel, do clandestino jogo do bicho... Ah, meu caro, mas quantas histórias se podiam contar — deste e doutro teor...»

Um candidato que vem de longe

Claro: em meios pequenos tudo se sabe. E as histórias surgem com pormenores que merecem, sempre, no passado. É o caso, por exemplo, do que me contaram sobre o candidato actual do PSD à presidência da Câmara das Lajes das Flores — a tal que o PS vai perder sem apelo nem agravo, como, de resto, me confessou o próprio responsável do PS com quem falei — Carlos César.

«A questão tem a ver, não com o partido, mas com a gestão que o presidente da edilidade, que havia sido eleito nas nossas listas, como independente, foi fazendo. Há sete meses que dois vereadores nossos se demitiram por não concordarem com essa gestão, bem como o comportamento pessoal do presidente, mas a verdade é que tudo indica que o PS vai perder aquele município» — disse.

Já agora, um pormenor: nas Lajes das Flores, onde a APU já teve um vereador em 76, para o

perder em 79, e agora voltar a ter todas as probabilidades de o reconquistar (até talvez acompanhado de um outro camarada), este ano a ASDI vai, pela primeira vez, concorrer à câmara. Por sinal, nas suas listas aparece o tal presidente eleito pelo PS que, actualmente, está em maus lençóis. Mas isso são outros contos que não vem para o caso relatar.

Voltando ao candidato do PSD: trata-se do sr. José Silva, actual deputado regional pelo partido de Mota Amaral, que conhece demasiado bem o cargo. É que, manda a verdade que se diga, ele foi, no tempo do fascismo, presidente daquela câmara durante treze anos, o que é uma notável proeza uma vez que, de acordo com a legislação então vigente, ele apenas poderia, no máximo, ter sido presidente durante doze...

De resto, do palmarés do sr. José Silva, muitas outras coisas se contam. Vamos a um exemplo? Ei-lo: dizem que ele, nesses tempos que já lá vão, chegou a prender pessoas na despenha da câmara. E da fama, pelo menos, não se livra. O que, bem vistas as coisas, não tem importância nenhuma: neste momento ele é, naquela bela e pequena ilha de 4000 habitantes, o representante da Junta Nacional de Produtos Pecuários e da Secretaria Regional do Comércio e Indústria, o que significa, apenas, que é ele quem superintende em tudo o que diz respeito à exportação de carne e lacticínios, e à importação de adubos, pesticidas, frutos, etc., etc.

«E poucas dúvidas há que ele vai ganhar mesmo a câmara» — rematou o meu amigo, querendo com isso dizer que as coisas vão levar muitos anos a transformar-se.

Na verdade, é indispensável conhecer os Açores.

APU: trabalho discreto e notável

Discreta, a APU vem desenvolvendo, neste ambiente, uma actividade limitada, mas notável, que se estende já a praticamente todas as ilhas.

Antes de falar no que hoje se passa, um breve salto a um passado recente: nos primeiros anos depois de Abril as suas

sedes foram incendiadas, os seus militantes ou simplesmente simpatizantes (ou disso suspeitos) foram agredidos, vexados e expulsos do arquipélago, a primeira vez que o PCP foi convidado pelo Governo Regional para uma cerimónia oficial verificou-se apenas em 1979. Mais precisamente em Março.

Hoje a situação é bem diferente, de facto. O que não impede que se diga que as pressões, as ameaças veladas, as perseguições continuam a ser o pão nosso de cada dia. Na verdade, muita gente há nos Açores que, apesar de se situarem na área da APU, não aceitam participar em qualquer actividade com receio de represálias, com medo de perder o emprego ou de não o conseguirem para um familiar. Casos há em que pessoas que em princípio aceitaram integrar listas da APU para as autárquicas vieram a desistir por pressões directas, feitas nesse sentido, por algum superior hierárquico no aparelho administrativo ou pelas palavras, directas ou indirectas, de alguns membros do clero que do seu ministério têm uma noção pouco rigorosa. E do que se passa no sector da actividade sindical, bom, meus amigos, até dá pena falar: há delegados sindicais despedidos e perseguidos, procura-se da maneira mais sofisticada, ou simplesmente brutal, evitar que a vida sindical se desenvolva.

É, sem dúvida, bem duro ser militante activo da APU nos Açores. Mas a pouco e pouco as coisas vão mudando, como nos disse Decq Mota, membro suplente do CC do PCP e responsável máximo dos comunistas nos Açores:

Em termos de perspectivas eleitorais há uma certeza: a APU vai subir claramente. Este ano aumentámos as nossas listas de freguesia para ligeiramente mais do dobro das de 79: de 31 nessa altura passámos para 82. Apenas não concorremos nos concelhos de Santa Cruz da Graciosa e Corvo, e em Velas e Calheta, em S. Jorge.

Independentes e pressões

As listas da APU — diz Decq Mota — têm cerca de 50 por cento

de independentes, possuem como característica geral «uma certa qualidade» — economistas, professores, médicos, engenheiros arquitectos — e, no conjunto, integram «ligeiramente mais de mil candidatos».

«Gostaríamos de as ter alargado mais. Mas por agora tal não foi possível. Para arranjar esses mil nomes fizemos mais de 3000 contactos, mas há muita gente que ainda tem medo. Contudo, é já evidente, para toda a gente que a nossa influência social é de longe superior à nossa influência eleitoral» — esclareceu Decq Mota. **Está fora de questão que ainda existe uma cadeia muito apertada de controlo e de pressão sobre as pessoas.**

Os objectivos eleitorais da APU são claros: reforçar a sua expressão eleitoral, o que consideram estar desde já assegurado: aumentar o número de eleitos nas diversas assembleias, o que também não oferece dúvida; aumentar a área de representação geográfica, isto é, ultrapassar as oito assembleias de freguesia e municipais onde têm assento; e eleger vereadores nas Câmaras, o que, se se afugura um pouco difícil, não é propriamente impossível.

Nas Lajes das Flores é muito provável que consigamos eleger pelo menos um vereador. E no Horta, não sendo um objectivo fácil, temos hipóteses. S. Roque do Pico e Vila Franca são outras Câmaras onde conseguiremos alguma influência — sublinhou.

Dir-se-á que são objectivos modestos. Sem dúvida. Mas é preciso lembrar, para além das dificuldades atrás referidas, que o arquipélago tem nove ilhas, que as deslocacões são caríssimas, que a APU não tem quaisquer apoios ou ajudas para fazer a sua propaganda e o seu trabalho político.

As dificuldades são enormes para o trabalho partidário, especialmente quando as forças políticas estão afastadas de certos apolos ou 'usufrutos' ilegais — recordou, com alguma ironia, Decq Mota...

E, apenas para citar dois exemplos, lembrei-me como hoje é fácil para gente ligada ao governo regional viajar de bota por entre as ilhas e como, um

exemplar do «Avante!» custa, na Horta, 32 escudos...

Informação domesticada

E assim vão os Açores. Mudando, lenta mas seguramente, por um lado; continuando cada vez mais na mesma, por outro. Ou até a piorar a olhos vistos, como é o caso da economia do arquipélago, que, não é segredo para ninguém, caminha para o abismo.

De facto, é confrangedor ver o aumento vertiginoso de dependência do exterior e a falta de incentivo à política agrícola (a chamada 'monocultura da vaca' está a ter efeitos desastrosos). Para já não falar no que se passa com as indústrias das pescas, do açúcar e de tabaco, todas em crise. Até porque isso levaria a falar do que se passa à volta da Secretaria Regional de Comércio e Indústria cujo titular é Natalino Viveiros, n.º 2 do PSD nos Açores. E desde o conflito aberto entre este governante e o secretário regional da Agricultura, Adolfo Lima (envolvendo disputas quanto à carne verde ou à carne congelada a exportar para o continente), passando pelos estranhos interesses pessoais de dirigentes em empresas como a Própico (matadouro industrial-frigorífico), seria um mundo de histórias a contar.

De qualquer modo, e para terminar como comecei: o PSD, provavelmente perdendo votos, vai, nestas autárquicas, ganhar mais câmaras; o PS, com as suas ligações sem princípios, vai talvez ganhar votos e perder câmaras; o CDS, com quadros provenientes da FLA - terrorita - independentista e jogando num evidente descontentamento existente entre certas camadas pouco politizadas, vai crescer e poderá a médio prazo ser um sério rival do PSD; a APU, lenta mas seguramente, vai crescendo, ainda que por agora com objectivos modestos. As restantes forças políticas ou não existem ou não contam...

...E tudo isto envolto numa informação regional completamente domesticada — as pequeníssimas excepções são apenas para confirmar a regra — pelo Governo Regional, dono e senhor de um aparelho burocrático gigantesco e desproporcionado.

Ribeiro Cardoso

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Um pouco por todo o País

POUS, ASDI e UDP fazem propostas alternativas

Os candidatos do Partido Operário de Unidade Socialista (POUS) no concelho da Amadora propõem a «criação de um imposto municipal» destinado «a financiar as obras de saneamento básico do concelho». Tal imposto incidiria sobre os «grandes proprietários» e empresários.

Num manifesto de dez páginas, o POUS contesta o comportamento dos dois maiores partidos da Oposição — PS e PCP — considerando que se têm mostrado incapazes de mobilizar o povo para derrubar o Governo AD e impedir a aprovação do Orçamento Geral do Estado para 1983.

No entender do partido, o OGE «consagra um roubo ainda maior nas verbas das autarquias locais e cortes ainda mais profundos em todas as despesas sociais com o Estado, a habitação, a saúde e os transportes».

O manifesto reivindica a aprovação imediata de um plano de habitação social destinado a alojar as famílias que vivem em barracas — cerca de quatro mil no concelho, afirma —, propõe a recuperação dos bairros clandestinos — onde, diz, vivem mais ou menos seis mil famílias —, a construção de escolas e a municipalização de solos urbanos «para acabar com a especulação dos grandes empreiteiros e loteadores clandestinos».

«O povo não aceita que lhe venham dizer que a Câmara não dispõe de dinheiro suficiente

para empreender estas obras» — considera o manifesto, justificando: «Só em três anos o Governo AD espoliou a Câmara mais de milhão e meio de contos que por lei lhe pertenciam.»

ASDI tem sete candidatos

Os sete candidatos da ASDI à presidência de Câmaras municipais nas eleições de 12 de Dezembro (a maioria dos quais não é filiada no partido) têm uma média de idades de 44 anos.

Dentre estes, o sector profissional mais representado é o dos serviços, contando igualmente com algumas profissões liberais, um industrial e um agricultor.

O partido surge com listas próprias aos três órgãos autárquicos em oito distritos e sete concelhos.

A ASDI concorre nos distritos de Viana do Castelo, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Portalegre, Faro e Lajes — Flores.

A presidência de Câmaras candidata-se nos concelhos de Valença do Minho, Pampilhosa da Serra, Penamacor, Elvas, Monforte, Olhão e Flores.

As assembleias municipais, o partido tem listas próprias nos concelhos de Valença do Minho, Pampilhosa da Serra, Penamacor, Olhão e Flores.

Para as assembleias de freguesia, apresenta candidatos nos concelhos de Valença do Minho, Pampilhosa da Serra, Elvas, Monforte, Olhão, S. Cosmado de Armamar (Viseu) e Barçaal (Guarda).

A grande maioria dos candidatos da ASDI às presidências das

Câmaras municipais concorrem como independentes. Dos sete candidatos só o que se apresenta à presidência da Câmara de Valença do Minho, Manuel Cunha Rodrigues, é filiado na ASDI e membro do seu Conselho Nacional.

UDP explica direita em Lisboa

Um membro do Secretariado Nacional da UDP, considerou em Lisboa que «se a direita continua no poder é porque não foi seguido o caminho da luta apon-tada» pela organização.

António Queiroz falava no comício de apresentação dos candidatos da UDP pelos concelhos do distrito de Lisboa e Setúbal e perante uma assistência de 350 a 400 pessoas, realizado no sábado.

As intervenções foram feitas por Francisco Tomás, operário candidato à Câmara Municipal do Seixal, Arsénio Nunes, engenheiro, cabeça de lista à Câmara de Lisboa, Helena Pinto, candidata em Almada e que falou em nome da juventude, major Tomé, deputado do partido, e António Queiroz, que fez o discurso programático dos objectivos da organização nas eleições de 12 de Dezembro.

«Se a AD continua no poder e acentua a sua escalada reacção-ária é porque a política dos chamados grandes partidos da oposição e do Presidente da República não constituíram um verdadeiro obstáculo à direita» — disse.

No conjunto, as intervenções contestaram a política da Aliança Democrática, os seus partidos, o PS a APU/PCP e o Presidente, e negaram a todas e qualquer destas forças capacidade para resolver a crise do País.

Concluindo a partir deste ponto de vista, as intervenções

reivindicaram para a UDP o estatuto de única organização política capaz de constituir uma alternativa ao regime.

«Só a política da UDP constitui uma trincheira segura para cortar o passo à reacção e à ofensiva do capital» — afirmou António Queiroz.

A organização concorre em 12 de Dezembro a 325 autarquias, das quais 75 são câmaras municipais, 61 assembleias municipais e 189 assembleias de freguesia e abrangendo 83 municípios com um total de cerca de nove mil candidaturas.

Considerando que «tanto a AD como o PS e o PCP procuram gerir a crise nas autarquias à custa do povo trabalhador», António Queiroz afirmou que UDP propõe «um bloco revolucionário de autarcas» que realizarão a «mais ampla unidade contra a política de direita nas autarquias através da defesa de um programa mínimo, que descarregue a crise sobre os ricos e nelas defenda as reivindicações populares contra a repressão, o fascismo, a carestia, a falta de habitação, o desemprego e a anarquia do capitalismo».

Arsénio Nunes, candidato número um por Lisboa, centrou a sua intervenção à volta de dois temas: a habitação e os transportes.

Considerou, em síntese, e relativamente ao primeiro, que «só deve haver uma classe de habitações, a que responda, por igual, às necessidades de todos».

Quanto aos transportes, disse que a UDP privilegiará a rede pública e os privados comerciais.

«Mas neste domínio dos transportes — disse —, como no da habitação, como também no dos novos arruamentos, dos esgotos e dos lixos, lutaremos por que tudo seja coordenado com os concelhos vizinhos».



APU acusa Câmara de destruir cartazes

A destruição de propaganda da APU na cidade de Lisboa por parte de serviços camarários foi ontem denunciada por vereadores daquela coligação na última sessão pública da Câmara antes das eleições.

A denúncia dos factos abrange ainda a realização de inquéritos também a cargo de serviços camarários, em bairros degradados e de barracas, que terminam com o conselho de que só votando em Abecasis esses cidadãos conseguirão obter casa.

Um terceiro motivo de denúncia por parte dos vereadores da APU foi uma recente iniciativa do município de Lisboa que, em conjunto com Walt Disney Productions patrocina viagens aos Estados Unidos. Para tanto, os concorrentes terão de colar cromos numa caderneta. Num desses cromos, aparece Abecasis entregando a chave de ouro da cidade ao rato Mickey, tendo por companhia o «Pateta» e o pato Donald.

Uma das dúvidas surgidas quanto a este último caso, é se a CML está a patrocinar a Walt Disney ou se se trata do contrário. «Seja como for, a situação parece-nos muito grave» — disse o vereador Silva Graça.

Sobre a destruição de propaganda em Lisboa, Silva Graça disse que «há acontecimentos muito graves e ilegalidades inacreditáveis». Quanto às faixas em candeeiros, por exemplo, recordou que foi a própria CML a colocá-las aquando da visita do Papa.



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Concurso público para venda da máquina de fabricar manilhas

O Conselho de Administração faz público que, conforme sua deliberação tomada em reunião de 3 do corrente mês, são aceites propostas, em carta lacrada, para venda da máquina acima indicada, durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República»:

A base de licitação é de 300 000\$00

As propostas deverão ser remetidas pelo correio e serão abertas em reunião pública às 16 horas, na sede destes serviços, no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, perante a comissão para esse efeito nomeada.

O caderno de encargos está patente na secretaria destes serviços, em Oeiras, durante as horas de expediente.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 17 de Novembro de 1982

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo Carreiro Melo de Carvalho



SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
DA ZONA SUL E AÇORES

GREVE NO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TROPICAL (EX-JICU) 3 DEZEMBRO

AO PRIMEIRO-MINISTRO
AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO
AO MINISTRO DA REFORMA ADMINISTRATIVA
AO MINISTRO DO TRABALHO

PRÉ-AVISO DE GREVE TRABALHADORES DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TROPICAL (EX-JICU)

- PELA DISCUSSÃO E PUBLICAÇÃO DO REGIME GERAL E QUADROS DE PESSOAL
- POR UM NOVO TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DA FUNÇÃO PÚBLICA

Porque desde 1976 os trabalhadores do Instituto de Investigação Científica e Tropical (Ex-JICU) aguardam a publicação do Regime Geral e Quadros de Pessoal.

2. Porque os prazos definidos pela Administração têm vindo sucessiva e impunemente a ser desrespeitados por ela própria.

3. Porque tal situação tem impedido de aplicar a legislação geral saída para toda a Função Pública, colocando estes trabalhadores em flagrante injustiça e com prejuízos evidentes.

4. Ao abrigo do art.º 2.º, n.º 1, da Lei n.º 65/77, e nos termos e para os efeitos do art.º 5.º do mesmo diploma, informa-se que os trabalhadores do Instituto de Investigação Científica e Tropical (ex-JICU), estarão em greve no dia 3/12/82 entre as 14.00 e as 17.00 horas, excepto os trabalhadores a prestar serviço no Jardim e Museu Agrícola do Ultramar cujo período de greve será entre as 14.30 e as 17.30 horas e no Arquivo Histórico e Ultramarino em que o período de greve será entre as 16.30 e as 19.30 horas.

5. O facto de esta forma de luta somente ser desenvolvida agora e por um período tão curto de tempo, resulta da consciência que os trabalhadores têm dos prejuízos quer materiais quer de imagem que resultam para o País, dado tratar-se dum organismo virado, essencialmente, para a cooperação com países estrangeiros.

6. No entanto, esta forma de luta deverá ser entendida como um solene aviso da disposição dos trabalhadores para que, definitivamente, lhes seja feita justiça.

Lisboa, 29/11/82

A DIRECÇÃO

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

Setúbal na hora de eleições

É o povo quem mais ordena e os empreiteiros quem mais protesta

Desde um PS a afirmar linearmente, e sem reticências, que vai ganhar e cuja candidata diz mesmo que está já a fazer a almofada para sentar-se no cadeirão presidencial, a um PSD seguro de eleger mais um vereador e um CDS proclamando idêntico objectivo, mas principalmente interessado em ver subir a sua votação no concelho, todas as forças políticas de Setúbal convergem num ponto: o adversário a bater é a APU e é contra ele que têm as suas baterias assestadas, mesmo sabendo de antemão que têm pela frente uma barreira de 44,89 por cento de votos. Baseiam o seu optimismo num «certo descontentamento» que alegam existir em relação ao eleitorado da APU.

A isto responde a coligação maioritária com uma dinâmica eleitoral a contrastar flagrantemente com a reduzida actividade dos restantes concorrentes. Setúbal está pejada de cartazes e panos com propaganda eleitoral, na sua grande maioria da APU. Nas sedes do PS e do PCP, altifalantes voltados para a rua lançam as respectivas propostas eleitorais. No CDS e no PSD não se nota ainda a agitação de campanha. Quanto à UDP, que também concorre, a sua sede permanece inexplicavelmente encerrada, tornando infrutíferas todas as tentativas de contacto.

Há ainda um outro ponto de convergência: a elevação que todos pretendem imprimir à campanha. Onde esperávamos encontrar uma luta extraordinariamente radicalizada, deparámo-nos com umas «boas maneiras» bastante raras na vida política nacional.

Se a luta política promete vir a aumentar de intensidade à medida que a data das eleições se aproxima, dela não ressumam todavia ódios. Todos se atacam politicamente mas ninguém diz mal de ninguém abertamente, ficando bem nítida a ideia de uma boa convivência democrática neste concelho de maioria APU. Talvez isto explique a razão por que cerca de 83 por cento das resoluções tomadas pelo executivo camarário foram por unanimidade, 16 por cento por maioria e apenas 0,5 por cento rejeitadas.

Fazer mais e melhor

Mas neste cenário real ou aparente de harmonia democrática que tem afinal cada um para dizer ao seu eleitorado? Apenas que fazia melhor, que fazia mais, que tinha melhores soluções, que a APU não cumpriu o seu programa.

A isto responde a APU com números e um balanço completo da sua actividade, que vai desde a organização dos serviços ao apoio ao desenvolvimento económico, passando pelo

ambiente e qualidade de vida, desenvolvimento sociocultural, património cultural, habitação, saneamento básico, electrificação, arruamentos, transportes, etc.

A partir daqui a contradição é total com a APU a demonstrar o que fez e os seus opositores negando tudo ou quase tudo, numa controvérsia que só o eleitorado setubalense poderá resolver definitivamente no próximo dia 12 de Dezembro.

Desde 1976 que a APU mantém em todo o distrito de Setúbal uma superioridade confortável que parece muito difícil de romper por qualquer das restantes forças políticas e muito mais difícil agora com a fractura da AD no concelho.

Mais uma vez o PPM esteve na base da impossibilidade de acordo entre os partidos da AD. Após demoradas negociações o PSD local manteve o seu ponto de vista de não aceitar a colocação nas listas AD, em situação de possível ilegitimidade, de um candidato do PPM, como pretendia o CDS.

Tomando como referencial os números e a sua expressão concreta é de admitir que pouco possa mudar em Setúbal, pois não se vislumbram razões suficientemente fortes que possam levar a uma significativa inversão de voto.

Dos contactos mantidos no concelho durante alguns dias recolhemos a impressão de que as maiores queixas contra a gestão APU provêm dos empreiteiros. Alegam dificuldades postas pela Câmara à sua actividade.

Poderão ter razão, mas a «obra» por eles deixada e permitida por executivos junto dos quais encontraram maiores «facilidades» não abona muito a seu favor nem parece susceptível de comover o eleitorado. Daí que talvez não seja o melhor argumento para combater a actual maioria da Câmara de Setúbal.

O que se fez nos últimos 15 ou 20 anos no concelho e no distrito,



em matéria de urbanização, é inimaginável e a alguém deve caber a responsabilidade.

Paula Costa (PS): «Vamos ganhar»

Professora do ensino particular, casada e sem filhos, o que lhe deixa mais tempo livre para actividades políticas, Paula Costa, candidata do PS à Câmara de Setúbal pensa que «nitidamente» vai ganhar «se todos os setubalenses se unirem porque nada mais do que sentirmos o que está a passar».

Quando lhe perguntámos concretamente o que está a passar-se diz que a «cidade está apática» e que apesar do não cumprimento da lei das finanças locais «com uma melhor gestão podiam fazer-se mais coisas».

Por outro lado acha que a APU geriu muito mal a Câmara que contraiu muitas dívidas, mas sublinha as boas relações existentes como PCP, «assim como com a AD», porque «somos uma força de diálogo», acrescenta.

Paula Costa queixa-se de que a Câmara não construiu escolas primárias e assevera que, se o PS lá estivesse, tinha feito melhor, sobretudo no aspecto de ter dado prioridade a certas necessidades. «A primeira coisa que farei, por exemplo, se for eleita, será mandar arranjar o Mercado

do Livramento, porque chove lá».

Quanto à estratégia de campanha a candidata do PS afirma que a sua não será como a da APU, «que está a fazer campanha desde o meio do mês». O PS faz apenas campanha desde o dia 29 de Novembro até ao final do período estabelecido na lei.

«Será mais um porta a porta, de maiores contactos com as pessoas, para conhecer os seus problemas. Não vamos fazer um tipo de propaganda baseado em cartazes, faixas e comícios, mas de contactos directos em lugares públicos, colectividões, bairros, etc.»

Salienta que conta com a juventude para apoiar porque tem lidado muito com os jovens, pois (dá explicações de inglês e mostra-se convicta de que eles vão participar activamente). «Até porque o futuro é deles e têm que convencer-se de que, se quiserem, esse futuro poderá ser melhor».

Ainda sobre as linhas de força da campanha do PS faz notar que não se desenvolverá «pela negativa», porque o seu partido «é um partido de concórdia e de diálogo».

Não deixa contudo de afirmar que «a APU não fez nada na habitação e que no saneamento está tudo muito atrasado».

António Barroso (PSD): Eleger três vereadores

António Barroso, candidato do PSD, é engenheiro e não se considera um político profissional embora de cargos públicos tenha uma longa experiência.

Foi vereador da Câmara de Setúbal durante três anos e ocupou o cargo de vice-presidente durante 11 anos. Foi também presidente num interregno entre o major Magalhães Mexia e o dr. Constantino de Góis, que saiu em 1974, ao fim de 12 anos de presidência.

Ocupou ainda diversos cargos de gestão em empresas e foi presidente da Junta Autónoma do Porto de Setúbal.

Lamenta não ter sido possível fazer um consenso entre os três partidos da AD, situação que atribuiu ao facto de «ter-se estabelecido um certo clima de ambição dos outros partidos que queriam posições no executivo para as quais os dirigentes do PSD entenderam que não correspondia à implantação». Por outro lado lamenta não ter sido igualmente possível uma aliança com o PS, «Mas já se sabe que este partido não faz alianças nem à esquerda nem à direita».

O objectivo eleitoral do PSD traduz-se na possibilidade de eleger três vereadores e melhorar a posição.

«Acho isto possível não só porque temos um programa que

me parece válido, como porque se nota um certo cansaço da população perante um executivo APU que não tem feito grande coisa e sobretudo tem levado a Câmara a uma situação financeira muito má». O meu optimismo baseia-se nesse cansaço e nas queixas dos construtores civis que encontram peias na sua actividade».

O eng. Barroso pensa que os empreiteiros estão descontentes com a gestão da Câmara APU e que esse descontentamento pode reflectir-se no eleitorado, bem como o dos particulares que compraram o seu terreno e querem construir uma habitação».

Entre as melhores obras da APU considera a iluminação do parque do Bonfim, que «era um reduto de marginais» e o arranjo de alguns jardins «agora desde que a campanha chegou». Entre as coisas más citou o «abandono dos jardins» (até agora) e as matilhas de cães que por eles passeiam. «Não conseguem acabar com aquilo. No meu tempo havia um serviço que ia apanhar os cães de tempos a tempos. Mas o pior, pior, foram as dificuldades postas à construção privada».

Que propõe então o PSD? «Não gosto de prometer aquilo que não sou capaz de cumprir. Quero ser bastante modesto nas minhas ambições porque sei que

Continua na pág. 11

MAIS DE MIL CONTOS DE PRÉMIOS

COM OS CAMIÕES RENAULT de 6 de Outubro a 31 de Dezembro

Os camiões RENAULT oferecem-lhe:

Rentabilidade, Economia, Segurança e Assistência... e ainda mais 10 valiosos prémios!

Compre um camião RENAULT entre 06 de Outubro e 31 de Dezembro e fica automaticamente habilitado a

- Um RENAULT 5
- Uma viagem ao Brasil
- Um conjunto Hi-Fi PHILIPS
- 7 (Sete) magníficos televisores a cores PHILIPS

Contacte o Concessionário mais próximo.



RENAULT
Veículos Comerciais



de ontem para hoje

Setúbal: pena maior para assassinos

O Tribunal de Setúbal, presidido pelo dr. José Ramos dos Santos, condenou respectivamente em 16 e 20 anos de prisão, José Manuel Faria e Manuel Baptista, pelo assassinio do jovem estudante José Ricardo Antunes Cardoso, de 15 anos, ocorrido em Terroa, nas proximidades daquela cidade, em 18 de Fevereiro último, conforme então noticiámos. Os dois réus cometeram o crime para assaltar a residência do jovem, de quem eram conhecidos, batendo-lhe na cabeça com um ferro de engomar e vibrando-lhe, em seguida, sete punhaladas. José Faria, a quem o juiz classificou como «delinquente por tendência», beneficiou da atenuante de, na altura do homicídio, ainda não ter completado 21 anos.

José Gomes ainda em greve de fome

A Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) afirma em comunicado que «o preso político antifascista José Manuel Gomes, detido no Linho, entrou hoje no nono dia de greve de fome, reivindicando a liberdade condicional para si e para Maria Manuel Lara Evarad, bem como a amnistia para todos os presos políticos antifascistas». Salientando o facto de José Manuel Gomes já ter perdido sete quilos de peso e de se mostrar disposto a prosseguir a luta, a CLCR alerta a opinião pública para o facto de, se as autoridades prisionais e o juiz de Execução de Penas não tomarem as necessárias medidas, se poder cair numa grave situação que coloque em risco a vida de José Manuel Gomes.



Guarda-nocturno agredido e desarmado

Um guarda-nocturno em serviço na Rua Barão de Sabrosa, em Lisboa, foi assaltado por três desconhecidos que o agrediram a murro e a pontapé. Em seguida roubaram-lhe a pistola, marca «Beretta» de calibre 6,35.

Fogo numa casa da Avenida de Berna

Uma casa camarária, na Avenida de Berna, 64 (junto à Guilbenkian) foi ontem parcialmente destruída pelo fogo, deixando sem alojamento sete pessoas, quatro das quais retornadas de Angola. O sinistro, ao que suspeitam os bombeiros, terá sido provocado por um fogareiro deixado

aceso na cozinha, pela inquilina do primeiro andar, ausente no Hospital de Santa Maria, onde o marido se encontra internado. A casa não possui instalação eléctrica pelo que a possibilidade de um curto-circuito está posta de parte.

Tentava assaltar CTT de Palhavã

O carpinteiro António Pais, de 21 anos e residente em Chelas, foi detido ao ser surpreendido por um empregado bancário a tentar assaltar a estação dos CTT de Palhavã. Na altura da sua detenção António Pais preparava-se para partir o vidro de uma das janelas da retaguarda da estação.

Sargento «comando» detido por GNR

O 1.º sargento dos Comandos José Lencastre foi detido na Travessa do Salitre. Segundo a versão apresentada no auto de notícia presente no

Governo Civil José Lencastre teria agredido e injuriado um guarda da GNR, por motivos não referidos.

Alarmes bombistas na EDP

Elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP deslocaram-se ontem às instalações da EDP (Electricidade de Portugal) nas Avenidas Infante Santo e José Malhoa, onde telefonemas anónimos afirmavam ir deflagrar engenhos explosivos. No entanto, nada de anormal foi encontrado, tal como na Escola Preparatória de Linda-a-Velha, onde estiveram pelo mesmo motivo.

Esqueletos descobertos em Chaves

Trabalhadores camarários que se encontravam a abrir uma fossa na Praça de Camões, em Chaves, descobriram, a cerca de dois metros de profundidade, dois esqueletos humanos, um ao lado do outro, e ainda uma pia de granito

de pequenas dimensões, bem assim como alguns vestígios de peças de cerâmica. O espólio, envolvido em sacos de plástico, foi remetido para estudo para o Departamento de Arqueologia da Universidade do Minho, em Braga.

Alvejado a tiro em Olivais

Deu entrada no Hospital de S. José, onde ficou internado, Luís Nascimento, de 19 anos, por ter sido atingido com um tiro de pistola na perna direita quando se encontrava junto ao Café «O Chafariz», em Olivais Sul. Desconhece-se a identidade do autor do disparo, que se pôs em fuga, bem como o móbil da agressão.

Técnicos da RN e da Volvo já iniciaram inquérito

Vítimas do autocarro «laranja» irão a sepultar amanhã

As quatro vítimas mortais do acidente com o autocarro da Rodoviária Nacional, frente à estação ferroviária da Amadora, irão a sepultar amanhã no cemitério daquela cidade, enquanto as quatro pessoas feridas continuam em estado grave no Hospital de S. José. Aida Figueiredo, de 62 anos, uma das sinistradas, foi ontem submetida a uma intervenção cirúrgica, permanecendo as outras três na sala de observações.

Por sua vez uma equipa de técnicos em representação do Ministério dos Transportes, da Direcção-Geral de Viação, da Rodoviária Nacional e da firma produtora do autocarro, a Volvo, já iniciaram a peritagem ao veículo, neste momento estacio-

nado em Queluz sob a vigilância da GNR.

Em comunicado, a Direcção Distrital de campanha para as autárquicas da AD, coligação de que as vítimas eram militantes ou simpatizantes, distribuiu um comunicado no qual exige «um rá-

pido, total e transparente apuramento das responsabilidades» ao acidente, que diz ter ocorrido em circunstâncias que descreve como «verdadeiramente insólitas».

Eduardo Jorge: Vereador do PSD

Entretanto, em declarações ao «DP» uma pessoa, Carlos Silva, que afirmou conhecer há muito tempo o motorista Orlando Santos, condutor do veículo (profissional de pesados há 22 anos e

de autocarros da Rodoviária há oito) define-o como «uma excelente pessoa que não bebe e incapaz de fazer aquilo por ódio, política ou por álcool».

Quanto ao presidente da Câmara Municipal da Amadora, Orlando de Almeida, recordou que apesar dos vários acidentes que já tiveram lugar naquele concelho com autocarros da Rodoviária Nacional, o responsável pela manutenção das viaturas que circulam na zona, Eduardo Jorge, vereador do PSD na edilidade, «nada tem feito».

Segundo Luís Barbosa

Rede hospitalar nacional concluída no ano 2000

A rede hospitalar portuguesa estará completa no ano 2000, se forem despendidos cinco milhões de contos anuais, aos preços de 1982, afirmou ontem, em Lisboa, o ministro dos Assuntos Sociais, no decorrer da sessão de abertura da reunião sobre «Desenvolvimento da Saúde em Portugal», em que foi simultaneamente homenageado o director do Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge, professor Gonçalves Ferreira.

O preenchimento de todos os lugares existentes nos centros de saúde, concelhos por médicos, até ao final do próximo ano, foi outra das revelações feitas por Luís Barbosa, que garantiu que aqueles centros estariam preenchidos com o pessoal de enfermagem necessário dentro de três a quatro anos.

Até ao ano 2000 deverão ainda estar recuperados os hospitais degradados do país, ao

mesmo tempo que serão criados grupos de trabalho para estudar a evolução de cada uma das especialidades de saúde.

Foi ainda revelado que durante todo o próximo ano, será desencadeada uma intensa acção no domínio da pós-graduação de médicos, tendo Luís Barbosa adiantado que as bolsas para pós-graduação em Portugal e no estrangeiro subirão dos actuais oito mil para 50

mil contos em 1983.

Um novo programa televisivo de educação sanitária, a iniciar em Janeiro foi igualmente anunciado.

Entretanto, continuam os trabalhos do encontro sobre o «Desenvolvimento da Saúde em Portugal», com o debate da evolução da política de saúde e a prestação de cuidados. Estará também em foco o papel do próprio Instituto Ricardo Jorge no campo laboratorial de investigação e formação.

Campanha de solidariedade

O ministro dos Assuntos Sociais afirmou em Évora que o seu ministério tencionava lançar nos

próximos dias 24 e 25 de Dezembro uma campanha de solidariedade social entre os portugueses.

Segundo afirmou, essa campanha anunciada no almoço de inauguração do anexo do Recolhimento Ramalho Barahona, propriedade da Misericórdia de Évora tem como objectivo, promover uma maior aproximação entre todos os portugueses sejam quais forem as suas ideias políticas.

Na mesma oportunidade, salientou o papel das Misericórdias, manifestando a disposição do seu ministério em apoiá-las, de modo a poderem cumprir o papel para que estão vocacionadas nos domínios da assistência a idosos e à infância.

Secretário de Estado da Justiça em Castelo Branco

É necessário promover maior funcionalidade dos cartórios

A necessidade de promover uma maior funcionalidade dos cartórios de Registo Predial e Notarial, foi ontem defendida em Castelo Branco pelo secretário de Estado da Justiça.

A beneficiação e remodelação dos cartórios, o fornecimento de novo equipamento e a reciclagem do pessoal foram algumas das medidas preconizadas por Azevedo Soares, que se reuniu naquela cidade com notários e

conservadores do distrito, para debater problemas relacionados com os novos Códigos Predial e Notarial.

Azevedo Soares defendeu ainda a simplificação dos serviços de Registo Notarial e Predial, nomeadamente no domínio da habitação.

Outro dos pontos defendidos pelo secretário de Estado da Justiça prendeu-se com a articulação de serviços entre os notá-

rios, registos prediais e repartições de finanças, tendo sublinhado que o novo código vai permitir uma redução das fraudes e dificultar a sua realização.

Esta reunião inseriu-se no programa de esclarecimento de notários e conservadores, promovido pela Secretaria de Estado da Justiça com vista à elucidação dos Códigos de Registo Predial, Notarial e Civil.

Na mesma perspectiva se

sitou uma outra reunião efectuada na Guarda, onde aquele membro do Governo teria oportunidade de divulgar algumas das alterações aos Códigos do Registo Civil e Predial, tomadas no âmbito do Notariado.

Nessa ocasião, defendeu ainda a «desfuncionalização» dos departamentos notariais e conservatórias, mediante a introdução de alterações de funcionamento, à medida do que fizera em Castelo Branco.

A nomeação de notários adjuntos deveria ser de «livre escolha dos notários» e não por nomeação, solução que disse rejeitar.

Defendeu ainda autonomia dos cartórios e a sua «redignificação».

Preconizou a reformulação dos 200 cartórios de Registo Predial existentes no país, o seu reequipamento e a valorização técnica e profissional dos funcionários.

O novo diploma referente aos notários vai permitir — acrescentou —, «o reconhecimento aos notários da assessoria de partes e sigilo profissional e simplificação dos actos notariais».

Faça ao novo Código de Registo Predial, defendeu a reformulação dos estatutos da Associação Portuguesa de Notários, com vista a promover a «inspecção, fiscalização e melhoria técnica» dos serviços.

Lei quadro da Casa do Douro

Exportadores de «Porto» contra neo-corporativismo

Onde pára o Projecto de Decreto-Lei da Casa do Douro?

Aprovado há dias em Conselho de Ministros, ainda não entrou no Palácio de Belém. No entanto, o ministro da Agricultura, Comércio e Pescas afirmou há dias que o Projecto de Lei Quadro em questão se encontrava na Presidência da República para promulgação.

Sobre a questão os exportadores de vinho do Porto tomaram posição, considerando «incompreensível que se ressuscite um hábil conspícuo formal e

estatuto fundamentalmente corporativo da Casa do Douro».

Em jeito de réplica, um director da Casa do Douro afirmou à ANOP, deixando no ar uma pergunta bem incómoda: «Se a Casa do Douro apoia o corporativismo seródio, não merecerá o mesmo rótulo o monopólio de entrepostos de Vila Nova de Gaia?».

«Vale a pena pensar na razão que leva os exportadores a estarem tão interessados em «demolir a Casa do Douro», acrescentou o mesmo director, lembrando

que há dois anos o tinha já afirmado. E mais disse o mesmo director: «Seria útil perguntar aos lavradores se querem ou não a sua Casa do Douro com a obrigação de escoar aquilo que os exportadores não comprarem».

Apesar dos contactos estabelecidos com o MACP não foi possível apurar onde se encontrará o Projecto de Lei Quadro da Casa do Douro, questão que «aquece» não apenas a zona ribeirinha do Douro, mas diferentes responsáveis pela força do vinho do Porto que exportamos

As eleições autárquicas

Setúbal na hora das eleições

Continuação da pág. 9

o estado das finanças da Câmara não permite fazer muito e estamos fartos de políticos que prometem e depois não cumprem. A única coisa que posso prometer é envidar todos os esforços para exercer correctamente o meu mandato. É a promessa mais concreta que o candidato do PSD pode fazer».

Francisco Lobo (APU): «Reforçar posições»

A APU recandidata Francisco Lobo, um homem cujo prestígio local é indiscutível. Ninguém lhe retira valor e todos lhe reconhecem uma grande abertura e capacidade de diálogo.

Para ele o grande objectivo da APU é continuar o seu trabalho e reforçar as suas posições, o que significa conquistar a maioria absoluta.

Reconhece que a situação financeira da câmara «não é brilhante, como o não é a situação de nenhuma câmara do País em zonas de grande desenvolvimento económico e industrial», reconhece que a câmara executou empreendimentos que iam para além da sua capacidade de investimento, recorrendo a empréstimos, mas, ao mesmo tempo, sublinha que «é uma situação consciente e uma acção concreta» de que não perderam o controlo.

Na sua óptica, ao executar mais do que as suas finanças permitiam, mas, de qualquer forma, empreendimentos que tinham de ser executados a curto prazo, a câmara antecipou a satisfação das necessidades das pessoas e isso acaba por sair mais barato porque, com a inflação e o aumento constante dos materiais e não-de-obra, o que se paga em juros ainda é bem inferior ao aumento de preço que esses empreendimentos viriam a ter.

«Mas o que é importante é termos chegado ao fim do nosso mandato e podermos dizer que o nosso programa está cumprido.»

Como balanço principal, Francisco Lobo aponta-nos a estruturação dos serviços, a criação de novas instalações, o apoio às actividades económicas como o licenciamento de oito loteamentos industriais com uma área de 691,76 hectares, intervenção activa nas questões socioculturais e no desporto, o licenciamento de milhares de processos para construções e loteamentos, intervenção na habitação com o alojamento pela câmara de um total de 1227 famílias e iniciada a construção no âmbito de diversos programas, de 1885 fogos, encontrando-se em projecto e aguardando financiamento a construção de mais 1504 por associações de moradores e cooperativas de habitação.

No domínio do ensino a APU afirma ter concluídas 28 salas de aulas, encontrando-se mais 18 em fase de construção e duas em projecto.

Francisco Lobo lembra também que o concelho foi completamente electrificado, melhorada substancialmente a iluminação e feitos grandes investimentos no abastecimento de água, estando quase concluídas as obras do empreendimento que garantirá, dentro de poucos meses, o abastecimento regular a toda a cidade, o que não se verificava. Refere também a recuperação do parque do Bonfim «o grande pulmão e centro de lazer da cidade» porque em sua opinião «as pessoas têm que ter uma certa qualidade de vida e têm que a encontrar tanto em casa como na rua».

«Mas isto conseguiu-se porque? Porque está aqui uma força APU. Não é possível a outras forças políticas lançarem projec-

tos de outra ordem porque elas não se identificam com as populações.»

O cabeça de lista da APU revela como exemplo dessa ligação às populações casos, se não inéditos, pelo menos muito raros, das próprias populações em prestarem dinheiro à câmara para certas obras, importâncias que esta reembolsa quando recebe as suas verbas. «Ainda ontem foi assinado um cheque de 800 contos que a população de um bairro emprestou à câmara para uma rede de água».

Orgulha-se também do facto de o seu executivo não estar praticamente em conflito com ninguém, ainda que se oponha firmemente a tudo o que possa contrariar o interesse público.

«Estamos numa área que, exactamente por ser de maioria APU, a liberdade com que as pessoas discutem os seus pontos de vista é vulgar e é possível em toda a parte, o que não sucede noutras áreas onde a AD é maioritária e os militantes da APU não podem mostrar-se à luz do dia. Aqui toda a gente anda com o emblema que quer.»

Que perspectivas, portanto, para a APU?

«Reforçar as nossas posições, mercê do trabalho desenvolvido e mercê da identificação das populações com a autarquia. Penso que estão criadas condições de confiança para nos darem a continuidade, bem como reforçar as nossas posições. Estamos a trabalhar nesse sentido. Por outro lado, há outros indicadores. Quando os nossos adversários são eles próprios a reconhecerem à partida a sua derrota, é um sintoma de que a nossa posição é de reforço.»

Quanto à campanha, a APU ataca em todas as frentes, desde os cartazes nas paredes aos panos, às caravanas automóveis, ao porta a porta e aos pequenos e grandes comícios. É até ao momento a força política com uma campanha mais activa e alargada.

Dr. Alberto Pedrosa (CDS): «Alternativa a curto prazo»

O CDS joga em Setúbal com uma estratégia bem definida e um candidato forte. É o dr. Alberto Pedrosa, professor do liceu, um beirão que se afirma portador de uma verdadeira ideologia democrata-cristã e sem ambições políticas que ultrapassem o trabalho de que gosta.

Reconhece que se tem feito «qualquer coisa em Setúbal mas ainda está longe de satisfazer as necessidades». Na sua opinião a APU «ou por falta de estrutura ou por falta de quadros, não conseguiu controlar o concelho».

«A construção clandestina grassa enormemente e a APU não conseguiu também arranjar espaços para ajudar as cooperativas que pretendiam fazer habitação social».

O candidato do CDS reconhece ainda que a APU «teve intenção de agarrar nos problemas mas não conseguiu e as pessoas começam a ter a sensação de que lhes pedem muito mas depois o que se lhes dá é pouco».

Salienta que a actual maioria de Setúbal cometeu o erro de tentar criar «uma superestrutura», no sentido de concentrar todos os poderes administrativos da autarquia, «mas aquela superestrutura depois, na prática, não responde».

«Dá-me a impressão que o eleitorado está descontente com a gestão APU. Mas vai optar por quê? Receio muito que haja uma grande abstenção até por parte de elementos da APU e da AD, estes não descontentes pela nossa actividade, que não podíamos ter, mas pela imagem do Governo». Todavia a APU consegue, apesar de tudo, ter uma certa militância e, julgo eu, na

hora de votar os seus militantes respondem».

Mais do que eleger ou não eleger outro vereador, ficou-nos bem claro de que o grande objectivo do CDS em Setúbal é crescer eleitoralmente por todo o concelho.

Em 1976 o CDS tinha em todo o distrito 2697 votos, correspondentes a uma percentagem de 4,93. «Praticamente o CDS não existia em termos de partido», admite o dr. Alberto Pedrosa.

«Neste momento, e desde que estou à frente do partido, há um ano, conseguimos criar estruturas para concorrer, agora, a todos os lugares, com listas completas e com quadros válidos. O nosso grande objectivo é mostrar às pessoas que, sós, podemos ser uma alternativa a curto prazo. Sabemos que foram os países democratas-cristãos com programas semelhantes ao nosso que edificaram a Europa depois da guerra.»

Estará a admitir que caminhamos para uma espécie de «italianização»?

«Não sei se corro um risco político ao dizer-lhe que sim, mas parece-me que com esta indefinição que há entre social-democracia e socialismo democrático, cuja fronteira não está bem clara, aquilo que está bem nítido é o CDS e o Partido Comunista.»

Para o dr. Alberto Pedrosa o drama actual da democracia é «a dificuldade em levar as pessoas a participar». Diz-nos também que mantém boas relações com todas as forças políticas porque não considera os outros como «inimigos políticos» mas simplesmente como «adversários políticos».

Recebendo grande parte da sua força da Juventude Centrista, o candidato do CDS acredita no crescimento do seu partido.

«Não vamos dizer que vamos ganhar, mas o que queremos é ser a curto prazo uma alternativa à APU, porque parece que os outros partidos já não o serão.»

Augusto Vilela

Garcia Marquez no Congresso dos Jornalistas?

Em princípio, Gabriel Garcia Marquez, Claude Julien («Le Monde») e os jornalistas que desencadearam o processo «Watergate» estão entre os convidados a participar no I Congresso dos Jornalistas Portugueses, foi revelado no Funchal por uma delegação da Comissão Organizadora do encontro.

Aquela delegação, que esteve na Madeira de sexta-feira a domingo passados para contactos com as entidades oficiais da Região Autónoma, encontrou-se naquele primeiro dia com Alberto João Jardim, tendo dado uma conferência de imprensa onde pormenorizou o alcance e objectivos do Congresso, que se realiza em Lisboa entre 19 e 22 de Janeiro.

João Corregedor, Emídio Rangel e Nuno Sepúlveda, membros do Secretariado Executivo do Congresso, designaram esta iniciativa como que «acto eminentemente cultural, que integra não apenas uma exaustiva reflexão sobre a importância da Comunicação Social na vida e desenvolvimento das sociedades, como é, em paralelo, uma achega fundamental para a discussão alargada das várias expressões culturais, a que o jornalismo sempre andou ligado.»

Uma exposição sobre a história do jornalismo em Portugal, uma «mostra» de livros sobre Comunicação Social, com substanciais descontos para os congressistas, já que foi conseguido o apoio das maiores casas editoras portuguesas, são, com as comunicações, os pontos altos do Congresso.

Haverá também um espectáculo subordinado ao tema «Cantar a liberdade», com teatro, «ballet», canto e actuação de um grupo de jograis composto por três jornalistas de épocas diferentes.

Estão já garantidas as representações de especialistas da Comunicação Social da UNESCO, Organização Internacional de Jornalistas, Federação Internacional de Jornalistas e Associação dos Jornalistas Latino-Americanos.

Estarão também presentes representações do Brasil, de quase toda a Europa e dos países de língua oficial portuguesa.

O Secretariado Executivo declarou no Funchal que o encontro não é «um Congresso sindical, mas um Congresso aberto a todos os jornalistas, onde terão igualmente lugar equiparados professores e alunos da matéria.»

Todos os jornalistas presentes ao Congresso poderão apresentar comunicações, sem selecção prévia, subordinadas unicamente ao regulamento do plenário, que prevê, a par das intervenções portuguesas, outras de especialistas estrangeiros, sempre seguidas de debate.

A delegação da Comissão Organizadora anunciou, ainda, que no fim de Dezembro se realizarão nos Açores e na Madeira conferências

com vista a mobilizar e sensibilizar os jornalistas dos dois arquipélagos.

«Jornalismo de opinião»

«Jornalismo de opinião: o editorial» — este tema da próxima conferência promovida pela Comissão Organizadora do I Congresso dos Jornalistas Portugueses, que se efectuará no dia 2 de Dezembro, às 21 e 30, na sede do Sindicato dos Jornalistas.

Serão conferencistas António Valdemar, José Carlos de Vasconcelos, Miguel Urbano Rodrigues, Pedro Cid e Pedro Feytor Pinto.

O ciclo de conferências preparatórias do I/CJP prosseguirá no dia 16 de Dezembro, com o primeiro painel sobre «História do Jornalismo», em que participarão Artur Anselmo e José Manuel Tengarrinha. O segundo painel sobre este tema efectuar-se-á nos primeiros dias de Janeiro e já confirmaram a sua participação Norberto Lopes e Raul Rego.

A entrada nestas conferências é livre.

Regional: Distribuição aos sábados

Os órgãos de Imprensa Regional passam a contar, no início de 1983, com um serviço exclusivamente consagrado ao seu apoio efectivo — anunciou Manuel Figueira, director-geral da Comunicação Social, perante centena e meia de jornalistas regionais, reunidos nas instalações da Feira Industrial de Lisboa, num encontro integrado na Filagor.

Manuel Figueira especificou que a criação daquele serviço de apoio é uma das consequências da nova lei orgânica (recentemente promulgada), que confere à Direcção-Geral da Comunicação Social maiores meios e mais vastas responsabilidades e campos de actuação.

Figueira adiantou estar para breve a apresentação de um vasto leque de medidas e acções defendidas pela Comissão de Apoio à Imprensa Regional, algumas delas de execução e efeitos de curto prazo.

Apoio à ANOP

O plenário de dirigentes e delegados do Sindicato dos Técnicos de Desenho (delegação norte) repudiou, no Porto, a decisão governamental que visa extinguir a agência ANOP.

Os sindicalistas manifestaram-se contra o «boicote patronal à contratação colectiva, aos ataques ao sector público e nacionalizado, aos despedimentos ilegais (como no caso da ANOP) e discriminações salariais e profissionais» — disse à Agência Noticiosa Portuguesa um porta-voz daquele Sindicato.



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL EDITAL N.º 124/82

P.P. n.º 146/82

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA.

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital ficam notificados os proprietários do prédio denominado Quinta de S. Gabriel, freguesia de Caparica, com a matriz cadastral sob o art.º 23 da secção N/Caparica, que nos termos do art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76, de 13 de Abril, e em consequência da deliberação tomada em 5/11/82, ratificou o despacho do Presidente da Câmara de 24/9/82 proferido ao abrigo do art.º 65 da Lei 79/77, de 25 de Outubro, face ao qual esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do referido terreno onde se efectuou um loteamento clandestino, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 16 de Novembro de 1982

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira)



MUNICÍPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL EDITAL N.º 125/82

P. P. n.º 147/82

JOSE MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA:

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital ficam notificados os proprietários do prédio denominado Quinta da Oliva, freguesia de Caparica, com a matriz cadastral sob o art.º 17 da secção R/Caparica, que nos termos do art.º 1.º do Dec.-Lei n.º 275/76, de 13 de Abril e em consequência da deliberação tomada em 5/11/82, ratificou o despacho do Presidente da Câmara de 24/9/82, proferido ao abrigo do art.º 65 da Lei 79/77, de 25 de Outubro, face ao qual esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do referido terreno onde se efectuou um loteamento clandestino, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 16 de Novembro de 1982

O Presidente da Câmara
José Martins Vieira

NATO vai reforçar potencial convencional

AS Forças Armadas dos países europeus da NATO (à excepção da França e da Islândia) vão reforçar consideravelmente os respectivos arsenais convencionais. Em 1983, segundo decidiram os ministros durante a reunião do Eurogrupo, ontem em Bruxelas.

De acordo com um comunicado difundido no final da reunião, as Forças Armadas dos 12 países do Eurogrupo (Portugal, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Grã-Bretanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, RFA e Tunísia) serão equipadas, em 1983, com 700 novos sistemas de lança-mísseis Milan e Tow. Quanto aos sistemas já em uso, serão equipados de modo a ficarem utilizáveis a qualquer momento. As forças aliadas receberão ainda 50 000 roquetes anticarro.

Estas armas equiparão unidades terrestres, as quais serão igualmente dotadas de 550 carros de combate e de 450 outros veículos blindados. A maior parte dos carros de combate já em serviço receberão um sistema de tiro nocturno por infra-vermelhos.

No que respeita à defesa aérea, as forças europeias da NATO serão equipadas, ao longo do próximo ano, com mísseis Ar-Terra de fabrico britânico e com novos sistemas de orientação via radar. Novos aviões radar de tipo Awacs serão postos

à disposição destas forças.

Segundo o comunicado, 270 novos aviões de combate, essencialmente F-16 americanos e aviões Tornado (estes, fabricados em conjunto pela Grã-Bretanha, Itália e RFA) deverão entrar em serviço, bem como aviões Nimrod, de patrulha marítima.

A nível das Forças Navais, os planos da NATO para 1983 prevêem a entrada em serviço de 11 «destroyers» e navios de escolta, 11 caça-minas ou instaladores de minas, 8 navios rápidos de patrulha e dois submarinos, um dos quais nuclear.

A nível político, os ministros «reafirmaram a determinação de ajudarem ao reforço da Aliança, tornando a contribuição europeia tão forte e coesa quanto possível».

Os ministros sublinharam também que, no seio da NATO, os países do Eurogrupo «proporcionam substancial e significativo contributo» às forças da Aliança, tendo, a este respeito, aprovado medidas tendentes a dar maior publicidade, sobretudo nos Estados Unidos, ao «esforço europeu» para a defesa da Aliança.

O comunicado salienta que as Forças Armadas dos 12 países totalizam cerca de 2 500 000 homens no activo, preparados para qualquer intervenção na Europa, o que representa 75 por cento das forças da Aliança.

Chefe do Pentágono na Europa com novo míssil «na manga»

Caspar Weinberger, secretário norte-americano da Defesa, chegou ontem a Bruxelas, informará os países da NATO de que os Estados Unidos disporão no prazo de dez anos dum míssil de Cruzeiro de ogiva convencional capaz de atacar com «uma precisão muito grande» a rectaguarda das forças do Pacto de Varsóvia, segundo se soube no Pentágono.

Depois de uma rápida visita ao Luxemburgo, Weinberger partirá para a Jugoslávia onde manifestará o apoio que os Estados Unidos dão a este país.

Em Bruxelas, Weinberger insistirá na necessidade de melhoria das forças convencionais da Aliança Atlântica e fornecerá precisões acerca do novo míssil de Cruzeiro.

Caspar Weinberger, precisasse ainda no Pentágono, dará in-

formações acerca do míssil nuclear «Pershing-2», actualmente em experiências.

Segundo Richard Perle, secretário adjunto da Defesa para a política de Segurança Internacional, não tem fundamento as informações da imprensa alemã federal de que os Estados Unidos tencionariam instalar na RFA o dobro da quantidade de «Pershing-2» prevista.

Weinberger falará também do modo de utilização do novo míssil intercontinental MX, de que serão instalados 100 exemplares no Estado de Wyoming (oeste dos Estados Unidos).

Weinberger «esforçar-se-á por dissipar a impressão de que o governo de Reagan se prepara para a guerra nuclear», precisou um alto funcionário do Pentágono.

Míssil MX já matou três norte-americanos

Equipas de salvamento procuram recuperar os cadáveres de três dos quatro técnicos mortos no sábado pela explosão de combustível sólido no silo de experiências do míssil MX, em Tullahoma, estado de Tennessee.

O corpo de uma das vítimas, John Sikes, foi encontrado durante a noite e levado para a superfície.

Um porta-voz da Força Aérea Norte-Americana declarou que as operações de limpeza prosseguem muito lentamente porque persiste o perigo de nova explosão.

A deflagração, seguida de incêndio, produziu-se quando as vítimas recolhiam mais de 11 toneladas de combustível sólido de mísseis que tinham caído ao fundo do silo no dia 17, ao rebentar-se um tanque durante uma experiência com o motor do polémico Míssil Balístico Intercontinental MX.

Para além dos quatro técni-

cos, que tiveram morte instantânea, 16 pessoas ficaram feridas durante a luta contra as chamas.

Debate

O supermíssil MX, baptizado pela Administração norte-americana de «Guardião da Paz» está a ser tema de uma sessão extraordinária do Congresso de Washington.

Observadores políticos esperam que se desenrole uma «feroz batalha» entre os apoiantes da Administração Reagan de sectores mais conservadores do Congresso, e um número elevado de congressistas que vê no MX um perigo para a paz e, mesmo, um projecto inútil.

Não está apenas em causa o preço global dos cem mísseis previstos, que poderá atingir os 40 mil milhões de dólares, mas também a fórmula adoptada para o seu estacionamento, em chamada Formação Densa.

As vantagens e desvantagens de um governo moderado em Espanha

O «câmbio» continua

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jaurgui) — Quando, esta tarde, Felipe Gonzalez, pronunciar o seu discurso de candidatura oficial à presidência do governo, deverá revelar duas coisas. Quais serão as linhas gerais do seu gabinete, o primeiro executivo socialista de Espanha em quase meio século de história política (até agora Gonzalez e os seus homens recusaram-se a revelar quais serão os primeiros passos dos cem dias iniciais do seu Governo). Terá também que especificar qual o estado em que encontrou o país, depois de cinco anos e meio do governo do centro direita da União do Centro Democrático.

As medidas que Felipe Gonzalez e o Governo do PSOE adoptarão são previsíveis: reforma da incriminadamente antiquada e corrupta administração pública espanhola que, à espera do **câmbio político** está paralisada há quase um ano, **congelamento** da adesão da Espanha à ala militar da NATO (o referendo sobre a adesão da Espanha à Aliança Atlântica será previsivelmente adiado para daqui a dois anos), e o começo de uma luta sem tréguas contra os grandes cancro da vida social espanhola: o desemprego e o terrorismo.

As (des)vantagens da moderação

Nada indica que o primeiro governo do PSOE, qualificado de **muito moderado e social-democrata** especialmente nas suas componentes económicas, vá mais além no seu programa de reformas. Mas todos admitem que apenas o saneamento da administração pública é uma batalha de gigantes, na qual fracassaram todos os governos de Madrid, durante quase um século. O pluriemprego frau-

dulento, a falta de pontualidade e o pouco rendimento do trabalho, são vícios mais ou menos consentidos, e que levaram os funcionários públicos a adoptarem um estilo de vida que mais parece originado por pensarem que os espanhóis estão ao seu serviço de que o contrário. Não sem razão se afirma que a administração pública pode converter-se na arma mais poderosa contra o gabinete socialista.

A **moderação** da equipa governamental, encabeçada na sua componente económica pelo social-democrata Miguel Boyer, gerou não poucas críticas dentro do PSOE, e fez com que o **número dois** do Partido considerado como da ala mais progressista, Alfonso Guerra, tenha resistido a integrar o gabinete como vice-presidente. Também são conhecidos os enfrentamentos entre o próprio Guerra e Miguel Boyer ou entre o próprio Guerra e o futuro ministro dos Transportes, o também social-democrata Enrique Barrionuevo.

Mas esta moderação, fará sem dúvida, com que a não menos poderosa confedera-

ção empresarial, CEOE, deva iniciar uma linha de diálogo, com os socialistas, em vez do boicote inicialmente previsto. Com dez milhões de votos nos seus ombros, Felipe Gonzalez pode assegurar-se da não beligerância do presidente da Confederação Patronal, Carlos Ferrer Salat, um ex-campeão de ténis e membro da **trilateral**, cuja única obsessão pré-eleitoral era consolidar um triunfo do direita Fraga, procurando uma impossível união entre a Aliança Popular com a UCD. Agora, Ferrer parece ter apostado na convivência pacífica com os socialistas e ontem entregou a Gonzalez e Boyer o **plano económico** da CEOE para ajudar à salvação económica do país. O plano, mantém-se por agora secreto.

Corrupção: a pesada herança

O certo é que o país que Gonzalez e os seus homens herdaram não permite passos rápidos: quando hoje Felipe Gonzalez pronunciar o seu discurso de investidura (a votação no Parlamento será amanhã), um dos principais empresários do País Basco, Orbegozo, continuará sequestrado, presumivelmente em poder da ETA.

As forças armadas mantêm-se numa tensa tranquilidade, à espera dos primeiros passos (e, sem dúvida, do primeiro erro) do novo ministro da Defesa, até agora alcaide de Barcelona, Narcis Serra, um homem sem grandes contactos militares. O mesmo fazem as forças da ordem pública (polícia e guarda civil) em relação a José Barrionuevo,

que como o resto da equipa, prestará juramento na próxima sexta-feira.

A opinião pública parece ter recebido com certo alívio a nova equipa governamental, ainda que a indecisão de Guerra em aceitar a vice-presidência tenha provocado a confusão e gerado a crítica. A imprensa, por seu lado, considera que esta era a única equipa possível para contentar dez milhões de votantes, a maioria dos quais votaram, não pelo socialismo, mas sim pela alteração de estruturas obsoletas e corruptas. E este é outro dos pontos que Gonzalez deverá referir esta tarde: a corrupção. Todos sabem em Espanha que a UCD perdeu nas urnas, vítima da suas promessas não cumpridas e dos **negócios** individuais, pouco denunciados, de alguns dos seus representantes.

A intranquilidade externa

No entanto, o clima no interior, de serenidade e tranquilidade, contrasta poderosamente com uma certa inquietude perceptível em Washington, onde se teme pelo futuro das bases americanas como pela futura adesão da Espanha à NATO. Não é por acaso que o secretário de Estado norte-americano, Schultz, «inventou» uma escala de várias horas em Espanha, só para falar com os responsáveis do PSOE, uma semana depois de estes tomarem posse.

Este é, em breves traços, o **estado do país** que encontra um Felipe Gonzalez que é recebido com a maior esperança.

Polónia

Posto em causa o papel dirigente do POUP

O papel dirigente do Partido Operário Unificado Polaco um dos principais pontos de fricção entre o Poder e o «Solidariedade» foi novamente posto em questão no seio do «PRON» (Movimento Patriótico de Renascimento Nacional) criado sob os auspícios do Partido e do general Wojciech Jaruzelski.

Segundo dois documentos concorrentes que devem servir para elaborar o programa do «PRON», cujas grandes linhas são publicadas pela agência oficial Interpress, é necessário redefinir o papel dirigente do Partido Operário Unificado Polaco (POUP). Facto notável, notam os observadores, as conclusões desses dois documentos, que implicam a colocação em questão do regime, parecem-se, em muitos pontos, com as formuladas pelos «moderados» do «Solidariedade».

O primeiro documento define os princípios de uma sociedade socialista: «A justiça, o poder popular autêntico sob forma de autogestão e a igualdade perante a lei». Reafirma a perenidade dos princípios contidos na Constituição, mas sublinha que «a definição desses princípios mais importantes exige uma nova análise».

Relativamente a si o «PRON» declara que o papel dirigente do Partido só se realiza no seu seio «através de actividades e iniciativas dos membros do Partido que a ele «PRON» aderiram a título individual». Por outro lado diz ter o objectivo de «abrir aos sem-partido o acesso aos postos dirigentes».

O conceito manifestado no se-

gundo documento é ainda mais preciso. Com efeito, reduz a três «canons» os princípios do regime: «pertença ao Pacto de Varsóvia, propriedade colectiva dos meios de produção e papel especial, ainda por definir, do POUP num Estado socialista (...) tudo o resto, acrescenta, é negociável».

Segundo os autores, «se se quiser não ser obrigado a governar pela coerção» é necessário levar a cabo uma modificação «dos meios para exercer o papel dirigente do partido». Quanto aos membros do POUP que aderem ao «PRON», só se exprimem nele a título pessoal, sem qualquer referência à «disciplina do partido».

Não se sabe ainda qual será a forma definitiva considerada para o «conceito de programa do PRON», o qual ainda não conseguiu granjear a simpatia da opinião, e cuja liberdade de expressão pode destinar-se apenas a

vencer as reticências tenazes dos meios intelectuais.

Mas seja como for, consideram os observadores, o poder do general Jaruzelski, que patrocinou o nascimento do PRON, só dificilmente poderá recuar perante as reivindicações convergentes manifestadas nesses dois projectos.

Reunião Igreja-Estado

A Comissão Mista Igreja/Estado na Polónia reuniu ontem em Varsóvia e examinou «questões de organização relacionadas com a próxima visita do Papa João Paulo II» ao seu país natal, a 18 de Junho de 1983, anunciou a agência noticiosa PAP.

Nesta 17.ª sessão, indica a PAP, as duas partes debruçaram-se por outro lado sobre «a situação que prevalece actualmente» no país.

Neste contexto, acrescenta a agência, examinaram «a possibilidade de reactivarem os Clubes da Intelligentsia Católica», cujas

actividades estão suspensas desde a proclamação do estado de sítio, a 13 de Dezembro de 1981.

Entretanto, trezentas e vinte e sete pessoas «internadas» em conformidade com as disposições do estado de sítio foram «ultimamente» restituídas à liberdade por decisão do ministro do Interior, segundo anunciou a agência PAP.

Segundo a agência oficial polaca, que não identifica as pessoas libertadas, esta decisão foi possível «em face dos importantes progressos registados no processo de estabilização da vida social, bem como da melhoria das condições de segurança e da ordem pública no país».

Os últimos números oficiais davam conta de um milhar de «internados». Após as libertações ontem anunciadas seria assim inferior a 700 o número de pessoas actualmente detidas nos termos da lei marcial.

«Euromísseis» poderão ser o começo da «catástrofe»

Os «euromísseis» constituem uma ameaça dos Estados Unidos contra a população civil de todos os países europeus, afirma hoje a agência soviética Novosti, num comentário que cita «fontes militares soviéticas».

Em relação a uma recente afirmação do presidente norte-americano Ronald Reagan, segundo a qual os «euromísseis» seriam utilizados unicamente

para responder a uma «situação crítica para os Estados Unidos», a Novosti considera tal promessa absurda pois, segundo diz, a União Soviética já se comprometera solenemente a não ser a primeira a utilizar as armas nucleares.

Além disso, observa a agência, uma situação deste tipo «pode ser provocada artificialmente» e «a União Soviética não

pode ignorar a possibilidade de um «euromíssil» vir a ser lançado em consequência de um erro humano subjectivo e uma falha técnica».

«Os poucos minutos que levava um «Pershing 2» a chegar à União Soviética — advertem os «círculos militares soviéticos» citados pela Novosti — seriam inevitavelmente os primeiros da catástrofe nuclear europeia

ns spanha

em todos os meios sociais: a mesma oposição, capitaniada por Fraga, parece ter concedido um compasso de espera ao carismático Gonzalez, aos 40 anos o Presidente do governo mais jovem da Europa. A mudança começou já no Parlamento, onde deixaram de figurar muitos rostos **tradicionais**: nem Calvo Sotelo, o despretigiado chefe do governo, que não alcançou o seu lugar, nem o ultradireitista Blas Pinar, que acaba de dissolver a **Forza Nueva** — o que, paradoxalmente, é negativo, pois a partir de agora, apenas existirá controlo sobre as acções da ultradireita. A mudança de rostos afectou também Santiago Carrillo, que já não é secretário-geral do PCE, embora mantenha o seu lugar no Parlamento, e afectará, e de que maneira, os dirigentes actuais da UCD, que no próximo dia 10 de Dezembro realiza um Congresso que pode significar a autodissolução, pura e simples, do Partido que, ainda por enquanto, detém as funções do poder, até que, na próxima sexta-feira seja substituído.

Esta mudança dos rostos políticos — Adolfo Suarez, que fora chefe do governo, desapareceu praticamente do mapa político, ainda que se mantenha no Parlamento — é, nem mais nem menos, o primeiro sintoma do **câmbio** o slogan utilizado pelo PSOE durante a sua campanha eleitoral. E é, também um augúrio de que, a partir desta semana, as coisas nunca voltarão a ser o que foram em Espanha, ganhe quem ganhar as próximas eleições.

Avanço da guerrilha salvadorenha

A frente Farabundo Martí de Libertação Nacional apoderou-se de cinco localidades no Departamento da União, no Leste do Salvador, anunciou a rádio «Venceremos» órgão oficial da guerrilha.

Desde a ofensiva, lançada em 10 de Outubro último, afirmou a estação, a guerrilha alargou o seu domínio a 26 localidades em todo o país. No departamento da União apoderou-se de mais três — Nuevas Esparata, Poloros e Monteca. As vilas de Lislique e Anamores estão sob o domínio da FMLN, desde o fim-de-semana passada.

Até ao presente as autoridades de São Salvador só reconheceram a tomada de Lislique.

Por outro lado, rádio «Venceremos» anunciou que guerrilheiros da FMLN dinamitaram um comboio entre Zacatecoluca e Uspulután (Sueste do país) causando três mortos entre os guardas nacionais e muito feridos.

Controlam ainda cinco povoados da província de Morazan e troços das estradas do litoral, da auto-estrada pan-americana e da estrada militar, revelou a emissora guerrilheira.

A rádio «Venceremos» denunciou que o chefe do Comando Sul Norte-Americano, estacionado no Panamá, George Wallace Nuttig, preparava uma operação antiguerrilha na parte ocidental do território salvadoreño, em que participaria o exército das Honduras visando desalojar os guerrilheiros.

Combates no Líbano

Cinco pessoas morreram e sete ficaram feridas nas zonas de Chuf e Aley, a leste de Beirute, nas últimas horas em resultado de violentos combates entre forças de direita libanesas e drusas do Partido Social Progressista (PSP).

Fontes oficiais da capital libanesa disseram à agência EFE que a situação «está a degradar-se» e «torna-se muito perigosa».

O recrudescimento das hostilidades entre membros das milícias libanesas aquarteladas em Bhandum e membros do Partido Social Progressista acentuou-se no domingo.

Nos combates travados domingo morreram três jovens cristãos (civis) e ficou ferido um fotógrafo da agência UPI.

Fontes da região acusaram as forças libanesas de terem iniciado a troca de tiros.

As estradas de Chuf (drusa) e Aley (cristã) foram encerradas ao tráfego pela forças israelitas que ocupam o país.

Os montes libaneses estão cercados por um dos lados pelo Exército israelita, e por outro, por tropas sírias da Força Árabe de Dissuasão, o que parece favorecer as hostilidades entre drusos e maronitas que não estão abrangidos por qualquer autoridade libanesa.

As petições do governo libanês, através do emissário norte-americano, para uma retirada «simultânea e em duas etapas» de sírios e israelitas não obtiveram até hoje qualquer resultado.

Entretanto, o procurador-geral militar libanês, Assad Gernanos, lançou ontem um mandado de captura contra o chefe da milícia chiita Amal Islâmica, Hussein Maussawi, e contra oito dos seus apoiantes.

Por último, o presidente do Líbano, Amin Gemayel, pediu formalmente à França, Itália e Estados Unidos que aumentem o número de soldados da Força Multinacional de Intervenção, actualmente estacionados em Beirute.

A informação, difundida por fontes oficiais em Beirute, acrescenta que o pedido para que novas forças se juntem aos 4100 homens estacionados na capital libanesa pretende «a pacificação nas zonas de Chuf e Aley e de outras zonas do país».

Agitação na Cisjordânia

Estudantes palestinos de Ramalah e Nablusa, na Cisjordânia, sob ocupação israelita, manifestaram-se ontem para assinalar o trigésimo quinto aniversário do plano de partilha da Palestina preconizado pelas Nações Unidas.

Os distúrbios causaram um ferido e levaram ao estabelecimento do recolher obrigatório no acampamento palestino de Deheyshe.

Dia da Palestina

A Comunidade Internacional assinalou ontem mais um Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, numa reafirmação de apoio à causa dos seus direitos inalienáveis à autodeterminação, independência nacional e soberania, tal como lhe foram reconhecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

Na sede da ONU, em Nova Iorque, decorreu uma sessão solene na Sala do Conselho de Tutela, em que foram lidas mensagens especiais do secretário-geral da organização, Javier Perez de Cuellar, dos presidentes da Assembleia Geral e do Conselho de Segurança e de outros altos funcionários das Nações Unidas.

No átrio público do edifício da Assembleia Geral, está patente até 5 de Dezembro uma exposição organizada pela OLP (Organização de Libertação da Palestina), a convite do Comité da ONU para o Exercício dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino.

Eleições «primárias» no Uruguai

Correntes de oposição ganharam por grande maioria

As eleições primárias que no sábado decorreram no Uruguai deram ocasião a que os três partidos legalizados fizessem o ponto da situação relativamente à sua influência junto dos eleitores das várias facções que os compõem.

Os eleitores uruguaios eram convidados a eleger os dirigentes dos três partidos admitidos novamente pelas autoridades militares: os «Blancos» (conservadores), os «Colorados» (liberais) e a União Cívica (católicos).

No seio do partido dos «Blancos», os primeiros resultados dão uma vitória esmagadora do sector mais radical, ligado às ideias do antigo candidato às eleições presidenciais, Wilson Ferreira Aldunate, que se encontra actualmente no exílio. Embora esperada, essa vitória do Movimento pela Pátria surpreende pela sua amplitude: mais de 70 por cento dos votos.

No seio dos «Colorados», também foram as correntes de oposição que ganharam nitidamente: Júlio Sanguinetti e Enrique Tarigo recolheram, respectivamente, 40 e 22 por cento dos sufrágios. O antigo presidente Jorge Pacheco Areco está, por seu turno, em

derrota completa, com 25 por cento.

O absentismo cifra-se à volta dos 40 por cento. No entanto, os observadores assinalam que se trata apenas de eleições internas aos partidos e que o voto não é obrigatório em tais casos.

As primeiras horas de ontem continuavam, nas ruas de Montevideo, as manifestações populares de alegria pelos resultados das eleições.

Fontes oficiais dos partidos concorrentes anunciaram a composição das respectivas convenções nacionais, resultantes do escrutínio de domingo.

No complicado sistema elaborado pelos militares no poder no Uruguai desde 1973 para o regresso à normalidade democrática, as eleições primárias de domingo concluem a primeira fase deste processo.

Três partidos eram oficialmente autorizados a participar na eleição, elegendo, cada um, uma «convenção nacional» de 500 membros.

Estas convenções serão encarregadas de designar os representantes dos partidos no seio da comissão que negociará, com os

representantes da junta, a nova constituição a ser submetida a referendo nacional em Novembro de 1983.

Depois de promulgado o novo texto constitucional, serão organizadas, em Novembro de 1984, as eleições gerais de que resultará o primeiro governo civil do Uruguai desde o golpe militar de 1973.

Os militares excluíram das eleições de domingo os partidos Democrata-Cristão e da Esquerda, que, agrupados na Frente Ampla, tinham alcançado 20 por cento dos votos nas últimas eleições democráticas, realizadas em 1972.

A União Cívica, autorizada a concorrer, é um pequeno grupo de católicos integralistas, que confirmou a sua fraca implantação, com 0,9 por cento dos votos.

Quando a Televisão estatal começou a divulgar os resultados oficiais das eleições, milhares de pessoas saíram à rua no centro de Montevideo, numa manifestação de júbilo nunca presenciada no Uruguai desde o golpe militar de 1973.

Participavam na manifestação membros dos grupos «Pela Pátria» e «Movimento de La Rocha»,

da oposição interna à actual direcção do partido «Blanco» e apoiantes de Júlio Maria Sanguinetti e Enrique Tarigo, vencedores da votação interna no partido «Colorado».

A manifestação foi autorizada pela Polícia e, pela primeira vez, a Rádio e a Televisão estatal asseguraram a sua cobertura, divulgando mensagens e trocas de felicitações por parte dos grupos vencedores.

Os primeiros comentários salientam a importância do escrutínio de domingo para o futuro político do Uruguai, dado o claro apoio manifestado pelo eleitorado aos grupos menos conciliadores com as pretensões dos militares de conservar parte importante do poder depois do regresso à normalidade constitucional, mediante a institucionalização de um Conselho de Segurança Nacional.

O eleitorado parece ter «castigado» os líderes tradicionais dos partidos «Blanco» e «Colorado» pelo apoio dado à tentativa de reforma da Constituição ensaiada pelos militares em 1980 e já derrotada no referendo de 1980 por 57 por cento dos votos.

UNITA prepara ataques a Luanda

O quinzenário «África Asie», no número hoje distribuído em Lisboa, afirma que grupos da UNITA, apoiados pela África do Sul, tencionam lançar nos próximos dias uma ofensiva militar em direcção a Luanda.

Com base em informações que reputa de fidedignas, oriundas de Londres, à «África Asie» declara que grupos da UNITA pretendem lançar a ofensiva a partir das fronteiras da Namíbia e da Zâmbia, respectivamente no Sul e no Leste de Angola.

Ao mesmo tempo — acrescentou — grupos armados provenientes

da antiga FNLA actuarão na fronteira norte, a partir do território do Zaire.

Por seu turno, as Forças Armadas de Pretória, a pretexto de perseguição dos combatentes da SWAPO, prestam-se para efectuar novas incursões em território de Angola, indo até às portas de Luanda — prossegue o quinzenário dirigido por Simon Malley.

«África Asie» afirma que agentes sul-africanos preparam para a capital angolana actos terroristas de envergadura.



Reagan hoje no Brasil

Um importante dispositivo de segurança, o maior jamais realizado no Brasil por ocasião da visita dum chefe de Estado estrangeiro, foi montado em Brasília para a protecção do presidente norte-americano Ronald Reagan, que chega hoje a esta capital.

Por motivos de segurança, não foram divulgados detalhes sobre este dispositivo que, segundo opiniões recolhidas junto da polícia local, é ainda maior do que o montado para a visita do presidente James Carter.

Membros da Polícia Federal brasileira foram mobilizados para reforçar o grupo de agentes dos serviços de segurança do presidente Reagan durante as suas deslocações, em carro blindado, pela capital. Foi mesmo realizado uma operação de «limpeza» na pista do Aeroporto Militar de Brasília para evitar surpresas como a de 1981, no Aeroporto de Caracas, onde foi descoberta uma carga explosiva que devia explodir quando ater-

rasse o avião do vice-presidente americano, George Bush.

Num dos hospitais de Brasília foi montado um serviço de emergência para atender, em caso de necessidade, os membros da comitiva do presidente americano.

O carro blindado do presidente Reagan, assim como três helicópteros que o deverão transportar, foram trazidos para o Brasil directamente dos Estados Unidos.

Em São Paulo, onde o presidente norte-americano chegará na próxima quinta-feira, foram mobilizados 600 agentes da polícia local. No aeroporto de «Viracopas», Reagan também terá à disposição uma central de transmissões instalada por técnicos americanos no passado fim-de-semana.

Alexis disse, em São Paulo, foi decidido que Reagan não permanecesse em lugares descobertos, motivo por que foram canceladas as honras militares.

Tentativa de rebelião armada denunciada no Vietname

As autoridades vietnamitas neutralizaram recentemente uma tentativa de rebelião armada em Ho Chi Minh-cidade (ex-Saigão), segundo informações chegadas hoje a Banqueque e transmitidas pela AFP.

A rádio oficial vietnamita aludiu a esta tentativa de rebelião citando o jornal do exército, Le Tap Chi, Quan Noi Nhan Dan.

Enumerando várias operações e sabotagens atribuídas à China e aos Estados Unidos, o jornal afirmou que num bairro

não especificado de Ho Chi Minh-cidade descobrimos e desmantelámos uma organização inimiga que tramava uma rebelião armada.

Entre as pessoas presas, figuravam agentes inimigos infiltrados nas posições de responsabilidade do Estado e exercendo funções em lugares importantes.

Essa tentativa de rebelião é considerada o primeiro caso deste género mencionado pelas autoridades vietnamitas na antiga capital do Vietname do Sul.

24 horas

PRISÕES EM NOVA DELI — Foram detidos ontem em Nova Deli mais de 200 militantes do partido Akali Dal, que reivindicava a autonomia do Estado do Pendjab, no Noroeste Indiano, para a comunidade Sikh. Desde 19 de Novembro, eleva-se assim a 2500 o número de detenções preventivas operadas pela polícia da capital indiana, enquanto, no estado do Pendjab, já foram detidas, também a título preventivo, outras 2000 pessoas.

MITTERRAND NA ÍNDIA — As conversações políticas do presidente François Mitterrand com o chefe do governo indiano, Indira Gandhi, terminaram ontem à tarde em Nova Deli com um balanço nitidamente positivo. A cooperação indo-francesa foi marcada em particular pela conclusão, sexta-feira passada, pouco antes da chegada de Mitterrand a Nova Deli, de um acordo sobre o fornecimento pela França de urânio francamente enriquecido à central de Tarapur (perto de Bombaim). Outro capítulo da cooperação é o do fornecimento de armamento. Está em estudo a montagem e construção de 110 «Mirage-2000» para a Índia.

AFEGANISTÃO — A Assembleia Geral da ONU apelou ontem pela quarta vez, para a retirada imediata de «todas as tropas estrangeiras» do Afeganistão. A resolução, apresentada pelo ministro paquistanês dos Negócios Estrangeiros, Shabzada Yaqub-Khan, foi aprovada por 114 votos contra 21, com 13 abstenções, resultado semelhante ao da votação do ano passado. Enquanto isto, em entrevista concedida ao «Financial Times», de Londres, o presidente do Paquistão, Zia Ul-Haq, afirmou que o secretário-geral do PC soviético, Yuri Andropov, lhe indicou recentemente que a URSS quer retirar as suas tropas do Afeganistão.

ITZHAK SHAMIR NOZAIRE — O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Itzhak Shamir, que chegou ontem à capital do Zaire em visita oficial de três dias conferenciou pouco depois com o seu homólogo zaireense, Kamanda Wa Kamanda. A visita de Shamir a Kinshasa é considerada «histórica» nas esferas oficiais zaireenses. Pela sua parte a Imprensa zaireense é unânime em saudar o reencontro entre Kinshasa e Têlêvive, destacando as vantagens que os dois países podem tirar da sua cooperação.

Continuação da pág. 2

fresca. É prática corriqueira comprar no mesmo dia uma teca de peixe na alta só para ter uma factura que justifique a especulação praticada com o peixe que depois se adquire por preço mais baixo. É este o sistema socialmente injusto que vitima a produção e o consumo de um bem tão essencial.

Ora, para se instituir um sistema de formação de preços nas lotas é indispensável apoiar a pesca artesanal, construir um conjunto de pequenas unidades de frio nos principais portos, pois estas unidades de frio permitirão a organização e cooperação dos pescadores e garantia de preços à produção. Em suma, pôr a actividade económica ao serviço dos interesses dos consumidores.

Batata: temos cerca de quatrocentos mil produtores espalhados por todo o país, mas concentrados acima do Tejo. A batata é uma cultura de minifúndio e aparece com grande força em regiões agrícolas muito pobres como é o caso de Trás-os-Montes e Beira Alta. Também aqui a grande dispersão da produção é um elemento muito favorável no processo de exploração utilizado pelos candongueiros. Não há cooperativas de comercialização de batata; faltam infra-estruturas junto dos centros produtores que permitam a concentração, a conservação e o ensacamento deste produto da terra. A preocupação do produtor de batata é saber como, a quem e a que preço ele vende a batata. Porque faltam as cooperativas, porque ele está sozinho lá no alto da sua serra, porque desconhece os preços, o produtor de batata depende de um financiador da sua cultura, um homem conhecido no meio

por ajuntador ou comissário da batata. Quando a oferta, isto é, quando a produção é superior à procura, o comissário larga o produtor à sua sorte, mas só depois de ter adquirido o montante que lhe é conveniente para as suas transacções. É nesta altura que o produtor exige a intervenção do Estado. Quando a produção é insuficiente para satisfazer as necessidades da procura, isto é, do consumo, o negociante trabalha o comissário. Ninguém conhece a profissão certa do comissário. Ele assenta escritório no café da aldeia ou da vila, vive dos seus negócios, inteira-se das produções, faz cálculos aos ganhos da temporada. É pelo telefone do café que ele recebe instruções dos grandes armazenistas que lhe determinam a compra ou a retenção da batata consoante as necessidades do consumo e as possibilidades de especulação.

Uma palavra para o **azeite**, a gordura anticolesterol, vilipendiada pelos falsificadores: chegámos a produzir por ano cem milhões de litros, hoje não chegamos à cota dos trinta. A importação de azeite passou a ser uma banalidade. Não é por acaso que uma cultura genuinamente portuguesa, tripudiada pelas oleaginosas, não conhece um projecto para a sua reconversão, visto que os olivais portugueses estão em boa parte caducos e antieconómicos. Mais de 35 por cento da área de olival já não é rentável. Para transformar os nossos olivais é preciso investir muito dinheiro, tirá-los das veredas e encostas, escolher novas áreas para o plantio, seleccionar árvores mais baixas que evitem a utilização de escadotes e tanto dispêndio com a mão-de-obra que encarece o

As mamatas

preço final. Desde promover o cadastro olivícola, apontando as zonas de maior aptidão, a seleccionar variedades com maior interesse quanto à qualidade do azeite, ao aperfeiçoamento dos métodos de colheita da azeitona com recurso a equipamentos mecânicos e a melhorar os processos de conservação da azeitona, muito há a fazer. Mas, leitor e eu, estamos em condições de duvidar das promessas visto que o modelo de desenvolvimento económico preconizado pelos conservadores lucrativistas é o de uma maior dependência alimentar. As mamatas ganham mais e não é difícil ser importador.

E as mamatas do **café**? não falem já das misturas de sucedâneos com bolota, fava ou grão. Só a distribuição, «tout court»: tendo por referência o documento produzido para o Plano de Médio Prazo 77-80, a situação era a seguinte:

«Elevado número de intervenientes no circuito. Existem cerca de trinta importadores, dos quais dez apenas armazenistas, sendo por sua vez a indústria composta por cento e vinte torrefactores dos quais 20 por cento laboram 80 por cento da matéria-prima;

A localização das empresas torrefactoras levanta problemas de distribuição, visto que cerca de 40 por cento se encontram implantadas nos distritos de Lisboa e Porto. As restantes, muitas das quais artesanais encontram-se dispersas por todo o país, merecendo referência especial o concelho de Campo Maior (7 empresas cuja localização se prende ao contrabando de café para Espanha). Os impor-

taidores/armazenistas estão todos em Lisboa e Porto, sendo de salientar as deficiências das infra-estruturas de armazenagem e conservação: a armazenagem é feita em instalações sem as características exigidas pelo produto. Em conclusão, pode afirmar-se que os estrangulamentos mais significativos do circuito se dão ao nível da importação e da distribuição até à torrefacção (cuja empresa mais débeis se encontram completamente dependentes e nas mãos dos intermediários que se situam a montante).»

Compreende-se, por outro lado, a avidez com que importadores e grandes grossistas espreitam o desmantelamento dos Organismos de Coordenação Económica e das Empresas Públicas que têm a ver, mesmo remotamente, com a regularização do mercado. Estes organismos têm vindo a desempenhar funções de fornecimento de matérias-primas a algumas das principais indústrias agro-alimentares (panificação, branqueamento de arroz, rações, óleos alimentares e margarinas) e agem pontualmente por determinação do Governo como regularizadores do abastecimento. É um negócio que tenta a mais singela das mamatas. Só em 1981, a EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais) importou bens num valor superior a 620 milhões de dólares; o IAPO (Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos) para cima de 340 milhões; a Administração-Geral do Açúcar e do Alcool perto de 120

milhões e a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau mais de 105 milhões de dólares.

Que pretendem as mamatas? Controlar o abastecimento, ter um controlo total das importações e da comercialização, ter acesso aos sectores estratégicos do capital transnacional. Claro está que se fala sempre em concorrência, CEE e defesa do consumidor. Mas veja-se a EPAC. Se se desmantelar a EPAC serão constituídos *trading* pela Dreyfus, Sannateus Holding, a Continental e a Cargil. A efectivação do poderio das multinacionais em Portugal tem as seguintes implicações: ou o preço do trigo (e dos cereais em geral) é rebaixado ou estagna, acorrendo os produtores perante as multinacionais; ou aumenta o preço do pão, das farinhas e do arroz, a par de uma discutível melhoria de qualidade. O mercado intermediário de cereais é dominado por um punhado de grandes empresas. Se a EPAC for comprada por segundos e terceiros, não só se perde o poder de negociação no mercado internacional como se passa de um monopólio para um arremedo de oligopólio. Em suma, condensa-se o monopólio de Estado em troca do oligopólio privado feito das melhores postas da EPAC. Qual é o pretexto público que se dá para esta concentração capitalista? Uma hipocrisia falaz: adaptação da agricultura portuguesa às exigências das normas comunitárias e ao alinhamento dos preços nacionais pelos preços comunitários, sem nada se ter alterado no campo das estruturas agrícolas...

Mas se historicamente esta concorrência retardada se afigura como o grande antago-

nista do desenvolvimento económico e dos interesses reais das populações, cooperativas há que lutam denodadamente pelo desenvolvimento mais justo, surdas às atoardas do comércio estrangeiro. É o caso da Lourifruta, com 800 cooperadores, comercializando três mil e quinhentas toneladas de fruta e dez mil toneladas de produtos hortícolas dos seus três mil hectares de terra associadas. A Lourifruta dispõe de uma estrutura física razoavelmente grande com central fruteira e central hortícola. É uma cooperativa polivalente: faz a recepção, transformação e comercialização de produtos hortofrutícolas. Os cooperativistas pensam que a muito breve prazo a região da Lourinhã, dinamizada pela sua cooperativa, virá a ser a horta de Lisboa.

Entretanto, o país precisa de novas cooperativas fruteiras. Estas cooperativas não resolvem somente o problema da escolha, calibragem e armazenagem; podem escoar a fruta ao longo de todo o ano, evitando desperdícios e intervindo activamente nos circuitos de comercialização. Repare-se, a esse propósito, que a composição do retalho de frutas em Lisboa está altamente distorcida. Os vendedores ambulantes, as mercearias e os lugares de fruta comercializam cerca de 80 por cento de toda a fruta vendida neste distrito, os consumidores colectivos (hospitais, cantinas, etc.) detêm 5 por cento da comercialização e os supermercados não excedem os 2 por cento.

* Passagem do livro «O Poder dos Consumidores», da autoria de Beja Santos, editado por «A Regra do Jogo» que é lançado em Lisboa na próxima quinta-feira.



MUNICIPIO DE ALMADA

CÂMARA MUNICIPAL

EDITAL N.º 126/82

P.P. n.º 148/82

JOSÉ MARTINS VIEIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA.

Faço público que, a partir da data da publicação deste Edital, ficam notificados os proprietários do prédio denominado Quinta da Genovea, freguesia de Caparica, com a matriz cadastral sob o Art.º n.º 11 da secção N/Caparica, que nos termos do art.º 1.º, do Dec. Lei n.º 275/76, de 13 de Abril, e em consequência da deliberação tomada em 5/11/82, ratificou o despacho do Presidente da Câmara de 24/9/82 proferido ao abrigo do art.º 65 da Lei 79/77, de 25 de Outubro, face ao qual esta Câmara Municipal tomou posse administrativa do referido terreno onde se efectuou um loteamento clandestino, tendo esta posse como efeitos jurídicos a imediata suspensão dos trabalhos, a proibição de quaisquer trabalhos ou actividades que não respeite a exploração normal do terreno.

Nos termos do art.º 4.º daquele diploma legal poderá reclamar no prazo de trinta dias para esta Câmara alegando e provando a falta de fundamento desta providência.

Se não for apresentada reclamação ou esta for indeferida será feita participação dos factos ao Tribunal Judicial para promover o respectivo procedimento criminal e a consequente passagem da propriedade do terreno para o património municipal.

Almada, 16 de Novembro de 1982
O Presidente da Câmara

José Martins Vieira

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 50 695, para «PROCESSO APERFEIÇOADO PARA A POLIMERIZAÇÃO, EM EMULSÃO, DE DIENOS CONJUGADOS».

TRATA: CLARKE, MODET & CO. LTD.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção n.º 57 913, para «BROCA DO TIPO DE DRAGA».

TRATA: CLARKE MODET & CO. LTD.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Op. Alvará n.º 16/1958

RN Tours
VIAGENS
TURISMO

VIAGENS EM AUTOPULLMAN DEZEMBRO PONTE DE FERIADOS

CEUTA E TORREMOLINOS	28/NOV. A 1/DEZ. — C/HOTEL	9.900\$00
MADRID-TOLEDO-V. DOS CAÍDOS	1 A 4/DEZ. — C/HOTEL	7.750\$00
SIERRA NEVADA (CORDOBA-GRANADA-SEVILHA)	1 A 5 DEZ. — C/HOTEL	11.900\$00

DIA DE NATAL ALMOÇO MISTÉRIO

GRANDE CONVÍVIO — EMENTA ESPECIAL — MÚSICA — ALEGRIA 1.850\$00

PASSAGEM DO ANO

VÁRIAS VIAGENS — VÁRIOS PREÇOS

SERRA DA ESTRELA — MINHO E GALIZA — ALGARVE — SALAMANCA
TORREMOLINOS E CEUTA (PROGRAMAS DETALHADOS A SAIR BREVEMENTE)

RN Tours

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
LISBOA - Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1096 LISBOA Codex
Telefones: 56 00 15/16 - 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1.º - 1100 LISBOA
Telefone: 36 75 29

OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS: COIMBRA — Tel.: 229 44 • LEIRIA
— Tel.: 224 13 • PORTO — Tel.: 211 09 • SETÚBAL — Tel.: 232 91 • FARO — Tel.: 230 25
P. ROCHA — Tel.: 223 70 • ÉVORA — Tel.: 242 54

exclusivo

Planos de hegemonia de Washington (conclusão)

Indústria militar dos Estados Unidos

Panorama D.D.R.

Um outro ponto importante das actividades armamentistas da Administração Reagan é o vasto programa de armamento para as esquadras, o qual prevê para os próximos cinco anos despesas no montante de 70 mil milhões de dólares para aumentar o «stock» da marinha de guerra em 150 navios para 600. O ministro da Marinha John Lehman declarou o «domínio dos mares como o objectivo nacional» dos EUA. (The New York Times de 17.5.1981)

De forma análoga, expressou-se também o chefe do Estado-Maior dos EUA, D. Jones:

«Na qualidade de superpotência com interesses e compromissos em todo o mundo, os EUA precisam de um acesso ilimitado sobre e nos oceanos, para poder pôr em marcha o necessário poder militar que se pudesse tornar necessário para assegurar esses interesses e compromissos.» (Wireless Bulletin from Washington de 6.2.1981)

A tabela 2 a seguir oferece uma perspectiva sobre as novas construções planeadas de 1983 a 1987 para a US-Navy (forças navais) ou uma comparação de planos entre o governo de Carter e o governo de Reagan.

TABELA 2

Tipo de navio	Plano do governo Carter N.º de unidades	Plano do governo Reagan	Executores principais - estaleiros ou consórcios
NAVIOS DE COMBATE			
Porta-aviões classe Nimitz	0	2	Newport News (Consórcio Tenneco)
Cruzeiros classe Aegis	16	17	Consórcio Litton
Contratorpedeiros classe DD-963	0	6	Consórcio Litton
Fragatas classe FFG-7	1	9	Todd Shipyards ou Bath
Submarinos de ataque SSN-688	7	14	Newport News ou Electric Boat (consórcio General Dynamics)
Submarinos classe Trident	5	7	Newport News ou Electric
NAVIOS DE ABASTECIMENTO			
Navios de desembarque	0	9	
Abastecedores de munições e de petróleo	7	23	ainda não decidido
Outros	49	63	
	85	150	

(Business Week, Nova Iorque, de 20.7.1981)

Alta conjuntura dos monopólios de armamento aéreo

O programa de armamento nuclear estratégico e o programa de armamento naval estratégico trazem para os principais forne-

cedores neles envolvidos e para uma série de fornecedores subsidiários, sobretudo nos próximos anos, encomendas de montante cada vez maior e, consequentemente, lucros crescentes. Os monopólios de armamento aéreo têm no momento os seus livros de encomendas cheios de encomendas do Pentágono e do estrangeiro. Eles são, a par dos monopólios das indústrias electrotécnica e electrónica, também os principais lucrativos do programa de armamento nuclear estratégico (como mostram os exemplos anteriormente citados) e também do armamento naval, como mostra a tabela 3, ocupando a dianteira já há anos no armamento dos EUA (tabela 4).

Destes 10 consórcios só a firma Litton Industries como consórcio misto com diversas actividades, e a General Dynamics com o estaleiro de Groton e a Electric Boat na construção naval colaboram directamente; os outros essencialmente no armamento aéreo ou importantes fornecedores subsidiários, como é o caso da General Electric, da Sperry Rand e da Westinghouse.

Também a General Dynamics centraliza a sua actividade no armamento aéreo.

Também aqui se pode contar com todos os consórcios, com excepção da General Electric, no que se refere à indústria de armamento aéreo.

A General Dynamics fornecerá, p. ex., nos próximos 10

anos, 1 388 aviões de combate ao Pentágono; 500 deles foram já exportados, estando iminentes outras remessas. Designadamente, e além disso, para Israel, a Coreia do Sul e o Paquistão. Na fábrica de blindados Chrysler Defense Inc. comprada pelo grupo Chrysler em 1982, deverão ser produzidos até finais dos anos 80 mais de 7 000 blindados de combate do tipo mais recente M-1 Abrams, num valor de 7,2 mil milhões de dólares. O consórcio tem ainda importantes encomendas para a versão de apoio no mar dos mísseis cruzeiros, diferentes tipos de mísseis e outras coisas mais, de forma tal que a gerência conta até 1985 com uma subida das vendas de armamento para 7,5 mil milhões de dólares, o que corresponderia a mais do dobro de 1981.

A situação é semelhante nos outros consórcios de armamento aéreo. O grupo Lockheed recebeu em princípios de 1982 encomendas relativas a mais 50 grandes aviões de transporte tipo C-5 «Galaxy» para as «tropas de intervenção rápida». Compensa ao consórcio, conforme consta do relatório anual de 1980, «ter-se concentrado em quase três décadas nas necessidades específicas do transporte aéreo militar».

Paralelamente ao desenvolvimento dos mísseis Trident, o consórcio ocupa-se também em aperfeiçoar novos navios de desembarque para as «tropas de intervenção rápida». Do mesmo modo que McDonnell Douglas, também o grupo Lockheed quer retirar-se dos «negócios da aviação civil que só traz prejuízos» e apoiar-se ainda mais fortemente no sector militar. A comunicação

da retirada do grupo Lockheed da construção do avião civil Tristar L 1011 foi saudada pela Wall Street com «um suspiro de alívio», tendo as cotações das acções do grupo subido imediatamente.

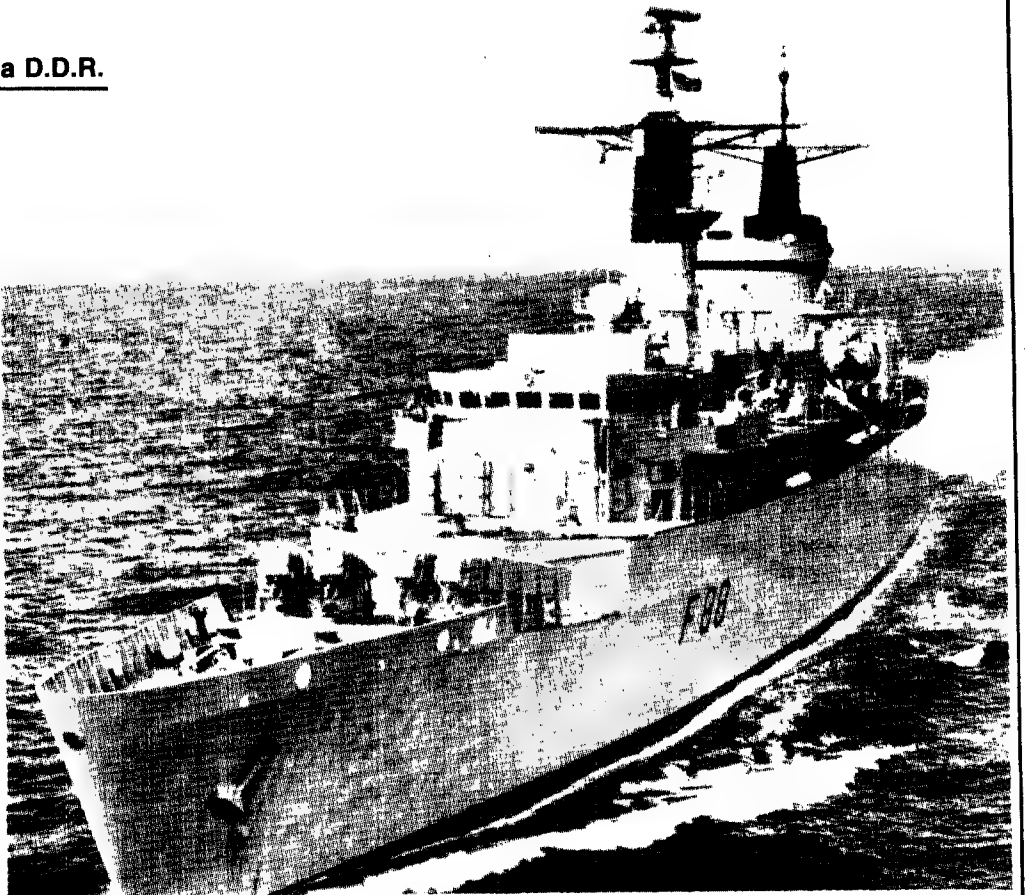


TABELA 3

Os 10 maiores executores das forças navais dos EUA (valor da encomenda em milhões de dólares, de 1.10.1980 a 31.3.1981)

McDonnell Douglas	1 393
Grumman	919
General Dynamics	859
General Electric	598
United Technologies	450
Sperry Rand	376
Hughes Aircraft	376
Lockheed	344
Litton Industries	336
Westinghouse	302

(Business Week, Nova Iorque, de 20.7.1981)

TABELA 4

Os 6 produtores de armamento mais importantes dos EUA em 1981

	Vendas no total	das quais armamento
	em milhões de dólares	
McDonnell Douglas	7 385	4 410
United Technologies	13 668	3 780
General Dynamics	5 063	3 400
General Electric	27 240	3 000
Boeing	9 788	2 700
Lockheed	5 176	2 700

(«Wirtschaftswoche» - revista de economia da RFA, de 9.7.1982).

mente.

McDonnell Douglas promete elevados lucros sobretudo no novo avião de combate F-18, o qual foi desenvolvido juntamente com Northrop. Northrop espera obtê-los em particular do mais recente bombardeiro «Stealth» não detectável pelo radar inimigo, o projecto mais mantido em segredo desde o projecto da bomba atómica «Manhattan», conforme noticia o semanário «Business Week» de 19.4.1982.

No relatório de negócios da sociedade-matriz de Sikorsky - o maior produtor de helicópteros dos países capitalistas - United Technologies - refere-se:

«Os próximos dez anos serão provavelmente o período mais produtivo e lucrativo jamais havido na Sikorsky».

A maior parte das 100 empresas de armamento mais importantes dos EUA nutrem expectativas semelhantes, isto é, que

vão poder «festejar», conforme comentário do semanário «Business Week» de 8.2.1982.

Subida das exportações de armamento

As expectativas de lucro dos monopólios armamentistas também assentam, paralelamente aos programas de armamento do Pentágono, nas exportações crescentes de armas e de material militar. Para a administração Reagan a exportação de armamento é o principal instrumento da política externa dos EUA.

«Elas representam a contrapartida internacional para o reforço do potencial militar interno dos Estados Unidos. É o regresso às doutrinas vigentes durante a guerra fria».

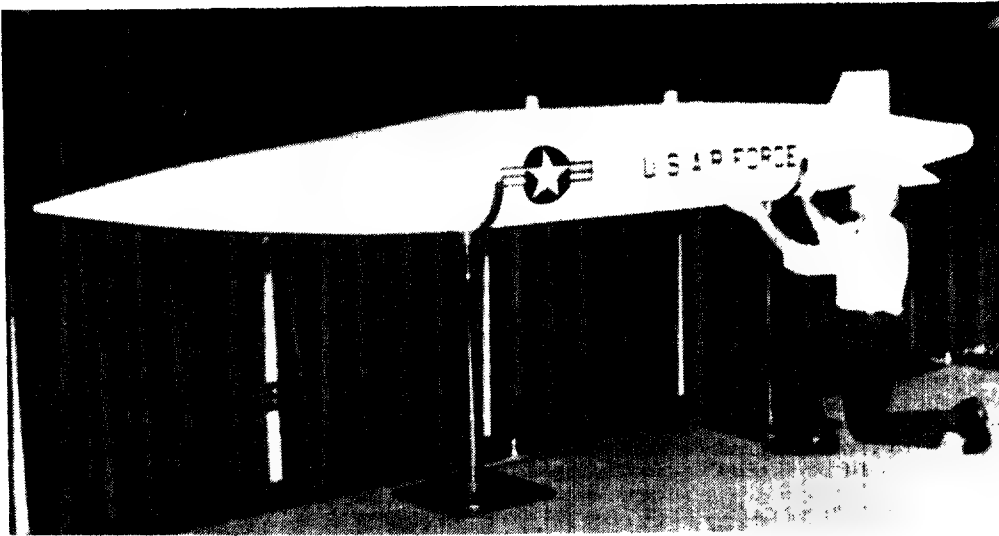
(Le Monde Diplomatique, Paris, Janeiro de 1982)

A isso acresce o acréscimo da assistência militar que consiste em grande parte em armas e outro material de armamento. A quota parte da chamada assistência de segurança na «assistência dos EUA para o estrangeiro» na sua globalidade, deverá subir de cerca de 30 % para quase 50 %, em 1983. Sobre a finalidade duma tal «assistência» escreveu a «The Nation» de Julho de 1981:

«Os nossos programas de ajuda económica ao estrangeiro destinam-se a par do amplo apoio militar e da concessão de créditos, financiamentos de exportação e garantias de investimento - o que nós financiamos na totalidade - a que sejam relativamente poucos aqueles que exercem o controlo sobre o manancial de matérias-primas existente no Terceiro Mundo... Por cada dólar que o contribuinte americano paga junto do Banco Mundial são aplicados uns 10 dólares em verbas de fornecimento para sociedades americanas».

Não se pode expressar de forma mais clara o facto de tanto a ajuda económica como a militar por parte dos EUA estarem subordinadas aos interesses de poder e de lucro dos círculos mais agressivos da principal potência imperialista. E aí as atenções estão mais concentradas no Médio Oriente, como demonstra o apoio permanente dos EUA ao genocídio dos povos palestinos e libaneses perpetrado por Israel. Também em 1981, Israel estava com 1,4 mil milhões de dólares à cabeça de todos os destinatários de «ajuda militar» do imperialismo dos EUA. (Boletim Anti-Imperialista de Informação, Marburgo, n.º 3/1982).

Os círculos mais agressivos do imperialismo norte-americano esperam apoio de regimes e forças reaccionárias no sentido de os auxiliarem na sua luta à escala mundial contra o progresso social e no asseguramento das suas fontes de lucro.



Fuga acelerada com a vitória socialista **Dinheiro espanhol a caminho do "paraíso"**

Dois alemães federais foram presos ontem de manhã, no aeroporto de Barcelona, quando pretendiam abandonar a Espanha com elevadas quantias em divisas. Segundo informou a Guarda Civil um levava o correspondente a dois mil contos e outro 800.

Esta informação recebida da capital da Catalunha traduz uma realidade corrente na Espanha e agravada com a vitória dos socialistas nas eleições.

Neste momento deverão estar depositados ilegalmente em bancos suíços, uns 50 mil milhões de dólares o que corresponde a 4.500 milhões de contos em moeda portuguesa. Esta quantia corresponde a duas vezes o Orçamento do Estado espanhol e cinco vezes o volume das reservas em ouro e divisas do Banco de Espanha.

Jean Ziegler, deputado suíço e professor de Sociologia na Universidade de Genebra, que fez estas revelações em entrevista ao jornal espanhol «El País» disse que baseou as suas informações num estudo exaustivo das estatísticas financeiras dos Bancos e do Governo suíço, com provas proporcionadas pelos sindicatos e trabalhadores de instituições privadas.

Ziegler afirma que dos 50 mil milhões de dólares, dez mil milhões podem considerar-se evasão pura, que chegaram à Suíça através de meios ilegais. O resto corresponde a investimentos e outro dinheiro que ao longo dos anos tem saído de Espanha com destino à Suíça.

Ziegler já há vários anos que se dedica à investigação e denúncia de casos de evasão de capitais para o «paraíso bancário» suíço. As suas informações sobre a Espanha coincidem com o aparecimento quase diário de casos referenciados pelas autoridades de fronteira.

O caso mais polémico, embora não o de maiores proporções, foi o relacionado com a actuação do alcaide da localidade fronteiriça de La Junquera, José Maria Mezquida, que se encontra preso, acusado de ser o cérebro de um grupo que se dedicava à evasão de capitais.

A sua condição de alcaide dava-lhe uma certa impunidade para atravessar a fronteira com o dinheiro.

Jean Ziegler tinha previsto visitar Madrid para testemunhar no congresso, a pedido de um grupo de deputados socialistas, sobre o fenómeno da evasão de capitais. A antecipação das eleições atrasou a viagem, mas tem previsto dar em Janeiro um ciclo de conferências em Espanha.

Sobre a forma de evasão de divisas, afirma que são três os métodos: pastas de mão, camiões, ou transferências bancárias que não correspondem exactamente às transacções comerciais ou financeiras.

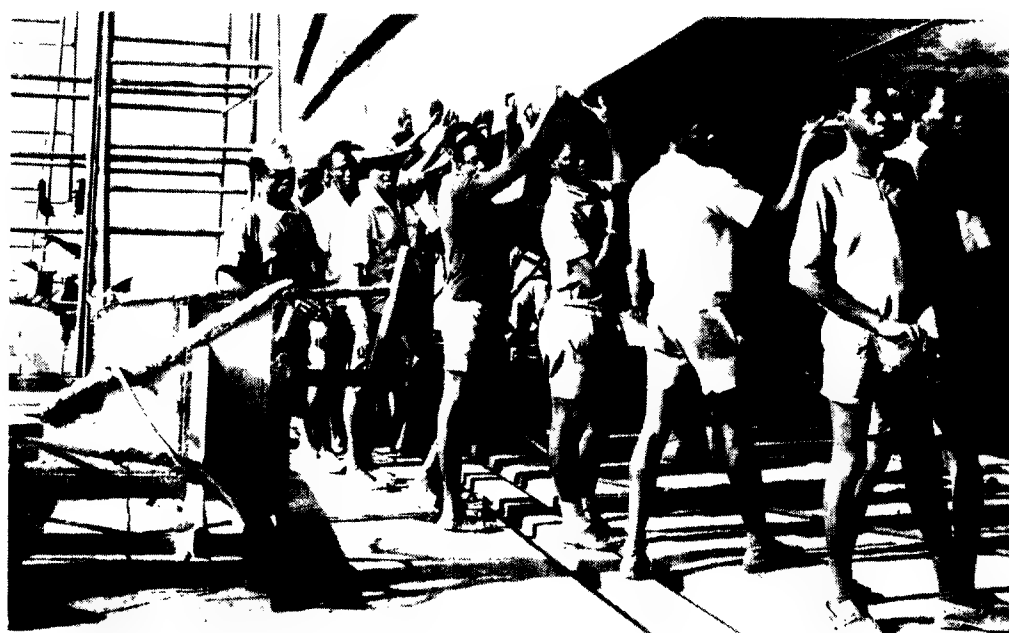
Quanto às perspectivas de regresso desse capital ao país, afirma que a curto prazo só vê possibilidades «através de uma estabilização do Governo socialista e à recuperação da confiança».

Afirma que o «PSOE não deveria cometer os erros involuntários e bem intencionados em que caiu o Partido Socialista Francês», pois uma eventual amnistia que permitisse a repatriação dos capitais, sem penalização, não serviria para nada. Lembra que a acção de Mitterrand apenas conseguiu que regressassem 400 milhões de francos, «uma mínima parte do dinheiro francês depositado na Suíça».

Quanto aos caminhos que poderiam ser ensaiados para um maior controlo da saída de capital através do sistema de transferências, baseadas em transacções comerciais, sugere um maior controlo sobre o comércio bilateral e empresas suíças instaladas em Espanha.

Jean Ziegler considera que a vitória socialista em Espanha pode motivar um boicote encoberto por parte de interesses internacionais. «A burguesia europeia não comunga, evidentemente, com uma vitória socialista na sua área de influência» — comenta.

Ziegler pensa que as possibilidades de a Suíça pôr termo ao segredo bancário, razão principal da afluência de capitais estrangeiros, são muito poucas, pois «o segredo bancário está incluído na nossa Constituição».



O trabalho no estaleiro naval, situado nas instalações do Porto de Bissau, deve muito 'força braçal'. Com a entrega da sua gestão e redimensionamento à Setenave, a capital guineense ficará em condições de apolar a frota pesqueira que demanda as águas da África Ocidental

A Setenave vai gerir estaleiros de Bissau

As autoridades da República da Guiné-Bissau resolveram entregar à empresa portuguesa Setenave o contrato de assistência e gestão dos seus estaleiros navais. Os termos do contrato serão definidos, muito em breve, em Lisboa.

«Neste momento estão reunidas todas as condições para uma cooperação aberta com interesse mútuo», revelou à ANOP um dirigente da Setenave, Vitor Melo.

Após a próxima reunião em Lisboa, os representantes das partes interessadas percorrem uma nova etapa no Luxemburgo, onde vão discutir com o Banco Europeu de Investimento as condições de financiamento.

«O financiamento — disse Vitor Melo —, no valor aproximado de oito milhões de dólares, prevê também a utilização da linha de crédito portuguesa.»

No seguimento de um trabalho que tem vindo a ser feito desde 1979, os técnicos da Setenave realizaram, no terreno, um estudo de viabilidade económica para o relançamento dos antigos estaleiros da Guiné-Bissau.

«Ficou demonstrada a viabilidade do estaleiro e o seu interesse económico como actividade de apoio às frotas nacionais, marinha de guerra, transporte e pesca, qualquer delas indispensável ao desenvolvimento do país», afirmou a mesma fonte.

O sucesso da actividade de

reparação naval naquele país de língua portuguesa «é altamente dependente da facilidade com que os materiais e as pessoas entram e saem do estaleiro».

Nestas condições — lê-se no estudo — «assume-se que o estaleiro será considerado como fazendo parte da área do Porto, livre de direitos aduaneiros».

O estaleiro manterá as suas características actuais, não se encarando novas soluções de aumento da sua capacidade mas tão-somente investimentos complementares de recuperação ou reintegração dos recursos existentes.

Pequena construção naval também no programa

O primeiro objectivo do estaleiro é a «reparação das frotas de navios da Guiné-Bissau e da frota de pesca estrangeira que opera na região, como meio gerador de divisas necessárias».

Está, ainda, prevista a construção naval de pequenas embarcações de madeira e aço, pontões e batelões. No primeiro caso a matéria-prima, a madeira, tem vindo a constituir um verdadeiro «banquete» para os suecos.

O estudo dos técnicos portugueses aponta para a criação de novos postos de trabalho, formando, simultaneamente, os operários especializados indispensáveis.

Para que os objectivos finais sejam atingidos, a Guiné — nome que funciona como imagem de marca — deverá reapetrechar-se a nível humano e de equipamentos, a fim de assegurar vendas anuais na ordem das 490 mil horas/homem.

De acordo com a opinião dos técnicos a Guiné-Bissau pode facilmente introduzir uma nova cláusula nas autorizações de pesca nas suas águas territoriais, segundo a qual as respectivas frotas ficam obrigadas à assistência nos seus estaleiros.

A captação de divisas assentaria no pagamento de 50 por cento em dólares e o restante em moeda nacional guineense — peso.

Os estaleiros guineenses têm funcionado sem personalidade jurídica nem autonomia financeira, no âmbito do património do Estado, havendo, mesmo, a registar uma inactividade de Agosto a Setembro de 1981.

Por outro lado, os dirigentes da Guiné-Bissau sabem perfeitamente que a quase totalidade dos armadores de pesca e de transportes marítimos não tem capacidade económica nem o país disponibilidade de divisas para reparar em estaleiros estrangeiros.

Os estaleiros da Guiné, agora com horizontes à vista em termos de rentabilidade económica, serão visitados pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, em Dezembro.

Banca ligada às transferências financeiras internacionais

A Banca portuguesa está desde ontem ligada à Sociedade Mundial de Telecomunicações para as Transferências Financeiras Interbancárias (SWIFT), sendo, assim, o último país da Europa a aderir ao sistema, formado por uma sociedade cooperativa, que inclui os maiores bancos mundiais (980 bancos em 46 países) e transmite 300 mil mensagens por dia, em código.

O SWIFT é um sistema de telecomunicações mais rápido e mais barato do que o telex e permite à Banca portuguesa acesso mais rápido aos seus congéneres mundiais.

A partir de hoje é mais rápido fazer uma transferência de dinheiro de Lisboa para Paris, do que, por exemplo, de Lisboa para Braga — foi afirmado, numa conferência de Imprensa, pelo presidente da Comissão Permanente do grupo português de utilizadores SWIFT, Christopher de Beck.

Estão integrados no SWIFT os oito bancos comerciais portugueses e a Caixa Geral de Depósitos e o Crédito Predial Português, sendo as filiais do Crédito Franco-Português e do Bank of London and South America apenas utilizadores, uma vez que as respectivas sedes são membros do sistema.

O ministro das Finanças João Salgueiro, disse durante o almoço com membros da Banca que «é bom que Portugal encerre uma fase em que a economia esteve condicionada pelas vicissitudes da política e fez votos para que «a economia tenha no futuro uma base política mais sólida».

Empréstimo para os CTT

A empresa pública Correios e Telecomunicações de Portugal foi autorizada a contrair um empréstimo externo no valor de 5385 mil francos suíços, ou seja, o equivalente a uns 200 mil contos.

O empréstimo destina-se à cobertura financeira do equipamento e montagem de uma rede de comunicação de dados, sendo o mutuante o Northern Telecom e Canadian Imperial Bank of Commerce.

O prazo de amortização do empréstimo é de oito anos.

Já no sábado, o «Diário da República» incluiu uma portaria, que autoriza os CTT a contrair um empréstimo externo no valor de 50 milhões de dólares.

A maior dívida externa do Mundo **Reservas de petróleo são aval do México**

O presidente do México, Lopez Portillo, disse que o seu país não está à beira da bancarrota porque bastar-lhe-ia vender dois por cento das reservas provadas de petróleo para pagar a dívida externa.

Portillo afirmou que o México conta com reservas, já provadas, que ascendem a 72 mil milhões de barris e que a sua dívida externa, pública e privada, atinge 80 mil milhões de dólares.

O presidente mexicano frisou que a crise económica em que vive o país se deve ao facto de ter acabado o dinheiro disponível, por terem aumentado os encargos com a dívida e diminuído os rendimentos.

Salientou que os empréstimos obtidos pelo país no estrangeiro não foram a fundo perdido, pois foram investidos em sectores produtivos. Como exemplo, citou o caso da empresa nacional de petróleo, Pemex, que obteve 27 mil milhões de dólares para criar uma estrutura petrolífera moderna.

Lopez Portillo frisou que o México conta com mão-de-obra, instalações industriais e matérias-primas, particularmente o petróleo, para pagar a sua elevada dívida externa.

Insistiu no facto de o país enfrentar dificuldades puramente financeiras que são comuns a outros países em vias de desenvolvimento.

FMI: ordem para financiar

O Fundo Monetário Internacional (FMI) pediu a bancos comerciais que co-financiem a dívida externa do México, emprestando-lhe 6,5 mil milhões de dólares durante os próximos treze meses, indicaram fontes monetárias, em Washington.

Este pedido foi apresentado pessoalmente pelo director-geral do FMI, Jacques de Larosière, a semana passada, em Nova Iorque, a responsáveis dos vinte principais bancos comerciais, acrescentaram estas fontes.

O FMI assinou com o México, recorda-se, um acordo preliminar para um empréstimo de 3,84 mil milhões de dólares distribuído por três anos. Este acordo é considerado, nos meios financeiros internacionais, como sendo necessário ao México para negociar com os bancos comerciais o refinanciamento da sua dívida externa. Esta é a mais elevada do mundo, com cerca de 80 mil milhões de dólares.

Por um período de três anos

Milho americano para Cabo Verde

Os Governos dos Estados Unidos e de Cabo Verde assinaram na ilha do Sal um acordo para fornecimento de milho a Cabo Verde por um período de três anos.

O acordo foi assinado por George Bush, vice-presidente dos Estados Unidos, e por Osvaldo Lopes da Silva, ministro cabo-verdiano da Economia e Finanças.

O documento estabelece que os Estados Unidos fornecerão anualmente, durante três anos, 15 mil toneladas daquele cereal a Cabo Verde — a terça parte do consumo total.

Desde 1977 que os EUA fornecem tais quantidades de milho, embora a partir de acordos anuais.

A oferta deste milho (vendido ao público a preços do mercado nacional) é um dos aspectos importantes da cooperação norte-americano-cabo-verdiana, cujo montante, desde 1975 — segundo apurou a ANOP na Cidade da Praia — ascende a 50 milhões de dólares.

Os Estados Unidos têm privilegiado os programas de agricultura e em Setembro último assinaram com o Governo de Cabo Verde um acordo segundo o qual participam com seis milhões de dólares num projecto de investigação agrícola.

Outro projecto de cooperação bilateral em execução refere-se à reforestação, projecto no qual participou Manuel Gonçalves, agrónomo português.

Informações prestadas por fontes diplomáticas da Cidade da Praia indicam que aquele projecto, cuja avaliação será feita em 1983, custou aos Estados Unidos sete milhões de dólares.

Outro domínio em que a cooperação dos Estados Unidos com Cabo Verde tem significado é na edificação de edifícios escolares, em que a administração norte-americana tem a seu cargo a construção de uma centena de salas de aulas, algumas das quais já estão em funcionamento. Este projecto orça em três milhões de dólares.

Por outro lado, cerca de 100 estudantes cabo-verdianos be-

neficiaram de bolsas de estudo norte-americanas, no valor de 5 milhões de dólares.

Grande parte destes estudantes ainda se encontra em universidades em cursos ligados, sobretudo, à agricultura.

Ao mesmo tempo, o Governo norte-americano participou na montagem de um sistema de dessalinização de água do mar, na ilha do Sal, com oito milhões de dólares, num projecto que custou 10 milhões.

Cooperação bilateral intensa

Os dois Governos desenvolvem cooperação bilateral noutros domínios, tais como estudos de formas de energia renováveis, estudos demográficos e na luta contra insectos.

De acordo com informações oficiais da Praia, Washington participou com nove milhões de dólares para a reconstrução de parte da ilha Brava atingida por um temporal, no fim de Agosto.

Por seu turno, Lopes da Silva considerou o acordo assinado com os Estados Unidos «um compromisso assumido pelos dois Governos para liquidar as raízes da fome em Cabo Verde».

George Bush já estivera na ilha do Sal ao encetar o seu roteiro africano, e conferenciara, então, com o presidente da República, Aristides Pereira.

Também o primeiro-ministro, Pedro Pires, não se encontrava no Sal, por ter ido a Trípoli à Cimeira da Organização da Unidade Africana.

Na primeira escala deste mês em Cabo Verde, o vice-presidente norte-americano declarara ter vindo explicar aos dirigentes africanos as posições de Washington quanto a uma série de assuntos de interesse para o continente.

Dan Greeg, por seu lado, afirmou que os Estados Unidos estão interessados em ajudar a resolver alguns problemas económicos da África: «Queremos mostrar que os Estados Unidos são amigos da África», disse.

DESPORTO

Amanhã, há luz nova

Ministro dos Transportes visitou ontem o estádio do Benfica

O ministro das Obras Públicas, Viana Baptista, visitou ontem as obras já concluídas do estádio da Luz e garantiu o seu apoio a todos os empreendimentos de interesse para a população.

Viana Baptista foi acompanhado pelo seu secretário de Estado e pelo director-geral do Equipamento Regional e Urbano da CML Pessanha Viegas, tendo visitado o pavilhão polivalente, a piscina e os cortes de ténis.

No final da visita, Fernando Martins, presidente da direcção do Benfica, anunciou que segunda-feira será entregue na Câmara Municipal de Lisboa o projecto para o fecho do terceiro anel, sob o qual serão construídos vários ginásios.

Com o fecho do terceiro anel, o estádio da Luz ficará com uma capacidade para cerca de cem mil pessoas e os ginásios permitirão ao clube ter em funcionamento cerca de 15 mil atletas por dia.

O membro do Governo salientou que será a população da capital a beneficiar dos apoios que a Câmara possa vir a prestar aos projectos da Direcção do Benfica, numa perspectiva de melho-



Esta é a equipa do PSV de Eindhoven (PSV são as iniciais de Philips Sport Vereniging) que amanhã à noite (21 horas) defrontará a sua congénere do Benfica, para inauguração da nova luz do Estádio da dita. Recorde-se que o clube holandês, além de averbar sete vitórias no campeonato nacional do seu país, já participou treze vezes em competições da UEFA, designadamente cinco nos Clubes Campeões, três na Taça das Taças e cinco vezes na Taça UEFA.

res condições de vida dos cidadãos.

Interrogado sobre o subsídio a atribuir ao Benfica, Viana Baptista afirmou que o mesmo ficará

definido através dos dispositivos legais que têm percentagens de comparticipação nos vários empreendimentos.

Acentuou que esse subsídio

será certamente atribuído, desde que o projecto seja aprovado pela DGERU e de acordo com determinadas regras bem definidas.

O Desporto em Moçambique

Seleção de futebol prepara-se para a Taça das Nações Africanas

A selecção moçambicana de futebol iniciou a preparação para o jogo da primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça das Nações Africanas.

O primeiro adversário dos moçambicanos será a forte selecção dos Camarões, que representou a África na última edição do campeonato do mundo, realizado em Espanha.

Mário Coluna, antigo internacional português, que jogou no Benfica, foi chamado para dirigir a comissão técnica da selecção moçambicana auxiliado por dois técnicos da Alemanha Democrática.

Na participação moçambicana na última edição da Taça das Nações a selecção foi afastada na segunda eliminatória pela selecção do Zaire. Em Kinshasa perdeu por 2-1 e em Maputo empatou a três bolas.

Os zairenses, depois de eliminarem os moçambicanos, foram afastados da prova pela selecção dos Camarões. Em Kinshasa, ganharam por 1-0 mas perderam na segunda «mão» por 6-0.

Maxaquene ganhou a Taça

O Maxaquene, vice-campeão nacional de futebol, ganhou domingo a Taça de Moçambique, ao vencer o Ferroviário de Maputo, campeão nacional, por 1-0.

O golo da vitória foi obtido aos 53 minutos de jogo por Brito, que apareceu isolado, dentro da grande área, do lado direito, batendo Didica, guarda-redes do Ferroviário.

O jogo teve lugar no Estádio

da Machava, perante 30 mil espectadores.

Moçambicano árbitro da FIFA

O moçambicano José Ferreira foi consagrado domingo como árbitro da FIFA, antes da realização da final da Taça de Moçambique, em futebol.

José Ferreira arbitrou a partida final, em que o Maxaquene venceu o Ferroviário do Maputo, por 1-0.

Antes da partida, foi colocado ao peito daquele árbitro o emblema da FIFA, com o qual passa a dirigir os jogos.

José Ferreira tem arbitrado nos últimos anos jogos a contar para as Taças das Nações Africanas, dos Campeões Africanos e dos Vencedores das Taças.

Maxaquene eliminado em basquetebol

O Maxaquene, campeão moçambicano, foi eliminado da Taça dos Campeões Africanos de Basquetebol, pelo Zamalek, Egipto, apesar de ter vencido o jogo da segunda «mão» da segunda eliminatória, disputado domingo em Maputo.

O resultado final da partida foi de 71-61.

O pavilhão do Maxaquene, onde a partida se disputou, teve a sua maior enchente de sempre.

O público, vibrando «puxou» pelos campeões nacionais, na esperança de ver desfeita a vantagem de 20 pontos que os egípcios traziam do Cairo.

Aos cinco minutos da segunda parte, os moçambicanos ainda acalentaram algumas esperanças, quando estiveram a vencer por 14 pontos, mas daí por diante não conseguiram manter a vantagem.

Hóquei em patins

Sporting à frente no Torneio de Abertura

A equipa do Sporting venceu ontem, o Sesimbra no Pavilhão de Alvalade, pelo resultado de 5-2. O encontro contava para o Torneio de Abertura (I Divisão), tendo os donos da casa consolidado a sua posição de líder, com três pontos de vantagem sobre o Belenenses (que bateu a Física de Torres Vedras por 5-0). O Benfica, na Luz, derrotou a Académica da Amadora por 10-1 e o

Oeiras venceu o Paço de Arcos por 8-3.

A classificação ficou assim estabelecida: Sporting, 32 pontos, Belenenses, 29; Sesimbra, 28; Benfica, 27; Paço de Arcos, 25; Oeiras, 18; Física, 17 e Académica da Amadora, 16.

No torneio de Abertura da II Divisão os resultados de ontem foram: Campos de Ourique - Paço de Arcos, 3-6 e Cascais - Alenquer, 5-1.

Alhandra comemora 61.º aniversário

O Alhandra Sporting Clube comemora a partir de amanhã o seu 61.º aniversário com a realização de provas de pesca e de vela, para além de uma exposição fotográfica aberta a todos os alhandrenses.

Jogos de futebol no domingo, no âmbito da AFL, em iniciados e juvenis, e atletismo na quarta-feira da próxima semana preenchem a jornada. Mais futebol no dia 11 e uma sessão solene no dia 15.

Além de outras manifestações desportivas, assumem particular relevo nestas comemorações a realização de colóquios, um sobre questões eminentemente futebolísticas (com a participação do nosso camarada Neves de Sousa e dos jornalistas Carlos Pinhão e Fernando Guerra e dos jogadores Alves e Pietra) e um outro sobre a inserção literária numa terra como Alhandra, a cargo do nosso companheiro Manuel Geraldo.

Ténis na Madeira

O primeiro torneio internacional de ténis «Madeira-82» terá lugar no Funchal, entre 1 e 5 de Dezembro, revelou a organização.

Na prova estarão presentes o campeão nacional Pedro Cordeiro, o internacional holandês Van Vegel e outros tenistas portugueses e estrangeiros.

A organização do torneio tem como objectivo implementar anualmente um calendário de diversas provas internacionais de ténis na Madeira.

Festa do ciclismo em Pinheiro de Loures

A secção de ciclismo do SCP de Loures, como é da tradição, levou a efeito mais um almoço de confraternização, para homenagear os seus atletas que terminaram a época de 1982, na categoria de seniores B.

Foram eles: Raul Matias, campeão regional de rampa e campeão regional de pista, Valério Estevão, António Viana, Celestino Vicente, Jerónimo Folgado, João Sovelas, Gustavo Gomes e Fernando Ventura.

Na festa estiveram presentes: o presidente da Câmara Municipal de Loures, Severino Falcão, presidente da Junta de Freguesia de Loures, Domingos Cardoso, pela Federação Portuguesa de Ciclismo, Anibal de Oliveira e Manuel Tiago, eng. João Vicente representantes da SAPEC, António Chambel presidente da AC do Sul que fez a entrega ao presidente do clube João Carlos o diploma de sócio de mérito.

A Manuel João Tiago foi-lhe entregue pela mesma Associação a medalha de dedicação da época 82.

José Amaro, antigo ciclista do clube, ofereceu à secção a camisola da sua nova equipa, MAKO JEANS.

O presidente do clube agradeceu aos seccionistas Manuel João Tiago, Luís Machado, Octávio Ferreira e Jorge Lopes, o esforço que fizeram ao longo da época.

No final do almoço, os ciclistas

fizeram entrega ao clube, dos troféus taças e medalhas, que por eles foram ganha ao longo da época, estes para se juntarem aos tantos que o clube tem possuído ao longo dos anos.

O Pinheiro de Loures, foi, é, e

será, a escola do nosso ciclismo, mercê da força e de grande vontade dos homens, que por esta modalidade lutam, pois assim, acontece: o SCP de Loures para a época de 83 continua com o patrocínio da SAPEC A firma que

aposta a sua publicidade no ciclismo.

A equipa será formada pelos ciclistas já referidos, reforçando com mais três, eles são: Carlos Nunes, ex-Dimope, Vítor Paulo e Américo Silva, ex-Manique.

totobola



ESTA SEMANA
2 CONCURSOS

CONCURSO Nº 66
Jogos do Campeonato Nacional
10º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO
Taça UEFA e Campeonato da Inglaterra

informe-se nas agências

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampayo

113

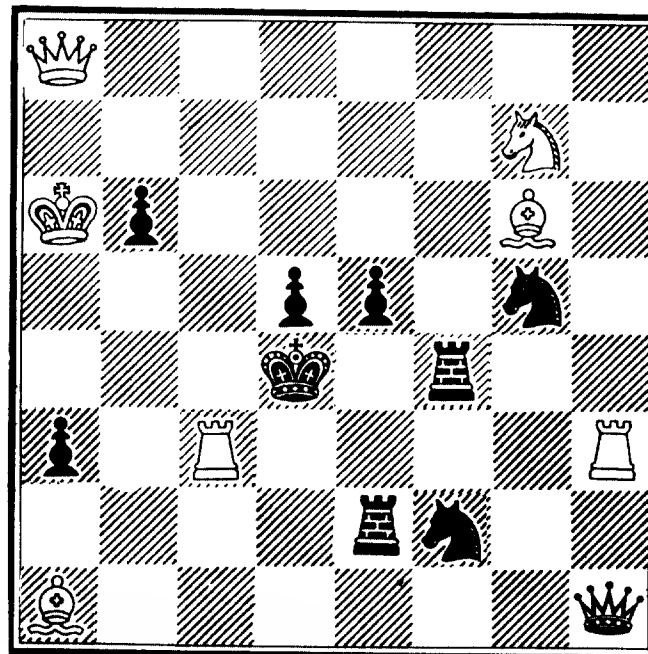


© COPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipso/ADS

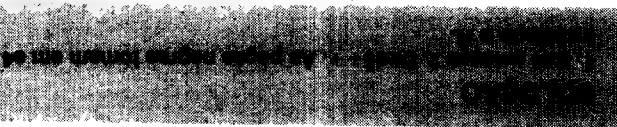
continua

Problemas de Xadrez

Um sacrifício de peça que, ao ser aceite, dá origem a 7 mates diferentes com efeitos de auto-obstrução.
Um clássico tema.



M. Marble
«La Stratégie» 1908
(2 lances)



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES EDITAL ARREMAÇÃO DE BANCAS NO MERCADO DA PÓVOA DE ST.º ADRIÃO ANTÓNIO MARQUES RIBEIRO, VEREADOR DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Faço público que no dia 30 de Novembro de 1982, pelas 15 horas, na sala das sessões do edifício dos Paços do Concelho, se procederá à arrematação, em hasta pública, pelos vendedores ambulantes residentes na freguesia da Póvoa de Santo Adrião, interessados na ocupação das seguintes bancas do mercado da Póvoa de Santo Adrião.

- Bancas n.ºs 50, 51, 57, 60, 65, 66, 67, 68, 69 e 77 para venda de peixe
- Bancas n.ºs 1, 2, 3, 4, 9, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 41, 42, 44, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 63 e 64 para venda de frutas e hortaliças.
- Bancas n.ºs 7, 8 e 15 para venda de criação e ovos
- Bancas n.ºs 37, 39, 40, 45, 46, 47 e 48 para venda de loiças e roupas, etc
- Banca n.º 13 para venda de queijos, enchidos e assados (leitão)

A ocupação das referidas instalações implica o pagamento das seguintes taxas, que são devidas à Câmara a partir do dia seguinte ao da arrematação

- Banca para venda de peixe — taxa mensal 1440\$00
- Banca para venda de frutas e hortaliças — taxa mensal 1320\$00
- Banca para venda de criação e ovos — taxa mensal 1440\$00
- Banca para venda de queijos, enchidos e assados (leitão) — taxa mensal 1440\$00
- Banca para venda de loiças e roupas, etc. — taxa mensal 1320\$00

- As bases de licitação acham-se fixadas pela forma que, a seguir, se menciona:
- Bancas para venda de peixe 30 000\$00
- Bancas para venda de frutas e hortaliças 15 000\$00
- Bancas para venda de criação e ovos 45 000\$00
- Bancas para venda de loiças e roupas etc., e bancas para venda de queijos, enchidos e assados (leitão) 22 500\$00

O valor dos lances não poderá ser inferior a 25\$00.

Cada arrematante, no acto da praça, deverá comprovar a sua residência, mediante documento passado pela Junta de Freguesia da Póvoa de Santo Adrião e satisfazer o valor da arrematação e bem assim o respectivo encargo com o imposto de selo do art.º 15 da tabela geral do Imposto de Selo, ou seja 4 por mil sobre o valor de cada arrematação. No entanto, quando o produto da arrematação for superior a 15 000\$00, pode o arrematante, desde que assim o declare, efectuar o pagamento em prestações, devendo nesse caso, satisfazer a importância correspondente a metade do seu valor. O restante será dividido em prestações mensais, não superiores a seis. A falta do pagamento de qualquer destas prestações, no prazo devido, faz incorrer o adjudicatário na perda do direito à ocupação da instalação arrematada sem que haja lugar à restituição das importâncias já pagas anteriormente.

Dá-se, desde já, conhecimento, a todos interessados de que só podem licitar no seu próprio nome. Nenhuma pessoa singular ou colectiva poderá ocupar mais de um posto de venda no mercado, além do que, a cada agregado familiar só pode corresponder um único posto de venda. Os arrematantes têm de ser portadores de bilhete de identidade actualizado.

Para constar e devidos efeitos, se passou o presente e outro de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Loures, 19 de Novembro de 1982

O Vereador
António Marques Ribeiro



ATENÇÃO

JÁ À VENDA
O DUPLO ALBUM DE

LUÍSA BASTO

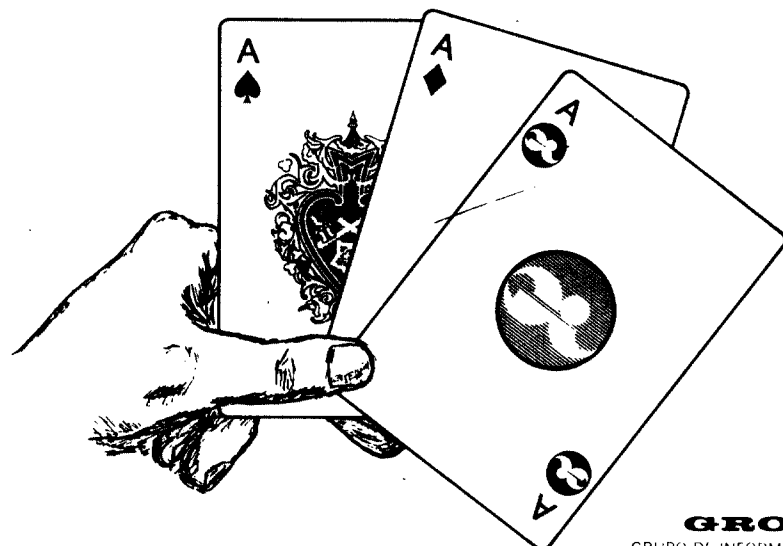
«25 CANÇÕES»
Pedidos a MÚSIDISCO

ALMADA — R. D. Dinis, 16/A
T 2294668 — C. Piedade

PORTO — R. Formosa, 49-3º S/4
T 319596

COIMBRA — Liv. Almedina
R. Ferreira Borges, 121
T 23211

sabemos quem tem os trunfos !
os melhores claro ...



GROUPI
GRUPO DE INFORMATICA, LDA

Fausto

Recuso-me aos actos de facilidade

O álbum «Por Este Rio Acima», recentemente posto à venda, não é apenas o sexto disco de Fausto. Ele representa, para além do resultado de mais de três anos de estudo da «Peregrinação», de Fernão Mendes Pinto, a defesa de uma nova concepção de Música Popular Portuguesa a que se não pode ficar indiferente. Uma concepção que passa, do ponto de vista musical, pela defesa da música tradicional portuguesa, devidamente estilizada e misturada com elementos de outras culturas que connosco se cruzaram e, pela constatação de que «**agir politicamente é também pensar-se culturalmente o país**», assumida por um compositor que fala em «**degradação do meio social da música**» e recusa «**os actos de facilidade**» a que, em seu entender, muitos dos seus companheiros passaram a dedicar-se.

«Diário de Lisboa» — «Por Este Rio Acima» é, apenas, o resultado da leitura da «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto?

Fausto — Este álbum resulta de uma leitura aturada e reflectida da obra de Fernão Mendes Pinto. No entanto, seria um erro ligar demasiado o disco à obra, já que não tive a preocupação de reproduzir um quadro fiel da realidade sociocultural da época, pois introduzi muitos elementos contemporâneos e, também, de ficção.

Em resumo, poderia dizer que, tal como a «Peregrinação» procura reflectir sobre a presença dos portugueses no Mundo, também com este disco, pretendo, na mesma linha de pensamento, uma melhor compreensão de mim próprio e dos outros, da nossa forma de nos relacionarmos, de estarmos presentes noutros locais, noutros mundos e no contacto com outras culturas.

«D.L.» — Qual o ponto de contacto mais marcante entre o cronista Fernão Mendes Pinto e o compositor Fausto?

Fausto — Sem dúvida, a descrição que ele faz da China, que é uma parte da «Peregrinação» completamente única, em termos de linguagem. Dessa descrição ressaltaram três elementos essenciais (o cheiro, o som e a cor) para uma concepção de harmonia e equilíbrio relativamente a algo que possamos criar. Foi esta, sem dúvida, a parte que mais me transmitiu a possibilidade de fazer música a partir da obra.

«D.L.» — Todas as músicas do álbum têm que ver com o livro de Fernão Mendes Pinto, ou há outros elementos de referência cultural, de vivência própria, a enformá-las?

Fausto — Todas as composições têm que ver com a obra, mas não só.

As situações muito objectivas que o autor descreve produziram

um dado efeito sobre mim e transmitiram-me determinadas sensações, ideias e sentimentos que procurei expressar em música, transportando sempre o meu modo pessoal de encarar essas situações.

Há coisas que ele descreve que qualquer de nós já viveu, como sejam a sensação do medo, o nosso próprio medo do ridículo, o amor, a paixão, o estado febril que muitas vezes se atinge na crónica e que nós, de certo modo, já vivemos, por mais ou menos incentivos que tenhamos tomado para as atingir.

«D.L.» — O disco contém uma sinopse da viagem. Trata-se de um «guia» para o ouvinte?

Fausto — A princípio, cheguei a opor-me à inclusão desse resumo, porque entendo que isso poderia, de certo modo, limitar a imaginação das pessoas. Defendo que cada pessoa que ouça este disco faça o seu próprio itinerário e não esteja à espera de ver quando aparece e desaparece o Fernão Mendes Pinto.

Se acontecer que cada pessoa faça as suas próprias interpretações das músicas, é a coisa que me é mais grata. E espero que as composições deste disco permitam esse desabrochar da imaginação de quem o escuta.

«D.L.» — Procurou, portanto, fugir a uma análise académica da «Peregrinação»?

Fausto — Sem dúvida, já que procurei tirar da obra coisas que tivessem que ver com a experiência própria da vida, com as coisas mais comuns que as pessoas vão vivendo e transmitindo-lhes, as mais variadas sensações.

Por exemplo, se eu digo que fiz determinada música tentando descrever a situação de um homem que matou o pai para se casar com a mãe, isso para mim é limitativo, porque determinado indivíduo que ouça essa música pode entendê-la como a mais

bela knção de amor. E acho que isso é legítimo.

Um choque de culturas

«D.L.» — Este disco aponta uma concepção de composição diferente, relativamente aos seus álbuns anteriores. Sobretudo uma composição que me parece visual. A que se deve este facto?

Fausto — Se a minha música é mais visual isso devo-o ao cinema e ao teatro, fundamentalmente. A minha experiência de composição de músicas para filmes foi extremamente marcante, porque me deu a perceber a relação íntima entre a imagem e o som: uma ligação única, em que muitas vezes o efeito da imagem é transformado no seu sentido pela inclusão do som, e a própria música se transforma no contacto com a imagem.

«D.L.» — Seria possível resumir a viagem que empreendeu com esta obra?

Fausto — Trata-se da viagem de alguém que parte de Portugal e entra em contacto com culturas completamente diferentes da sua. Desse choque de culturas diferentes, resultam, muitas vezes, soluções violentas, enquanto noutras vezes se regista uma compreensão humana bastante grande, inclusive a assimilação de elementos dessas outras culturas, ao mesmo tempo que esse contacto leva a que a pessoa se vá transformando e vá transformando a sua própria visão do Mundo e da vida.

Depois é o regresso, um regresso que transporta um certo desencanto de viagens feitas muitas vezes sem resultados materiais palpáveis — alguém que partiu sem nada e voltou sem nada — mas de que resultou esse grande enriquecimento cultural o qual, afinal, acaba por demonstrar que alguém que esteja isolado na sua própria cultura nunca poderá compreender o Mundo.

Reflectir a realidade

«D.L.» — Depois de três anos e meio sem gravar, o Fausto reaparece com um disco que já não transporta aqueles elementos que imediatamente o identificavam como um «canção de intervenção», como seja o imediatismo e o carácter «panfletário» de algumas das suas composições anteriores. Houve mudança?

Fausto — O que mudou, foi a realidade social. A canção de intervenção que eu suponho ter sido uma das fases de evolução para a chamada Música Popular Portuguesa, estava ligada a uma realidade social e política, o que prova, aliás, que quem compõe de uma forma consciente e preocupada reflecte sempre a realidade social que o rodeia. A partir do momento em que essa realidade se modificou em Portugal, naturalmente se modificaram os motivos que podem tocar mais ou menos profundamente o compositor. Ou seja, por processos diferentes, a Música Popular Portuguesa terá que ter os mesmos objectivos que a canção de intervenção.

«D.L.» — Isso não é uma forma de adaptação às circunstâncias?

Fausto — Não. O problema é que não há musas. E com as características actuais da nossa sociedade não pode existir uma canção de intervenção tal como anteriormente se definia. E surge, naturalmente, uma nova fase, mesmo, para mim, mais estética, que é o reflexo da actual situação.

Agir politicamente é, também, pensar-se culturalmente o país. Sobretudo se entendermos que, hoje em dia, uma das características fundamentais com que nos devemos preocupar é a de procurar de alguma forma impedir ou atenuar ao máximo os efeitos nocivos de um processo mimético de aceitação de esquemas e de modelos estranhos à nossa cultura.

Quando se fala em imperialismo cultural, isso supõe que o oprimido luta ainda contra o opressor. Mas quando o oprimido começa a disseminar os modelos do opressor, verifica-se que há um processo de homogeneização cultural. E isso é que é o grande perigo, neste momento.

«D.L.» — Então a Música Popular Portuguesa deixa de se preocupar com temas que têm que ver com a realidade política mais imediata?

Fausto — Pelo contrário: continua a manifestar uma certa sensação de isolamento das pessoas, de condições de vida que estão cada vez pior. Simplesmente, essa canção é menos ideológica, agora, no sentido em que deixa de transportar todo um sistema de sinais, de representações, de «slogans», em que muitas vezes chegava a ser acusada de panfletária.



«D.L.» — O que entende, então, por nova Música Popular Portuguesa?

Fausto — Por Música Popular Portuguesa eu entendo alguma coisa que parte do tradicional e desenvolve um trabalho de estilização a partir desse tradicional, podendo, portanto, assumir e integrar na sua composição elementos de outras culturas que têm que ser francamente equilibrados para que não perca a sua identidade ou as referências culturais portuguesas.

A espinha dorsal da Música Popular Portuguesa tem sempre que ser a música tradicional, saindo-se da bitonalidade que a caracteriza de um modo geral e desdobrando-a noutros acordes, de tal modo que a não desvirtuem.

Outro ponto fundamental é que a Música Popular Portuguesa pode proceder à fusão inter-regional da música tradicional, que é o que se faz neste disco.

Balanco ou despedida?

«D.L.» — Já tem alguma ideia sobre a temática do seu próximo disco?

Fausto — O meu próximo disco está extremamente dependente do resultado que este tiver. Pode ser, por exemplo, um disco de balanço.

«D.L.» — De balanço, ou de despedida, como já disse?

Fausto — Já expliquei que essa frase da despedida não tem que ver com trabalhos em disco. Tem antes que ver com o meio social da música que está em franca transformação e onde se verificam actos constantes de atropelo, num clima que se define pelo «salve-se quem puder». É a lei da competição e eu não

estou disposto a pactuar com ela.

«D.L.» — Por uma posição comodista?

Fausto — Não, porque como não entro na competição quem sai a perder sou eu. Não se trata de uma posição comodista. Entendo que só através de um acto de recusa é que posso manifestar o meu desagrado, o meu repúdio por maneiras de ser e de estar que se estão a institucionalizar num meio musical que se caracterizava pelo voluntarismo, pelas relações humanas compreensivas, pelo respeito pelos companheiros, pela interajuda que hoje em dia se não verifica.

Para manifestar esse repúdio só posso fazer uma coisa que é: não entro. E recusar-me aos actos de facilidade que muitas vezes se praticam por aí.

«D.L.» — O que é que pode acontecer, num futuro próximo, relativamente ao meio que referiu, e tendo em atenção a análise que fez?

Fausto — A coisa má que eventualmente possa vir a acontecer a quem pratica esses actos de facilidade, como seja confundir um certo empenhamento de ordem cultural, política e social com o simples espectáculo de variedades, é entrar numa dinâmica tal que acabe a fazer má música, porque começa naturalmente, a modificar as suas concepções estéticas de composição.

E, tão grave como isso, é que os últimos compositores que estão a fazer Música Popular Portuguesa têm mais de trinta anos. E pode ser que a geração mais jovem, que vem atrás de nós, não se sinta sensibilizada para esta área de música. E tentar ensinar ao velho aquilo que ele nunca aprendeu em jovem, é escusado.

Celestino Amaral

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Círculo de Mentira” de Volker Schlöndorff

Que vai um cineasta como Schlöndorff fazer ao Líbano? Um filme do Líbano? Impossível. Um filme da Alemanha? Duvidoso. Um filme sobre o aqui e o lá e as suas irredutibilidades, como, em tempos, fez Godard? Schlöndorff não tem esses escrúpulos nem a necessária luminosidade.

Círculo de mentira podia ser um filme da Alemanha, o seu argumento tem lá dentro vectores que podiam aí ir desembocar. Aquele jornalista alemão e a sua consciência, aquele fotógrafo, aquela mulher entre um ariano e um árabe (e chama-se Ariane...) davam matéria para tanto. Mas ir ao Líbano e não mostrar o que lá acontece e não tomar partido e não ter dúvidas dolorosas e recados à esquerda, devia parecer a Schlöndorff uma indignidade.

Assim, com uma ponta de documento e uma ponta de ficção, pensou o realizador tri-

cotar um filme. O resultado é que nem uma nem outra das pontas são agarradas com convicção. Este filme é um filme perdido.

Eu, por exemplo, até queria saber mais coisas de Ariane / Hanna Schygulla. Entender como se move ela entre dois continentes, duas culturas, o que a faz correr. Também queria saber mais de Rudnik / Jean Carnet, o traficante, esse sim um personagem de ficção saído da realidade das relações do Ocidente com o terceiro Mundo (Indochina, Argélia, Congo, Médio Oriente...). E gostava de ter seguido Hoffman, o fotógrafo, o homem para quem uma fotografia de massacre é uma mancha e esta é mais dinheiro e com ele compram-se Porsches. De facto quem me interessa menos é o protagonista deste filme: o jornalista. Ele não sabe nada de nada, não decide coisa nenhuma,

tem problemas de consciência que não vão dar a sítio nenhum, é um empata que nem agarra ou larga a mulher, nem é capaz de escolher, com força e intenção, Ariane, nem deixa o fotógrafo ganhar a sua vida, nem é capaz de franca repulsa por Rudnik. Ela apenas anda por ali, a fazer mau jornalismo, a semiviver. E Schlöndorff com ele, já que é nítido ser Laschen / Bruno Ganz o homem destinado a interpelar uma moral da história.

Schlöndorff falha este filme pelas razões inversas porque falhara O tambor. Em O tambor era a vontade de tudo exorcizar, de muito dizer. Aqui é o terror em se envolver de mais, os pruridos das mãos limpas (que ele quer escamotear com o absurdo do assassinio do árabe — peça de argumento gratuito, desconchavada e in-significante).

Este filme é triste porque revela que atrás da câmara está

alguém que não sabe quem amar ou repelir, salvo os devidos extremos, alguém que não gosta de ninguém, sabe pouco e ignora se acredita em algo.

É óbvio que tudo isto não (me) interessa nada.

Ficha: Título original: Die Fälschung. Realização: Volker Schlöndorff (RFA - França - 1981). Argumento: V. Schlöndorff, Jean - Claude Carrière, Margarethe von Trotta e Kai Hermann, segundo romance de Nicolas Born. Fotografia: Igor Luther. Cenários: Bernd Lepel e Jacques Buñoir. Música: Maurice Jarre. Montagem: Suzanne Baron. Interpretação: Bruno Ganz (Georg Laschen), Hanna Schygulla (Ariane Nassar), Jerzy Skolimowski (Hoffman), Gila von Weitershausen (Greta Laschen), Jean Carnet (Rudnik), etc. Distribuição em Portugal: Rank Cinema. S. Jorge 3. Classificação: Interdito a menores de 13 anos. Duração: 108 minutos.



Agora vou mostrar-te o hipopótamo

Com nove semanas de representações com lotações esgotadas, GERALDO TUCHE continuará em cena na Sala-2 da Comuna - Teatro de Pesquisa até 18 de Dezembro. Nesta quarta-feira, dia 1.º e na próxima, dia 8 o «Hipopótamo» fará duas sessões especiais às 18 horas. Para além da receptividade do público o espectáculo foi considerado de maneira unânime por toda a crítica como «a mais agradável surpresa» desta temporada teatral.



Artesanato no Casino Estoril

O artesanato português está mais uma vez presente no Casino Estoril, numa exposição-feira que ontem se inaugurou, prolongando-se até 5 de Dezembro.

Participam no certame algumas dezenas de artesãos vindos de todos os pontos do País: bordadeiras de Viana, com os seus lindos trajes, palmitos de Vila Franca do Lima, talhas e instru-

mentos musiciais de Braga, tecedeiras de linho de Rates (Póvoa do Varzim), Agarez e Limões (Trás-os-Montes), rendas de bilros de Via do Conde com suas pequenas artesãs, as Associações de Mogadouro e Freixo de Espada-à-Cinta com os produtos artesanais do Nordeste transmontano, os barros de Barcelos com Júlia Ramalho, Mistério e António Lomba, as filigranas de Abel Silva, da Póvoa de Lanhoso com os seus belos relicários, os tapetes de Beiriz, os estanhos e ferros forjados de Viseu, os bordados de Tibaldinho, os barros negros de Ribolhos e Molelos, as colchas de Castelo Branco, as loiças e trabalhos em madeira de Coimbra, Mestre José Franco de Sobreiro, patriarca dos nossos artesãos com suas obras-primas de olaria, a cerâmica das Caldas da Rainha, Josafaz de Sintra, com sua mulher e a pequena Hélia, sua neta, os cobses do Montijo, Joaquim Cruz de Almada, com os trabalhos em madeira, Procópio Gageiro de Loures, com sua estatuária em granito, as cerâmicas e a cestaria de Santarém, os bordados e as colchas de Niza, a olaria popular de S. Pedro do Corval, tapetes de Arraiolos, os cobses das Neves (Beja), os trabalhos em coiro de Alcácer do Sal, os estanhos de Vila Viçosa, os bonecos de José Marcelino Moreira, de Estremoz, os cobses de Loulé e as cerâmicas do Algarve.

Muitos destes artesãos encontram-se a trabalhar durante o período da exposição que está aberta ao público das 15 às 24 horas, com venda dos trabalhos expostos, até 5 de Dezembro.

Presença do artesanato do Brasil

Numa colaboração com a Embaixada do Brasil está presente no II Salão Nacional de Artesanato um «stand» com artesanato do Ceará, Estado do Brasil onde as actividades artesanais se encontram muito florescentes, com trabalhos de tecelagem, labirinto (rendas) e rendas de filé e almofada, trançados e cerâmica.

A venda do artesanato cearense presente nesta mostra, destina-se às obras da Sociedade Brasileira de Beneficência em Portugal.

Semana gastronómica alentejana

Entre os dias 28 de Novembro e 5 de Dezembro e simultaneamente com o II Salão de Artesanato, decorrerá no Salão Restaurante do Casino Estoril uma Semana Gastronómica do Alentejo, organizada com a colaboração do restaurante «Fialho», de Évora, que apresentará alguns dos pratos mais conhecidos da riquíssima cozinha alentejana:



Viseu é uma das regiões representadas

sopa de Beldroegas com com queijo e ovos, açorda com bacalhau, cação de coentrada, migas com carne de porco, ensopado de veado, lombo de porco assado com migas de batata, carne de porco com amêijoas, e borrego assado no forno. Na sobre-mesa entrará o pão de rala, a enchardada de Mourão, nógados e os saborosos queijos alentejanos. A garrafeira estará representada pelas «reservas» do Vidigueira, Borba, Redondo e Reguengos.

dagógico do II Salão Nacional de Artesanato, com numerosos artesãos presentes a trabalhar, são convidadas as Escolas dos concelhos de Cascais, Oeiras e Lisboa a visitar esta exposição no Casino Estoril durante o período da sua abertura (a partir das 15 horas). Excepcionalmente e para as turmas que apenas funcionem de manhã, poderão ser efectuadas visitas na quinta-feira, dia 2, entre as 10 e as 12 horas.

Convite às escolas

Considerando o interesse pe-

As visitas deverão ser previamente marcadas para o Casino Estoril, pelo telefone 2684521.



Já em 1666, o Padre António Vieira dava notícia das flandrezas do Ceará

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

PRIMA

Eu amo-te

O ÚNICO FILME DE AMOR ONDE NÃO SE DIZ NUNCA... AMO-TE

com OSCAR LADOIRE · PAULA MOLINA
Um filme de FERNANDO TRUEBA

AMANHÃ ESTREIA ÀS 14.30 e 14.45

CITY **CINE PORTELA**

UM FILME DE SUSPENSE DO PRINCIPIO AO FIM!

ACÇÃO! ÓDIO! AMOR! VIOLENCIA!

O COW-BOY IMPLACAVEL

UMA AVENTURA APAIXONANTE, ONDE QUEM NÃO MATA, MORRE!

JEFF CAMERON · JOHN DESMONT

Num filme de PAOLO SOLVAY

AMANHÃ À MATINEE DAS 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

POLITEAMA

Caminhos de Ferro Portugueses

A C.P. INFORMA:

NOVO SERVIÇO COMBINADO EM LIGAÇÃO ÀS ESTAÇÕES DE GODIM E RÉGUA MERCADORIAS

Entrou em vigor no dia 1 de Novembro um novo serviço combinado de mercadorias, incluindo pequenos volumes, entre a estação de Godim e Godim, Fontelas, Loureiro, Medrões, Moura Morta, Sanhoane (Régua), Fontes e Santa Marta de Penaguião e entre a estação de Régua e Peso da Régua, a cargo da firma Beatriz & Manuela, Ld.ª.

Desta forma, desde aquela data, todas as estações de Caminho-de-Ferro e despachos centrais de serviço combinado passaram a efectuar expedição para aquelas localidades, assim como nas mesmas se aceitam despachos para qualquer estação do Caminho-de-Ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

AMANHÃ, DIA 1, VOU MOSTRAR-TE O HIPOPÓTAMO — ÀS 18 HORAS

COMUNA — TEATRO PESQUISA — TEL.: 72 08 18

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

É faltar, raquetagem!

Apanhei a emissão das «superestrelas» já em andamento, pois me detive, no segundo canal, a assistir ao Borg-Patten. Isto em obediência a um preceito que obriga o crítico de televisão a dar prioridade aos directos.

Por que será esta sobrecarga de ténis?

Tanto, tantas vezes e nos dois canais?

A verdade é que se trata de um desporto infelizmente ainda sem expressão colectiva no nosso país. Ao nível da praticância e da assistência — e neste último caso viu-se como, quando a RTP transmitiu as finais de um «open», em Monsanto, as bancadas estavam ao sol e às moscas. Diga-se o que se disser, o ténis está ferido entre nós da doença que estrangula qualquer desporto: o elitismo. Tudo o arrasta para isso — o custo do material, o círculo social fechado de grande número de clubes, as dificuldades de vária ordem postas

à utilização das estruturas.

De modo que não há uma exigência digna desse nome, por parte dos televidentes, que justifique as longas, longas horas de emissão, como sucedeu antes de ontem. Não sei, a isto, como terá reagido o painel de audiência de doktor Porença.

Mas, a julgar pela gula que a RTP mostra pelo ténis, creio que 99,9 por cento dos inquiridos mostraram paixão pela raquetagem. Pois...

Porquê, então, tanto ténis? Avanço duas razões: a possibilidade de encher tempo de emissão e o facto de se tratar de um desporto que funciona como propaganda dos Estados Unidos.

Aliás, os amigos dos Estados Unidos são motivados para favorecer a expansão do ténis. A difusão de imagens faz-se todos os dias. Reparem no que se passa com o *Telejornal*...

Por outro lado, os serviços

secretos que zelam pelos interesses dos Estados Unidos no estrangeiro orientam os noticiários. Por exemplo: os amigos daquele país, aquando da final Karpov-Korchnoi, receberam informações que apontavam para a mais que provável derrota deste último. Para bom entendimento...

Voltamos à partida de ontem. Não vou (nem tal me compete) criticar o jogo em si mesmo. Isso coube ao Moura Dinis, enviado especial da RTP (para amigos mãos rotas...) que o fez, e malzinho. Então ontem entrou numa de ritmo pernóstico, bem incómodo de suportar, e com falhas de atenção a evitar a todo o custo. Curiosamente refira-se o facto de que, certos enviados especiais, acabam por fazer os seus relatos segundo o aparelho-piloto. Ora bolas. Para isso, não precisavam de sair de Portugal.

Ah, mas aquele Bjorn Borg! Anda a governar a vida, e faz ele bem. Claro, não é nada de se atirar fora, mas eu ainda sou do tempo em que se dizia: «Os grandes jogadores praticam ténis, mas aquilo que Borg faz é outra coisa». Ora o tenista sueco desceu à sua condição de humano e, nisto de se tornarem deuses, cada desportista tem a sua oportunidade e raramente mais do que essa. Deverá um

desportista continuar a viver depois de perder a sua categoria divina? A decisão só a ele compete. Mas lá que os deuses são vingativos, são.

Decerto que os telespectadores repararam no anúncio da marca de cigarros. Nos «zooms» a marca avançava, avançava, parecia o lobo da menina do Capuchinho a querer devorar-nos, ocupava quase todo o televisor.

E no entanto, como viríamos a saber na emissão das duzentas e uma estrelas, a proibição da publicidade ao tabaco pela televisão data de 1971. A data entre nós, e noutros países, é posterior, mas tal proibição existe.

Existe. Mas ontem fez-se. É a rasteira, o golpe do lucro: faz-se a publicidade, não na TV, mas nos ginásios, nos campos, nas corridas.

Atentem nas automobilísticas: os carros e as pistas são bombardeados com anúncios ao tabaco e às bebidas alcoólicas, a TV transmite — se pronto. Tudo fixe. Ou seja: como a publicidade não vai à televisão, vai a televisão à publicidade...

Quanto às estrelas: grande espectáculo de TV e grande manipulação histórica. A política do divertimento ao serviço de aproveitamento político. Com muitos monstros. Muitos manequins. Muitos fantasmas.

FILMES CASTELLO LOPES

66

apresenta

A COMÉDIA, O SONHO MÁGICO
A MÚSICA EM CASCATA
AS AVENTURAS
DE DOIS JOVENS APAIXONADOS
EMBARQUE COM ELES!



Os Piratas

KRISTY MCNICHOL
CHRISTOPHER ATKINS

TED HAMILTON
BILL KERR · GARRY McDONALD · MAGGIE KIRKPATRICK

Fotografia de ROBIN COPPING, A.C.S. · Produtor associado DAVID ANDERSON · Produtor executivo TED HAMILTON

Produção de DAVID JOSEPH · Argumento de TREVOR FARRANT · Realização de KEN ANNAKIN

Música de TERRY BRITTEN, KIT HAIN, SUE SHIFRIN · BIAN ROBERTSON

COLORIDO PARA TODOS
na verdade do som total

DOLBY STEREO

HOJE ÀS 21.30
ESTREIA

LONDRES

BANDA SONORA EM DISCOS POLYGRAM

VÉNUS FILMES

Um filme
arrojado
divertido
sensual e
atrevido!

O DESEJO
DO PROIBIDO

com DANIELLE · HERMEL SAVAGE · NON JEREMY · RICHARD PACHECO
realização de JOE SHERMAN

AMANHÃ ESTREIA
ÀS 12.30 NO

CINEPOLIS

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

Restaurante «RIBEIRA GRANDE»

RUA DAS GAIVOTAS, 21-A/23-A

(ao Largo do Conde Barão)

LISBOA

RESTAURANTE ★ CERVEJARIA

CHURRASQUEIRA (com venda para fora)

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 9 ÀS 24 HORAS

ESMERADO SERVIÇO DE COZINHAS PORTUGUESA E FRANCESA

REABRIU COM NOVA GERÊNCIA

WE SPEAK INTERNATIONAL

OBRIGADO A TODOS E SEJAM BENVINDOS

TANK'S TO ALL AND YOU'R WELCOME

A EXCEÇÃO
É A REGRA

DIA 1
ÀS 16
e 21.30

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINER

DE NOVO EM ALMAÇA
UM DOS GRANDES
ÊXITOS DE 1981

GRUPO DE CAMPOLIDE

TEATRO ALIADADO ALMAGRE

TV
MARCELO

Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente inc. sáb e domingos. Tel. 6591118 - 6591119 - 6591110

Hoje



Na RTP-1 exhibe-se o 2.º episódio da série «Reviver o Passado em Brideshead»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.22 Tempo dos Mais Novos

18.55 Mare Nostrum Patriae Nostra

19.20 África/80

19.55 O Tempo

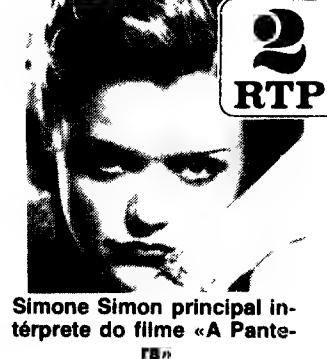
20.00 Telejornal — noticiário nacional e do estrangeiro.

20.30 Vamos Jogar no Totobola

20.40 «Reviver o Passado em Brideshead»

21.40 Liberdade para Escolher

22.55 Últimas Notícias



Simone Simon principal intérprete do filme «A Pantera»

18.00 «A Pantera» — intérpretes: Simone Simon, Kent Smith e Tom Conway. Realização: Jacques Tourneur.

19.30 País, País

Das 20.30 às 22.30 Directamente de Barcelona — o Torneio de Ténis Europa - América.

22.35 «Cabocla»

23.00 Jornal da Noite

Amanhã

8.00: Bom Dia Portugal; 9.30: Desenhos Animados; 10.00: Crescer Saúde; 10.30: Vale a Pena Ver de Novo — «Malu Mulher»; 11.30: Animal Express; 12.00: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; 14.45: «O Mundo a Seus Pés»; das 18.00 às 20.00: Directamente de Barcelona — o Torneio de Ténis Europa - América; 20.05: O Tempo; 20.10: Telejornal; 20.30: Noite de Cinema — com o filme «Casablanca»; 22.45: Últimas Notícias.

19.00: País, País; 19.55: Desenhos Animados; das 21.30 às 23.00: Ténis - Europa - América, directamente de Barcelona; 23.05: «Cabocla»; 24.00: Jornal da Noite

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

1
RTP

«Reviver o Passado em Brideshead»
(20.40)

2
RTP

«A Pantera»
(18.00)

...e sugere para hoje...

2
RTP

Ao ver Tina vestida com a roupa da irmã Tomé fica furioso e deixa-a na estrada. Tomé regressa e Tina dá-lhe um beijo, dizendo que desistiu de ir com ele a cidade porque não gostou do beijo. Tobias comenta com Bina e Zé da Estação que Zuca anda muito estranha. Boanerges volta da delegacia, com Tomé e Luís, e diz-lhe que o delegado tem razão em não ter soltado os empregados porque estão ainda muito bêbados. Tomé chama Boanerges e Luís, dizendo-lhes que há uma briga com Joaquim. Apesar de Belinha o tentar impedir Neco vai à casa dela dizendo que quer falar com Emerenciana.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

rótineo cultural

Música

As Jornadas de Música Portuguesa prosseguem hoje, às 21.30, no Palácio Foz, com um concerto dedicado à ópera e à música de piano do século XIX. Participam os cantores Elvira Archer e Carlos Guilherme e as pianistas Helena Matos e Olga Prats. Serão executados trechos das óperas «Irene» e «D. Branca», de Alfred Keil, «Leonor Teles», de João Arroio e «La Borghesiana», de Augusto Machado. O concerto é da iniciativa do Departamento de Musicologia do Instituto Português do Património Cultural.

Conferências

Pietro Giacomo Nonis, diretor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Pádua, profere no dia 2 de Dezembro, às 18.30, na sede do Instituto Italiano, uma conferência sobre «A Filosofia de S. Francisco de Assis (onde filosofia quer dizer tudo)». Intelectual muito prestigiado em Itália e no estrangeiro, os trabalhos científicos de Pietro

Giacomo Nonis abordam sobretudo temas e problemas de filosofia moral e de estética, desde Ludovico António Muratori, ao francês Pierre-Daniel Huet, até ao céptico contemporâneo Giuseppe Rensi.

Recital Prévert

Um recital Prévert, organizado pela Alliance Française, terá lugar na próxima 5.ª feira, às 18.30, na sala do Café-Concerto do Teatro da Comunidade. Este poeta francês, o mais popular do nosso tempo, de quem inúmeros poemas foram postos em música e interpretados por Ives Montand, Juliette Gréco, Germaine Montero, Les Frères Jacques («Les Feuilles Mortes», «Rappelle-toi Barbara», «La Fête», «L'Orgue de Barbarie»...) alia imagens insólitas, relações surrealistas e uma sensibilidade anarquizante e a uma observação aguda da realidade do quotidiano. Os poemas serão ditos por Philippe Greffet. Michel, professor de acordeão do Conservatório Nacional, dará o ambiente musical das ruas populares de Paris. Entrada livre.



Uma das fotografias de Paulo Nozolino em exposição no Módulo de Lisboa

Cinema

A RTP exhibe amanhã, no 1.º canal, dois clássicos do cinema: «Citizen Kane», de Orson Welles, às 15.45, e «Casablanca», de Michael Curtiz, com Bogart e Ingrid Bergman, às 21.30.

Exposições

Uma exposição de foto-

grafias de Paulo Nozolino está patente ao público no Módulo (Av. António Augusto Aguiar, 56, 5.º dt.º, em Lisboa), de 2.ª a sábado, entre as 16 e as 20 horas. São fotos de viagem tiradas entre 1977 e 1981. «Viajar — diz o artista — tem sido sempre a minha maldição, ver a minha alegria, fotografar a minha sorte. Para sempre rasgado entre ficar demasiado tempo e partir cedo

demais, decido-me pelo instante. Sou uma permanente testemunha em fuga...»

A exposição «Novos Gravadores», depois de ter sido apresentada pela primeira vez na Galeria de Arte do Casino Estoril, como resultante do curso de iniciação às técnicas de gravura orientado pela gravadora Maria Irene Ribeiro e organizado pela «Gravina —

Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses», está agora na Associação dos Estudantes da Universidade de Évora, com o apoio da Fundação Gulbenkian. A exposição é constituída por 51 obras de 27 autores, entre os quais Américo Silva, André Delerue, Cristina Garrido, Helena Mártires, Luís Cruz, L. Miguéis, Maria Amélia, Maria da Conceição Coelho, Graça Várzea, etc.

A Cooperativa Árvore, do Porto, apresenta mais duas exposições: na Galeria está patente uma exposição do pintor Henrique Silva, de óleos sobre papel, «Estudos para a procura de identidade»; nas outras duas salas, uma exposição de pintura de Victor Silva. Júlio, nome cimeiro da Presença, a que também ficou ligado como poeta sob o pseudónimo de Saul Dias, expõe óleos e desenhos na Galeria de São Mamede.

Figueiredo Sobral expõe pintura e escultura na Galeria de S. Francisco (R. Ivens, 40). Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas. Aos sábados, só das 10 às 13. Encerra a 10 de Dezembro.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

APRESENTA

DE 1 A 23 DE DEZEMBRO

EXPOSIÇÃO-VENDA

DE

ARTESANATO URBANO NO ESPAÇO TEC

AV. MARECHAL CARMONA 6-B
CASCAIS — JUNTO AO PÃO DE AÇÚCAR

DE 3.ª A 6.ª DAS 18 ÀS 22 HORAS
SAB. DOMINGOS E FERIADOS DAS 14 ÀS 22

— TELEFONE 2867933 —

NESTE NATAL OFEREÇA ARTESANATO PORTUGUÊS



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo J; 19.00: Música; 20.00: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A voz da solidariedade; 21.30: Viva a noite. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.55: Música para teclas; 15.35: Sinfonia n.º 76, em mi bemol maior, de Haydn; 17.00: Música jazz; 17.45: Sonatina, de Pierre Boulez; 18.05: Tempo de bailado; 18.55: «Liturgia de São João Crisóstomo», de Tchaikovsky; 19.00: Música em diálogo; 19.30: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 20, «Dia de Maio», de Shostakovich; 20.10: Concerto para viola e orquestra, de Villa-Lobos; 20.30: O homem sem tempo; 21.00: Ciclo Marquês de Pombal; 21.40: Música de câmara; 22.30: O gosto pela música; 23.00: Intercâmbio musical; 00.25: Música de cravo; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos — novas de alegria; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em FM; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Dê no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Actualidade económica; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos a uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Lactea

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13591

HORIZONTAIS:

- 1 Estampai. Rio da Crimeia tributário do mar Negro.
- 2 Artigo definido. Zelos amorosos. Tempo do verbo ir.
- 3 Vigorosos. Máquina para comprimir.
- 4 Possui. Duzentos em romano.
- 5 Arrear. Pronome pessoal.
- 6 Que inspiram ódio. Índio (sq).
- 7 Guarnição de asas. Matemática.
- 8 Instrumento musical de cordas. Pruma.
- 9 Tempo do verbo haver. Depois de Cristo. Réio (sq). Bromo (sq).
- 10 Língua vernácula indiana. Antigo país da Europa, compreendido entre o Tisza, o Danúbio, o Ponto Euxino, o Dniestre e os Cárpatos.
- 11 Fôsemos para fora.

VERTICAIS:

- 1 Saboreia. Órgão da vista (pl).
- 2 Poeta primitivo entre os Gregos. O mesmo que mãe-d'água.
- 3 Adaptar. Segundo.
- 4 Mesquinhos Gargalhadas.
- 5 Ouro (sq). Bêbado (gir.-Bras).
- 6 Cruéis. Preposição.
- 7 Érbio (sq). Coragem.
- 8 Era cristã. O mesmo que porco (Prov.).
- 9 Mamífero carnívoro também conhecido por gato-bravo. Mulo. Nota musical (inv.).
- 10 Porém O mesmo que liamba (Bras.).
- 11 Criar ao peito.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9451

HORIZONTAIS:

- 1 Manada de gado suíno. Átrios.
- 2 República da Europa Oriental construído pela Moldávia, Valáquia, parte da Dobruja, Bucovina do Sul, Transilvânia, Bannato, Crisnana e Maramuresh. Preposição.
- 3 Redimia. Laço (fig).
- 4 Preposição. Em as. Impulso.
- 5 Doença. Prefixo que indica direcção oposta.
- 6 Terceiro. Aqui está.
- 7 O sono das crianças. Nome de mulher. Cidade do médio Eufraates que dominou os países sumerianos.
- 8 Velhaco. O mesmo que uma (ant e pop).
- 9 Concerto musical nocturno. Mesquinhos.
- 10 A minha pessoa. Ofereceras.
- 11 Versejam. Adicionar.

VERTICAIS:

- 1 Antiga cidade da Gália. Preposição.
- 2 Clima. Antiga medida de sessenta azevichos (pl). Interjeição de dor.
- 3 Grande quantidade. Pronome pessoal. Ósmio (sq).
- 4 Agradável. Levantada.
- 5 Ave perneta. Estão unidos.
- 6 Prepara com anis. Lavar.
- 7 Claridade. Neon (sq). Pronome possessivo.
- 8 Rádio (sq). Último. (Prov. minh.). Isolado.
- 9 Dido, fundadora de Cartago.
- 10 Estampilha. Destruição.
- 11 Moradas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13590

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM DEIXA
- 2 Ruia. Sra
- 3 DC. Mimaram.
- 4 Ea. Mi. Osaca
- 5 Sagan. Oai
- 6 Sargo. Cm.
- 7 Si. Oau. Na
- 8 Rn. An. Rua
- 9 Saira. Ni
- 10 Ana. Ou. Fica
- 11 Babo. Iqaras

VERTICAIS:

- 1 DE. SER. Ab
- 2 Urca. Naná.
- 3 Eu. Srs. Ab
- 4 Mi. Magias.
- 5 AMIGO. NAO
- 6 O. FOI
- 7 Esmonca
- 8 Irás. Murara
- 9 Xarau. Ir
- 10 Aca. NUNCA
- 11 Amamarias

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9450

HORIZONTAIS:

- 1 Oral. Massa
- 2 VA. Eki
- 3 Ataca. Lar.
- 4 Ria. Sena.
- 5 Tovas. Mas
- 6 Ares. Bari
- 7 Bar. Baena.
- 8 Uí. Mar. Ar
- 9 Sobre. Aro.
- 10 Consoa. Opas
- 11 Oná. Impio.

VERTICAIS:

- 1 Ova. Tabuaço.
- 2 Ra. Corai. Or
- 3 Ver. SNI
- 4 Leiras. Mosa
- 5 Babo
- 6 Meca. Barra
- 7 Alaí. Mai
- 8 Só. Sarna. Op
- 9 Silésia. Api
- 10 An. Aro
- 11 Craveiros

Provérbo: QUEM DEIXA DE SER AMIGO NAO O FOI NUNCA



BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	66\$80	74\$80	
ALEMANHA FED. (marco)	35\$95	37\$05	
ÁUSTRIA (xelim)	5\$00	5\$20	
BELGICA (franco)	1\$665	1\$665	
BRASIL (cruzeiro)	\$152	\$402	
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	72\$20	74\$20	
(notas de 5 a 1000)	72\$70	74\$70	
DINAMARCA (coroa)	10\$25	10\$65	
ESPAÑA (peseta)	\$692	\$822	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	89\$60	91\$80	
(notas de 5 a 1000)	90\$10	92\$10	
FINLÂNDIA (marka)	16\$45	17\$05	
FRANÇA (franco)	12\$70	13\$40	
HOLANDA (florim)	32\$65	33\$65	
INGLATERRA (libra)	144\$40	148\$40	
IRLÂNDIA (libra)	121\$90	125\$90	
ITALIA (lira)	\$057	\$067	
JAPÃO (iene)	\$326	\$361	
NORUEGA (coroa)	12\$50	13\$15	
SUECIA (coroa)	12\$00	12\$60	
SUIÇA (franco)	41\$90	43\$00	
VENEZUELA (bolivar)	18\$40	19\$40	

Observações

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros



A saude de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.15
- Int. men. 18 a
OS 5 MAGNÍFICOS

SALA B

As 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a
007 CONTRA GOLDFINGER
c/ Sean Connery

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ASTERIX E CLEÓPATRA

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A
As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a
PAIXÃO DE AMOR

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
BYE, BYE, BRASIL

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
A GUERRA DO FOGO
17.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
ULISSES

CASTIL 530194

Rua Castilho
N. a. m. 13 anos
As 15.30, 18.30 e 21.30
O CASAL TRAPALHÃO
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
As 14.00 - 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos
AVENTURA É AVENTURA
As 24
CRIME DE ALTO NÍVEL

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborde, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a
A FILHA DE ELISABETH
As 24
O MEU NOME É NINGUÉM

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
VEIO DO OUTRO MUNDO
4.ª Semana
As 24
BLOW OUT (EXPLOSAO)

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14, 15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
JUNTOS SÃO DINAMITE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
QUE O DIABO SEJA SURDO

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
ULISSES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a
FIREFOX
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
As 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
O REGRESSO À BEM-AMADA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
QUE O DIABO SEJA SURDO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
OS HOMENS QUE EU AMEI
5.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38
Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 11 e 13.15
BERNARDETE
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
O ÚLTIMO HERÓI DO APOCALIPSE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
RENDEZ-VOUS NO MAXS
c/ John Savage e Diana Scarwid

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
A FACE DO PODER

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
VIVA O DIVÓRCIO!... DOS OUTROS

PATHE 221933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
EUGÉNIO, EUGÉNIO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 14.30, 16.45
Int. men. 13 a
YOL

SALA 2

As 14.30, 16.45, 1. 21.15 e 23.30
- Int. men. 13 a
DIVA

SALA 3

As 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
A SAUDE DE VERONIKA VOSS
- N. ac. men. 18 a

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30
- N. ac. men. 18 a
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O SANTO!
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
DICK TURPIN, O SALTEADOR

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.30, 21.30
- N. ac. men. 18 a
POLTERGEIST, O FENÓMENO
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
7.ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14.00, 16.15, 19.00 e 21.15
Int. m. 13 anos
CÍRCULO DE MENTIRA
3.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a
MEPHISTO
As 24 - N. ac. men. 18 a
O NEVEIRO

7.ª ARTE 730715

Av. República, 4 Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 88
As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a
POLTERGEIST, O FENÓMENO
Um filme de Steven Spielberg

STAR 774111

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
12.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
PINK FLOYD - THE WALL
11.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a
A DIVA E OS GANGSTERS
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Depois do Amor», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «Grease 2», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «A Mansão da Luxúria», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
POLITEAMA - «Desordem na Terra dos Gringos», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «O Bar da Borga», sessões permanentes (18 anos)
CITY CINE - «Uns e os Outros», às 21.00 (13 anos)
MUNDIAL - «Depois do Amor», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Paraíso Azul», às 21.30 (13 anos)
2000 - «Galaxina», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (6 anos)
PROMOTORA - «O Plano Armagedão», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «1941, Ano Louco em Hollywood», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Os Amigos da Onça», às 21.15 (13 anos)
OELRAS - Oelras-Cine - «Homens Selvagens, Feras Selvagens», às 21.15 (18 anos)
PARADE - Royal-Cine - «Uma Sombra no Amor», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «Hoje e Ontem Tudo Sexo», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Palácio - «Cocaine Cowboys», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «Fúria de Vencer», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DA CAPARICA - Silcine - «Holocausto Num Campo Nazi», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «Inferno no Pacífico», às 21.30 (18 anos)
ALMADA - Incrível - «O Corredor», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Academia - «Conan e os Bárbaros», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Fugitivos de Alcatraz», às 21.15 (13 anos)

SETÚBAL - Júpiter - «Firefox», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «A Fúria do Assassino», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine-Plaza - «A Turma dos Malandros», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «A Ilha Azul», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «Star Trek, a Ira de Khan», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Os Mistérios da Cidade Maldita», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «No País dos Canibais», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Carambola», às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU - «Ulisses», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «O Homem das Lentes Mortais», às 21.45 (13 anos)
JULIO DINIS - «Sansão», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Perigo na Sombra», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - «Elvis», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)
TERÇO - «O Fugitivo da Ilha do Diabo», às 21.30 (18 anos)
ÁGUA - «Intrigas de Amor», às 21.30 (13 anos)
RAJONE - «Os Bem Caçados», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «Fantasma do Amor», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO - «Estado de Guerra», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Todos de Tanga», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Paixão de Amor», às 21.45 (13 anos)
OLIMPIA - «O Justiciero da Moto Voadora», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM - «Ninguém Diga que Está Bem», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «Uma Vida na Escundão», às 21.30 (13 anos)
BEBE - «A Tragédia de um Homem Ridículo», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA - Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO** - Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS** - Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 44995); **BENFICA-CEMITÉRIO** - Simões, C. Total 102-A (T. 749649); **CHILE** - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ENCARNAÇÃO** - Zira, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA** - Dimer, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA** - Martuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO** - Cunha, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **ROCHA** - Pinheiro, R. Presidente Ariaga, 16 (T. 603054); **ALGÉS** - Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **ODIVELAS** - Monseratte, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **PONTINHA** - Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

teatros

Lisboa

MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA I - «Pedro o Cru», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Ojam Como Eu Respira», às 21.30 (18 anos)
MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
ABC - «É Sempre a Avaria!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

SEIVA TRUPE - «Um Cálculo de Porto», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «As Taradas», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

ALTO DE SANTO AMARO - Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE** - Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIXA** - Azevedo, Filhos, Rossio, 31 (T. 327478); **CAMÕES** - SANTA CATARINA: Do Cumbro, RC. do Cumbro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE** - PRAZERES: Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA** - Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **LUMIAR** - Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **PARQUE EDUARDO VII** - Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 542312); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA** - Vitex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); **SAPADORES** - Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDÃO** - Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA** - Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO** - Nova, R. Açores, 11-A (T. 410305); **PRIOR VELHO** - Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duarte, Lote A-r/c (TELEF. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ** - Carvalho - B. João P. Corr., 40-B (Telef. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO-SALVO** - Ferreira Bastos - R.D. Firmino Reb., 5 (Telef. 2421015) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz - Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Pargana - Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147) Permanente; **OELRAS** - Oelras - L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485) Até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Telef. 2470777) Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085) Até às 22 horas; **PARADE** - Alai - Av. B. das Caixas de Previdência - Bloco A - Av. Gago Coutinho (Telef. 2472948) Permanente; **MURTAL** - Primavera - R. das Parreiras, 2 (Telef. 2472278) Até às 22 horas; **SASSOÍROS** - Amaral Semblano - Quinta das Encostas - Até às 22 horas; **MADORNA** - Matildeira -

farmácias

Até às 22 horas: **AMOREIRA**: Abrantes - Viv. Maria Carlos Anj. (Telef. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Ostende - R. de Espinho, 1 (Telef. 260391) Até às 22 horas; **CASCAIS**: A. Costa - R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214) Permanente.

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 34-A (T. 273498) Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 274350). Permanente; **BARREIRO**: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **LARANJEIRO**: Feijó (T. 2490911). Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, Até às 19 horas; **SETÚBAL**: Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14. Permanente; **Normal do Sul**: P. do Bocage, 137. Até às 22 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 932210). Permanente; **Melo**: Lopes, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL**: Central, E. Nacional, 9. Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO**: São Pedro, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOTA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Permanente; **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Permanente; **Melo**: P. D. João I, 9-A (T. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA**: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ**: Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CACÉM**: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781). Permanente; **MEM MARTINS**: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 2914103). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 2914103).

2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas: **RIO DE OURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA**: Marrazes, Estefânia (T. 2930058) Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 299088).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 8-E (T. 2530027). Permanente; **MOSCAVIDE**: Banha, Av. Moscavide 22 (T. 2518518) Permanente; **SACAVEM**: Soares, R. José L. Morais, 15 (T. 2518025). Até às 22 horas

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS: R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**: Campo Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**: Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**: P. Mouzinho de Albuquerque, 78; **RAMOS**: P. do Exército Libertador, 91

DL

IMPRESSÃO, CIRCULAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
REINASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade
 RUA LUZ BOMBAIO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 320229

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DISBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5



O TEMPO
 MARÉS DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR
 2.10 4.1 m 7.55 0.9 m
 14.31 4.2 m 20.13 0.8 m
 Dia 1
 2.54 4.3 m 8.38 0.8 m
 15.17 4.2 m 20.55 0.8 m
 TEMPERATURA DO AR
 ÀS 9 HORAS

Devido à greve da Função Pública não obtivemos informações

últimas

AUDACIOSO ASSALTO à mão armada, na via pública e à luz do dia, rendeu 1800 contos que na altura o empregado de uma fábrica de fechos de correr ia depositar no banco. Eram 10 horas e 30 minutos, na Calçada do Tojal em Benfica, quando se preparava para entrar na sua viatura, o assaltante conduzindo uma moto «Kawasaki» parou junto de si e apontando-lhe uma pistola exigiu a entrega da pasta de cabedal arrancando logo em grande velocidade.

RESIDÊNCIA DE CASCAIS SEM 5 MIL CONTOS depois do assalto por arrombamento esta noite, perpetrado na Avenida Infante D. Henrique, 598 daquela localidade. Tudo em jóias, artigos de mais fácil transacção.

PEÇAS ARQUEOLÓGICAS RECUPERADAS pela Judiciária de Setúbal depois de haverem sido furtadas do Museu de Arqueologia e Etnografia daquela cidade sadina. Tratava-se de: 1 par de brincos em ouro da época romana, Século II d.c., 1 arreçada em ouro, Século IV, a.c. e 1 conjunto de contas de colar em calcário da mesma época. Os autores do furto, dois jovens de 16 e 18 anos, haviam já vendido os artigos a um relojoeiro local.

ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA vai ter rua com o seu nome em Avintes, terra da sua naturalidade e onde viria a morrer. Na reunião desta noite da Assembleia da Freguesia será apresentada essa proposta bem como a atribuição póstuma da medalha da vila.

ANAVALHADA NO BAIXO VENTRE uma jovem de 20 anos, Eugénia Maria Almeida, quando saía da discoteca «Manureva» em Alfai. O agressor Carlos Correia Liquito, fugiu, mas foi mais tarde apanhado pela GNR. A vítima ficou internada no hospital de Viana do Castelo.

O PRESIDENTE DO CONSELHO encarregado pelo chefe de Estado para formar governo, Amintore Fanfani, anunciou hoje de manhã que estava em condições de constituir o seu gabinete. Amintore Fanfani fora encarregado de formar governo no dia 16 de Novembro pelo presidente da República Sandro Pertini. A declaração de Fanfani, que acabava de ser recebido pelo chefe de Estado pôe termo à 42.ª crise governamental da história italiana desde a libertação, aberta no dia 11 de Novembro pela demissão de Giovanni Spadolini.

PASSAPORTES

OBTENHA CÔMODAMENTE O SEU PASSAPORTE DE TURISMO

Informações e reservas:

EUROPEIA
 AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21

LISBOA - Av. de Roma, 35 - Tel. 76 08 15

membro IATA em Portugal - OPERADOR - Alvará nº 23

Caso de Camarate

Dezoito deputados vão investigar

Continuação da pág. 1

facto, o objecto deste inquérito segundo alguns observadores políticos de acordo com a Lei 43/77 de 18 de Junho, que define as Comissões de Inquérito Parlamentar, estas têm «por função vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo e da Administração Pública».

Na mesma Lei, no entanto, acentua-se que compete, ainda, às Comissões de Inquérito, averiguar sobre qualquer matéria de interesse público relevante para o exercício das competências da Assembleia da República. Estas Comissões de Inquérito gozam de todos os poderes de

investigação das autoridades judiciais e têm direito à coadjuvação de autoridades judiciais e administrativas nos mesmos termos que os Tribunais. Podem ainda convocar qualquer cidadão para depoimento. No final, a Comissão elaborará um relatório, podendo apresentar um projecto de resolução à Assembleia da República.

Perante este Inquérito solicitado por deputados da Maioria, o ministro da Justiça classificou-o de clara ingerência nas investigações, ainda, em aberto, da Polícia Judiciária e da Procuradoria-Geral da República. Os limites do inquérito parlamentar - o seu objectivo - poderá ser um dos pontos

mais controversos para os autores do pedido.

Após dois anos de investigação, nada foi ainda concluído e o desastre de Camarate tem servido como «arma política» no interior do PSD. O aparecimento de «novos elementos» que indicariam «crime político» (foi a conclusão antecipada do deputado Carlos Macedo), fez regressar às primeiras páginas o desastre de Camarate.

O presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito - tem sido apontado o nome de um outro social-democrata Júlio Castro Caldas, que criticou violentamente o ministro da Justiça - tem «voto de qualidade». Resta, agora, saber, se este inquérito será concluído.

Advogados apresentam novo pedido de libertação

Sérgio Godinho continua detido

O cantor Sérgio Godinho, detido nas instalações da Polícia Federal do Rio de Janeiro desde o passado dia 15, continua a aguardar uma decisão dos juizes da quarta Vara da Justiça Federal, sobre o pedido de libertação provisória interposto pelos seus advogados na passada segunda-feira.

Segundo informações divulgadas pela Polygram, a editora discográfica do cantor, os advogados deverão apresentar hoje um novo pedido naquele sentido, já que ainda não foi dado seguimento à diligência efectuada no princípio da semana. De acordo com aquela editora, o processo está bloqueado desde essa altura, porque ainda não foi localizada pela justiça brasileira a sentença que absolveu Sérgio Godinho no processo que lhe foi movido, há uma dezena de anos, na cidade de Ouro Preto (estado da Minas Gerais), nem o processo que então levou sua expulsão do Brasil por decreto presidencial.

Em Lisboa, um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou esta manhã ao «DL» que aquele departamento

governamental «continua a acompanhar o assunto que segue os seus trâmites normais». Recorde-se que a actualização da representação diplomática portuguesa no Brasil e do nosso consulado no Rio, tem sido fortemente criticada por meios que têm seguido a evolução do caso.

Concentração junto à Embaixada do Brasil

Entretanto, continua a desenvolver-se em Portugal e no Brasil, um amplo movimento de solidariedade com Sérgio Godinho.

O Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE), em que o cantor está filiado, convocou para quinta-feira, às 14 horas, uma concentração frente à Embaixada do Brasil, na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 14, para exigir a libertação imediata do cantor. No documento que divulga a convocação, o STE afirma que o que se está a passar com Sérgio Godinho é «a todos os títulos ilegal em qualquer Estado de Direito» e tem a ver com «alegrias infracções que resultariam da aplicação de medidas

de segurança, de expulsão e de interdição de entrada no território brasileiro aplicadas há mais de dez anos».

A nota sublinha, porém, que «o processo de tais medidas foi julgado nessa época e Sérgio Godinho absolvido».

O Sindicato dos Jornalistas, por seu turno, interveio ontem junto da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais do Brasil para «que interceda junto das autoridades brasileiras para que estas desencadeiem o imediato processo de libertação» de Sérgio Godinho, qualificado no telegrama do SJ como um «cantor da liberdade e da democracia e um dos melhores artistas portugueses das últimas gerações».

Recorde-se que, anteriormente, o SJ já manifestara o seu protesto junto da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Num outro telegrama enviado ao representante diplomático brasileiro em Lisboa, a cooperativa Cantar Abril exigiu igualmente a libertação imediata do cantor.

Segundo o PPM

Programa da AD para Lisboa apresentado com ligeireza

A Comissão Coordenadora Regional de Lisboa do PPM lamentou ontem a «ligeireza com que foi feita a apresentação pública» do programa eleitoral dos candidatos da AD aos órgãos concelhios de Lisboa que se realizou «sem o prévio acordo dos órgãos competentes do PPM». Verifica-se todavia - refere o comunicado final da reunião ontem realizada entre a comissão política e a comissão regional de Lisboa daquele partido - que «apesar de várias omissões e imprecisões uma parte significativa das propostas do partido foi adquirida por aquele programa».

Referindo que o programa eleitoral da AD para Lisboa «é certamente aquele que mais apoio merece» a Comissão Regional do PPM expressa, no mesmo comunicado, a «certeza de que os seus eleitos serão firmes defensores das propostas e filosofia do partido ao encontro dos interesses da cidade contribuindo assim, durante o próximo triénio, para que sejam ultrapassadas as deficiências» do referido programa.

Balsemão deslocou-se ao Norte do País

“Murros? Saberei dá-los quando necessário...”

«O que temos a fazer é pôr de lado as intrigas e os intriguistas» - afirmou, na sua deslocação à Lousada, o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão. Na qualidade de presidente do PSD, e nesta sua visita ao Norte do País, Balsemão diria em Braga: «Há buscas de consenso que são mais importantes do que murros na mesa, muito embora os haja oportunos. Saberei dá-los quando necessários».

Seria também em Braga e depois de afirmar a importância do próximo Congresso do PSD para clarificar a situação interna do partido, Balsemão fez referência a uma possível coligação com os socialistas. «De momento qualquer aliança com o PS está condenada, à partida, ao insucesso». E pergunta Pinto Balsemão: «Com que Partido Socialista nos iríamos coligar? Com o de Mário Soares, que já anda a tentar pescar nas nossas águas para se candidatar à Presidência da República, ou com o de Salgado Zenha, que já se candidata a secretário-geral». E, numa resposta a Marcelo Rebelo de Sousa, o dr. Pinto Balsemão sublinharia: «Temos de nos manter no Poder para conseguir a reforma social-democrata que não é preciso tirar da gaveta. O que foi metido na gaveta foi o socialismo».

Por último, Pinto Balsemão anunciou que a partir do início oficial da campanha eleitoral, os ministros não participarão em qualquer comício partidário. «Vamos ganhar as eleições autárquicas e, depois, em Congresso, demonstraremos a nossa maturidade de partido político».

Era ainda o próximo Congresso e a crítica àqueles militantes que «tentam chegar ao vedetismo, através das primeiras páginas dos jornais, da rádio e da televisão. Vão-se notabilizando aqueles que têm menos vergonha, aqueles que não se importam de ultrapassar os limites que a ética impôs à política».

Migrações e refugiados

Diplomata português é vice-presidente do CIM

Fernão Favila Vieira foi designado vice-presidente do Comité Intergovernamental para as Migrações (CIM), segundo informação do Gabinete de Imprensa daquele organismo, com sede em Genebra. Os novos membros da direcção do CIM foram todos eleitos por unanimidade na última reunião do seu executivo, que decorreu entre 16 e 17 do corrente, no Palácio das Nações.

Diplomata de carreira, Fernão Favila Vieira é o primeiro português a desempenhar tão importantes funções no seio daquela organização internacional voltada para as migrações.

O embaixador permanente da Costa Rica, Elias Soley-Soler, é o novo presidente do Conselho do CIM; Norberto Lang, da República Federal da Alemanha, primeiro vice-presidente; Fernão Favila Vieira, segundo vice-presidente; e Jochem Mandred Ritter Arita, das Honduras, secretário.

O Conselho do CIM fez o balanço das actividades desenvolvidas em 1982, durante o qual foi prestada assistência a 150 mil refugiados e migrantes para o seu transporte para os países de destino, facto que constitui o número mais elevado desde a criação do Comité, há 48 anos.

A assistência aos refugiados constitui a principal actividade do CIM. O CIM assume desde 1976 a responsabilidade do trânsito, em Bangcoque, de todas as pessoas vindas do Vietname e do seu transporte até aos países de acolhimento.

Em 1982 o CIM assegurou o transporte, do Paquistão para a Turquia, de 3800 refugiados afgãos e o regresso aos países de origem de cinco mil trabalhadores estrangeiros na Alemanha Federal.

Árvore do Natal

amanhã no “S. Jorge”

A Árvore de Natal do Cinema «S. Jorge», que há mais de três décadas recolhe naquela casa de espectáculos dádivas, agasalhos, doces e livros de histórias para as crianças assistidas pelo Centro de Promoção Juvenil e os meninos pobres hospitalizados, é amanhã inaugurada.

Trata-se de um gesto simples e simbólico, o acto que amanhã decorrerá às 10.30, no «S. Jorge». Nessa ocasião, a árvore recolherá as primeiras lembranças de um rodopio generoso que todos esperam se prolongue com abundância até ao Natal - para que os mais desprotegidos tenham um Natal feliz como queremos para nós.

Aquela casa de espectáculos apresentará na circunstância aos seus convidados em antestreia a longa-metragem «O Segredo de NIMH», de desenhos animados. O «Diário de Notícias» apoia esta iniciativa.

Agricultores retidos em Pombal

Continuação da pág. 1

de toda a gente, nos descasques de meia dúzia de industriais».

Recusando-se a ser «joquetes nas mãos dos alemães» (foi a RFA quem financiou as obras em curso de regularização do Vale do Mondego), os orizicultores

reivindicam para si o facto de terem transformado «um vale que estava em poiso num terreno altamente produtivo, com médias de produção perto das europeias».

Registe-se que os produtores de arroz, agora retidos em Pom-

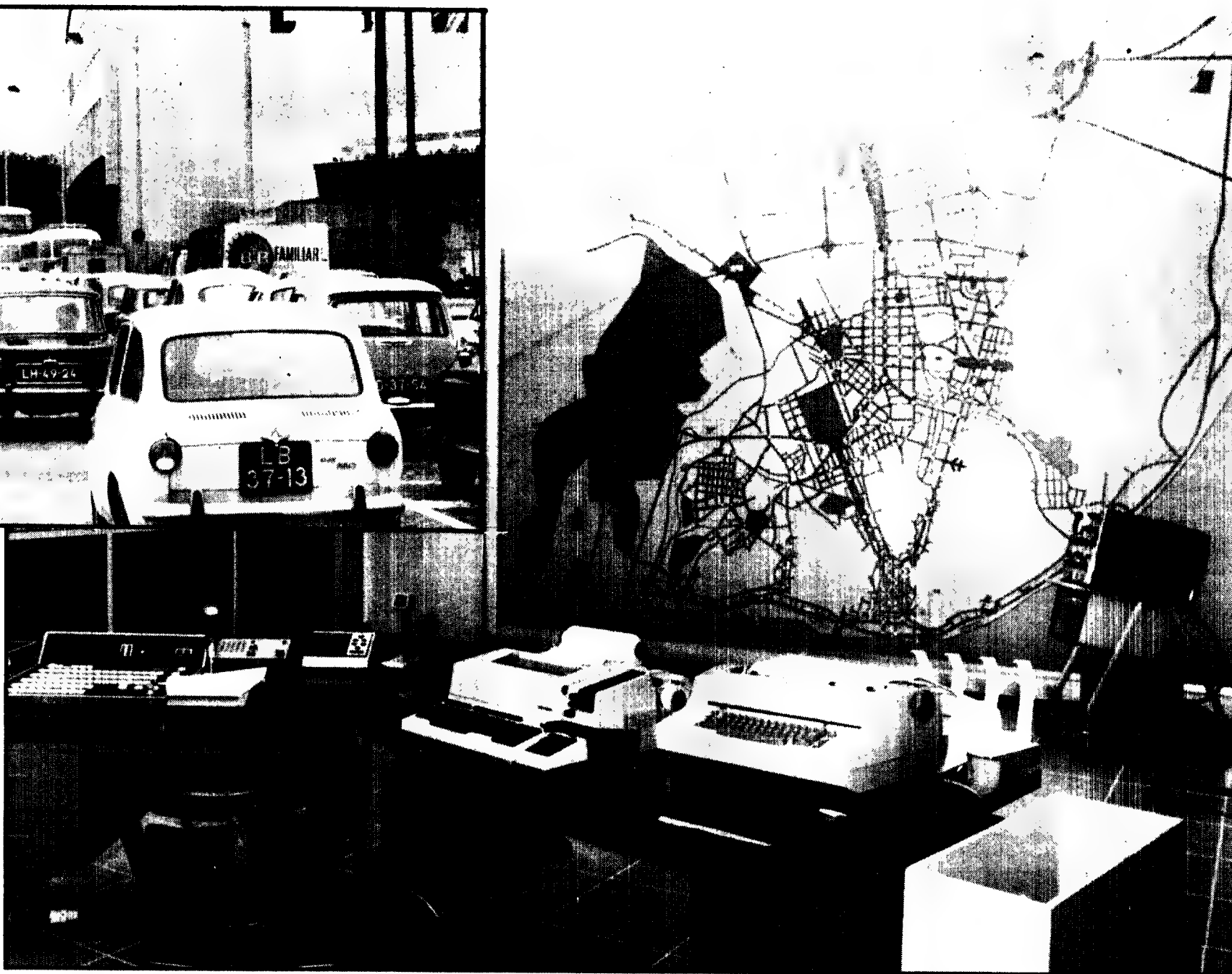
bal, estiveram desde ontem à noite concentrados em Montemor-o-Velho, frente às instalações da Direcção-Geral de Hidráulica Agrícola e da Direcção de Obras do Vale do Mondego, onde decidiram marchar sobre Lisboa.

INFORMÁTICA

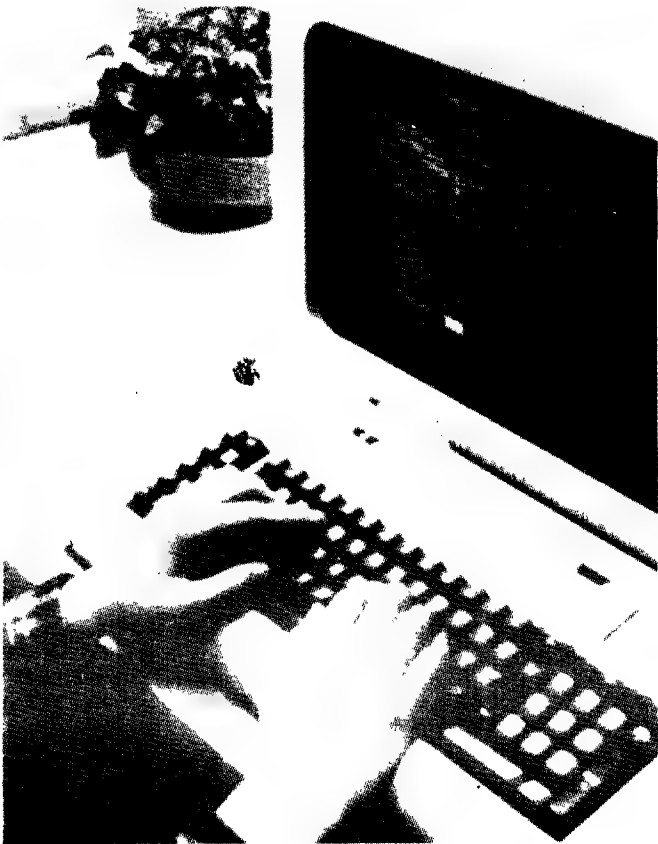
Computador comanda o tráfego em Lisboa



A circulação automóvel em Lisboa é desde há alguns anos controlada através de um computador instalado no número 21 da Rua Castilho. Nesse local funciona a Central de Comando de Tráfego (CCT) da Câmara Municipal e daí saem, por cabo, as ordens que regulam o alternar do verde, do amarelo e do vermelho nos semáforos da cidade. O «DL-Informática» foi à CCT saber como é, e também porque é que nem sempre tudo é cor-de-rosa no trânsito da capital. Págs. 2 e 3.



A experimentação social em telemática



Págs. 4 e 5

Informática avança a passos largos nos transportes de Paris —O exemplo do Metro descrito por um responsável da RATP

A informática nos transportes foi o tema de um importante seminário que este mês decorreu na FIL. As aplicações em curso e as projectadas pela sociedade de Transportes Urbanos de Paris são um exemplo do que já é possível fazer nesse campo.

Pág. 8.



Ali a meio da Rua Castilho, apertada contra o edifício do lado, uma estreita porta dá acesso a um prédio a que puseram o número 21. Lá dentro, discreta e silenciosamente, o computador e os técnicos da Central de Comando de Tráfego (CCT), da Divisão de Viação e Trânsito da Câmara Municipal de Lisboa ditam a lei nas encruzilhadas da cidade. Ali chegam os cabos que trazem as informações relativas ao modo como a circulação se está a processar em cada momento, e dali saem os cabos que vão levar aos semáforos de 260 cruzamentos as indicações necessárias à coordenação automática e harmoniosa (quando o é!) do trânsito da cidade. Na grande parede do fundo da sala do computador, um imenso painel luminoso mostra a cidade cheia de luzinhas de diferentes cores. A unidade impressora matraqueia constantemente os mais diversos dados que o computador vai debitando a uma velocidade impressionante. Os técnicos estão atentos. O «DL - Informática» foi à rua Castilho saber o que é que ali se faz... e também porque é que os resultados às vezes não são aqueles que todos gostaríamos.

Na definição do eng. Vieira, responsável pela CCT, são funções daquele serviço municipal: a operação do sistema de SLAT (Sinalização Luminosa Automática do Trânsito); a fiscalização da sua conservação e manutenção; o seu ajuste e optimização; o atendimento das reclamações e sugestões dos munícipes (que actualmente têm à sua disposição um gravador de chamadas telefónicas que funciona 24 horas por dia e que regista todas as comunicações), e a elaboração de um banco de dados com as estatísticas diárias do número de veículos detectados nos principais pontos de medida. Actualmente há cerca de 300 desses pontos de medida, que são constituídos por pequenas espiras de dois por dois, instaladas no pavimento e ligadas a detectores electromagnéticos.

Quando os veículos passam em cima da espira (ou junto a ela), produz-se uma variação do fluxo magnético que é detectada e imediatamente comunicada ao computador da central.

Os elementos permanentemente fornecidos pelos detectores magnéticos à central constituem a base de todo o controlo do trânsito efectuado a partir dali, já que o computador trata essas informações chegadas e é em função delas que vai enviar para os semáforos as ordens de funcionamento.

Uma das dificuldades encontradas pelos técnicos da CCT é que, por vezes, se repercute na qualidade do serviço fornecido, reside precisamente no facto dos dados enviados pelas espiras poderem ser menos exactos por razões alheias ao sistema, e que podem ser tão banais como o

estacionamento indevido de um veículo junto a uma delas.

E isto apesar de as espiras estarem normalmente colocadas em locais em que é proibido estacionar e parar, havendo até propostas no sentido de que se reforce esse tipo de protecção da fiabilidade das informações fornecidas pelos detectores.

Um outro motivo dessa inexactidão consiste no facto de, por vezes, serem alterados os sentidos de circulação, numa determinada rua, sem que as espiras sejam mudadas.

Um pormenor importante é que os detectores não dão apenas o número de veículos que por ela passam. Comunicam também o tempo de ocupação das espiras, o que proporciona ao computador um dado adicional que permite aquilatar a fluidez com que a circulação se está a fazer naquele local.

Os dados fornecidos pelos detectores e que são armazenados na central ao longo dos anos, permitem elaborar estatísticas de grande interesse sobre as características do trânsito, que podem ser utilizadas em estudos de urbanismo, ou até das relações existentes entre a intensidade do tráfego e a poluição, etc.

Finalmente, uma outra competência da CCT diz respeito ao estudo e implantação de semáforos em novos cruzamentos.

1969: o começo

O arranque do actual sistema de controlo computadorizado do trânsito da cidade verificou-se

em 1969. Aquando do encerramento da fase de implantação do sistema, em 1974, estavam instalados semáforos centralizados em cerca de 200 cruzamentos. Presentemente são cerca de 300 os cruzamentos dotados de sinalização luminosa, estando uns 260 ligados à central da Rua

tuada manualmente nos equipamentos de controlo de cada cruzamento.

Alguns destes semáforos não centralizados têm porém detectores que os informa sobre a via que em cada momento é principal naquela rua, e, portanto, de circulação prioritária. Um único

semáforos.

De acordo com os responsáveis da CCT, os 300 cruzamentos semaforizados da capital são insuficientes, se se tiver em atenção os números registados em cidades da mesma ordem de grandeza de Lisboa. Olhando ao que se passa nessas outras aglomerações urbanas, Lisboa deveria andar actualmente pelos 500 cruzamentos semaforizados.

Nos últimos três anos foram sinalizados e ligados à central mais 21 cruzamentos, número que corresponde à média de 7 novas semaforizações que têm sido realizadas nos últimos 8 anos. A lentidão deste ritmo tem a ver com os elevados encargos que a operação acarreta (entre 500 e 1000 contos por um cruzamento normal), e com as limitações orçamentais que naturalmente também atingiu a CCT.

Apesar destas restrições o plano de semaforização continua a ser cumprido, prevendo-se que sejam abrangidos na próxima fase os cruzamentos entre a Praça do Comércio e Santa Apolónia, Sete Rios, e toda a envolvente do Hospital de Santa Maria (três cruzamentos). Depois seguir-se-á pelas ruas das Furnas, Conde de Almoester e Carolina Michaelis.

Esta zona poderá vir a ser ligada ao computador central, mas também se poderá vir a optar pela instalação de equipamentos altamente sofisticados que dispensem a sua centralização. Trata-se, ao fim e ao cabo, de micro-processadores instala-



Neste painel luminoso os técnicos da Central de Comando de Tráfego podem seguir permanentemente a evolução de circulação em todos os cruzamentos ligados ao computador da Rua Castilho

Castilho. Os 40 restantes funcionam isoladamente, com tempos fixos para cada cor, conforme a selecção de programas efec-

cruzamento, o da Torre de Belém pode ser comandado manualmente por um agente que acciona um dispositivo ligado aos

Para Formação Profissional conte com a Carris



Cursos de Motoristas de Pesados de Passageiros

No âmbito do acordo de cooperação celebrado entre o (F.D.M.O.) Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-obra, a (D.G.V.) Direcção Geral de Viação e a CARRIS para a formação de motoristas de pesados de passageiros (serviço público), a CARRIS aceita nos seus cursos de formação participantes do exterior, propostos por iniciativa de outras empresas ou por iniciativa das pessoas interessadas.

Requisitos: Carta de condução profissional de automóveis pesados de mercadorias, há, pelo menos, um ano.

O Curso: Inclui condução em pista, condução em linha, código de estrada, mecânica e relações com o público, num total de 25 dias úteis/175 horas.



Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Informações: Carris — Divisão de Formação

do computador

dos no local e que, por si só, fazem praticamente o mesmo que o computador central. Além destas áreas prioritárias, os técnicos da CCT têm também em vista, a mais longo prazo, a semaforização da zona dos Olivais que é considerada bastante desprotegida nesta matéria.

Críticas e críticas

Nestas coisas que mexem com o quotidiano das pessoas, quotidiano muitas vezes assente em hábitos criados ao longo de muitos anos, verifica-se sempre alguma resistência às inovações. Sobretudo quando há computadores pelo meio! Não admira portanto que o sistema de controlo computadorizado do tráfego da cidade seja alvo de numerosas críticas.

Mas aquela resistência à mudança não explica tudo. Não há nenhum automobilista que volta e meia não perca a paciência perante um sinal vermelho que insiste em barrar-lhe o caminho até que alguém percebe que ele está avariado, ou perante um semáforo que vira vermelho imediatamente depois de o anterior, situado a escassas dezenas de metros, ter virado verde, etc. Seja como for, o sistema comandado pelo computador da Rua Castilho é alvo de muitas críticas e não goza da simpatia de muitos automobilistas que circulam nas ruas de Lisboa.

A razão de ser desta situação foi-nos explicada mais ou menos nos seguintes termos pelos responsáveis da CCT: quando as pessoas acusam o sistema,

quando põem em causa o computador e os semáforos por causa dos problemas que encontram ao circular na cidade, esquecem muitos outros factos com tantas ou mais responsabilidades nessa situação.

Naturalmente para que não haja problemas de trânsito, não basta que o sistema de controlo dos semáforos esteja convenientemente otimizado.

Impõem-se muitas outras medidas que lhe são completamente alheias e que aliás não são novidade para ninguém. De entre elas, os técnicos da «CCT» salientam: restrições ao estacionamento na parte central da cidade, acompanhadas de incentivos à utilização dos parques dissuasores da periferia; melhor regulamentação e fiscalização das cargas e descargas; revisão da sinalização informativa; melhoria da sinalização vertical (a CCT só tem a ver com a sinalização não luminosa na área dos cruzamentos semaforizados); melhoria da informação dos municípios e da fiscalização, de modo a que se respeite mais a sinalização vertical, não se bloqueiem os cruzamentos, não se estacione em sítios indevidos, não se formem segundas filas de estacionamento, etc.

Enquanto se mantiver a situação actual, o reflexo da optimização do sistema de comando dos semáforos quase que não se faz sentir, afirmam os técnicos da CCT, que acrescentam mesmo: «Por mais sofisticado que seja o sistema ele nunca poderá resolver problemas que lhe são totalmente estranhos».

Mas eles reconhecem que há dificuldades de circulação que

têm a ver com o próprio sistema. Algumas delas teriam contudo solução desde que fossem criadas ruas de um só sentido em grande número, tal como acontece na generalidade das grandes cidades europeias.

Além deste problema, que às vezes é de difícil solução dada as características da malha urbana de Lisboa, existem, finalmente, outros que correspondem a avarias inerentes ao próprio sistema. Na opinião do eng.º Forca, responsável técnico da Central, este tipo de falhas não são porém demasiado frequentes.

Por outro lado, quando acontecem, os técnicos recebem imediatamente indicação automática, na Central, de que se verificou uma avaria, e onde é que ela teve lugar. Nalguns casos, o sistema está preparado, por si só, para ultrapassar a dificuldade surgida. Noutros casos, torna-se necessário avisar a firma a quem está adjudicada a manutenção do equipamento e a PSP, que fará deslocar um agente para o local, se a gravidade da avaria o exigir.

Controlo permanente

A existência de um comando computadorizado não significa contudo que o trânsito da cidade fique necessariamente mergulhado no caos, caso haja uma avaria de peso no computador. Se isso acontecer, é sempre possível, a partir da central, comandar manualmente os diferentes cruzamentos a ela ligados.



A Avenida da República como os condutores e os técnicos da CCT gostavam de ver toda a cidade: livre de engarrafamentos

Na situação extrema de também se verificar uma falha neste último sistema, ainda resta a solução de fazer funcionar os semáforos em tempos fixos.

O controlo dos sinais luminosos através do computador faz-se por intermédio de 20 equipamentos, denominados «submasters». Cada um deles comanda, por seu turno, um «link» (percurso) com um máximo de 16 cruzamentos. Face a estas limitações do sistema, e dado que actualmente os cruzamentos centralizados são em número de 260, o equipamento ainda tem capacidade para a semaforização de mais 60.

O computador regula o funcionamento de cada um dos cruzamentos em função do programa seleccionado para as condições de circulação vigentes, em cada momento, e recebe de volta indicações sobre o modo como o trânsito se está a processar. Com base nestas indicações é possível alterar (automática ou manualmente) as instruções que estão a ser fornecidas aos semáforos, adaptando-os assim à

nova situação quase instantaneamente.

Simplemente, e lá estão de novo os «críticos» a sorrir, há diversos factores, de diferentes ordens que fazem com que essa adaptação nem sempre se verifique no momento necessário. Um outro aspecto que fará sorrir ainda mais, respeita às reservas que as informações fornecidas pelos detectores podem suscitar (causas alheias ao sistema), ou às distorções que factores como o «dentinho do rato» aplicado a um cabo subterrâneo podem introduzir na transmissão daqueles dados à central.

Entretanto, caso surja algum problema na rede, a impressora que na central se encontra ligada ao computador, regista imediatamente a avaria, a sua natureza e o cruzamento a que se refere. Os técnicos são normalmente advertidos dessa situação pelas lâmpadas amarelas que começam a acender e a apagar no painel luminoso que representa a cidade.

Há contudo algumas espécies de avarias, por vezes até bastante graves, que não são detec-

táveis através do painel. Nesses casos, só a observação das listagens saídas da impressora, ou a chegada da informação por vias alheias ao sistema, poderá levar a avaria ao conhecimento dos técnicos.

No mesmo painel, que é um dos elementos mais sofisticados da central, as luzes verdes constantes indicam que os semáforos funcionam bem no cruzamento a que correspondem.

Por outro lado, pequenos pontos luminosos, correspondentes ao local de implantação de cada espira, acendem e apagam sempre que um veículo passa junto a ela. Uma seta de fluxo, colocada no painel na zona de cada cruzamento, fornece ainda uma indicação relativa ao volume de trânsito que ali se está a verificar em cada direcção, consoante o número de lâmpadas (da seta) que estão acesas.

Finalmente, as colunas luminosas (barómetros do tráfego) deixam ver, também pelo número de lâmpadas acesas, o nível de ocupação da via, através do tempo que cada veículo permanece perto da espira.

ESTE NATAL OFEREÇA UM COMPUTADOR



**AGORA
FABRICADO
EM PORTUGAL
GRANDE
REDUÇÃO
DE PREÇOS**

LANDRY — ENGENHEIROS CONSULTORES LDA

R. Tomás da Anunciação, 53-A — 1300 Lisboa
Tel. 681344/681243/684827 Telex 43436 COMPUT

COMPUTADOR	9.000\$00
IMPRESSORA	9.500\$00
MEMÓRIA C/16K RAM	4.500\$00
DIVERSOS	
TOTAL	

Desejo receber este material na volta do correio.

Junto envio cheque no valor de \$ _____

Nome _____

Morada _____ Tel. _____

A INFORMÁTICA CONTRA A DÚVIDA



Quanto mais importantes são as decisões, mais devem ser ponderadas e mais se impõe o recurso aos bancos de informações. Para assegurar a rapidez de acesso e de tratamento desses dados, é indispensável a assistência de potentes sistemas informáticos.

Os 64 DPS e DPS 7 oferecem essas possibilidades.

Além disso, a sua integração no sistema de arquitectura de redes DSA permite, em associação com os computadores satélites MINI 6 e a gama de terminais QUESTAR/T, uma grande flexibilidade de adaptação às diferentes estruturas das empresas.

64 DPS, DPS 7, uma informática potente que ajuda a tomar decisões em plena segurança.



CII Honeywell Bull

A experimentação social

O desenvolvimento da telemática é um assunto de grande actualidade em França. O governo aposta forte na sua expansão e dedica importantes verbas à investigação no domínio da informática e das telecomunicações. Os sindicatos, as autarquias e as mais diversas colectividades locais estão atentas ao fenómeno e têm a

sua palavra a dizer. O IDATE (ver caixa) promoveu no passado mês, em Montpellier, as suas quartas jornadas internacionais, desta vez consagradas à «Experimentação social em telemática». Nessa ocasião o «Le Monde» publicou um importante suplemento do qual retirámos os textos que integram este dossier.

DOSSIER "LE MONDE" "DL-INFORMATICA"

A telemática hoje em dia já não se resume ao videotex. A evolução tecnológica fez nascer novas redes que permitirão lançar serviços de videocomunicação interactiva. Esta evolução não é somente técnica. A administração dos PTT encontra-se, com efeito, no centro de um largo debate sobre os desafios sociais e culturais desta mutação. Mas a nova política telemática responderá melhor do que a precedente às aspirações do público?

Porquê experimentar? O conceito não é novo. Ele corresponde às situações de urgência. Assim, durante os debates sobre a vivisseção, Claude Bernard declarou: «Para quê então reflectir, se é tão simples experimentar?» Os promotores da telemática quiseram agir da mesma forma. Mas eles experimentaram verdadeiramente?

Qual é a finalidade das experiências em curso: testar os terminais, as redes, os serviços, as novas práticas de comunicação? Quem é que foi convidado a «aprender a telemática»: os industriais, aqueles que prestam serviços ou uma parte da população? As primeiras experiências — Teletel 3V e lista telefónica electrónica — saíram de uma aposta industrial e não de uma procura social. De que «necessidades de comunicação» se partiu em Velizy? Não havia, noutro lado, outras necessidades a satisfazer além das de uma população já privilegiada sob o ponto de vista da informação (os participantes nesta experiência deviam ter telefone e, na sua maioria, um receptor de televisão a cores)?

Nessa altura era necessário contactar um público solvente, susceptível de interessar as empresas prestadoras de serviços, ansiosas por penetrar nos lares para vender os seus produtos — mesmo que a consulta das páginas écran fosse ainda gratuita. No momento dos balanços essa gratuidade é considerada como um dos escolhos da experimentação.

Vão então ser expressas reservas sobre o passado? Não, porque a experimentação em telemática tem este aspecto particular: não conhecer «oficialmente» a noção de insucesso. Demasiados parceiros privados e institucionais (e demasiados créditos) estão envolvidos nas operações para que se possa arriscar uma crítica. E, no entanto, em que situação se encontram as experiências de teletrabalho em Marne-la-Vallée, de radiotelefone para os pastores dos Alpes da Alta Provença, dos tele-encontros escolares na Lozère, etc.? Outros tantos falhanços devidos à má escolha do terreno da experimentação, à falta de fiabilidade do material ou... ao choque das instituições em presença. A penetração das inovações em certos sectores, em particular na da educação nacional, é julgada muito difícil pelos responsáveis das telecomunicações que, por sua vez, são suspeitos de alimentarem ambições hegemónicas. Daqui o conflito.

A Ironia dos Tempos

Observando de mais perto estes «fracassos» verifica-se que eles fazem parte do lento processo de penetração da telemática, isto é da experimentação. Os projectos são abandonados mas o contacto entre actores que até então se ignoravam deixa traços e justifica por si só a operação aos olhos dos seus produtores: experimentai, no fundo acabará por ficar sempre qualquer coisa.

A «nova telemática» está baseada sobre outro princípio: evitar a qualquer preço os conflitos. Para resolver o dilema da solvência da procura, os PTT montaram um serviço de videotex profissional, com a possibilidade de comprar ou de alugar (70 francos por mês) um terminal Minitel, sem esperar que os problemas institucionais e culturais que bloqueiam o desenvolvimento da telemática doméstica, estejam resolvidos. As telecomunicações experimentam assim um Minitel tornado terminal burótico: os industriais têm acesso a um sistema economicamente satisfatório que lhes permite automatizar certas funções de gestão sem recorrer a pessoal informático. Mas será possível promover a burótica com um terminal destinado ao grande público?

Esta telemática poderia eventualmente libertar recursos para outras aplicações (menos rentáveis directamente) no sector colectivo. Mas ainda seria preciso encontrar actores neste terreno.

Ironia dos tempos, são aqueles que ontem queriam pegar fogo à telemática que irão amanhã assegurar-lhe o seu desenvolvimento. A Imprensa quotidiana da província deixará de sofrer a concorrência dos PTT, para vir a ser largamente ajudada a instalar centros de prestação de serviço «generosamente» abertos aos parceiros locais, nomeadamente às associações. Para estas associações, a experimentação social não consistirá mais em propor inovações em matéria de comunicação (por exemplo, a «nova imprensa» ou a rádio livre) mas sim, em redigir as fichas em que apresentam a sua razão social. A telemática tornar-se-á uma técnica redutora.

Aliados — ou concorrentes — da Imprensa, as colectividades locais vêem igualmente a telemática ser-lhes oferecida numa bandeja: a administração dos PTT fica muito satisfeita por poder apoiar-se sobre a legiti-

midade social dos eleitos saídos das urnas, em vez de ter que justificar as suas experimentações. Por fim, o terceiro actor, os bancos, lança-se na aventura.

Enquanto se reduzir a telemática ao videotex, percebe-se que estes três actores, mesmo que não devam monopolizar esta média, estão aptos a popularizá-la. Mas na sua nova aceção — videotex e videocomunicação — a telemática deve ser controlada por estes novos senhores? O anúncio recente de que até 1985 um milhão e meio de lares franceses vão ser ligados por cabo, tranquiliza os industriais do cabo (embora ainda não se saiba se para o conjunto destes futuros assinantes a rede será inteiramente em fibras ópticas ou utilizando simultaneamente o cabo coaxial e a fibra óptica, solução mais provável) mas deixa na sombra os problemas de programação e de produção. Também neste campo se irá experimentar?

Que Conteúdo?

Quem é que irá entrar nas sociedades de economia mista que irão gerir estas redes? As colectividades locais? A Imprensa? A administração dos PTT irá reclamar uma participação importante nessas sociedades, apelando para o seu «direito de transportador»? Que lugar virá a encontrar aqui o movimento associativo?

As redes de videocomunicação que irão ser montadas levantarão um outro problema: o do conteúdo. Que irá ser oferecido ao telespectador que dispõe de uma dezena de canais? Os militantes do partido socialista reunidos recentemente em Bourg-en-Bresse para uma jornada de informação sobre a problemática da electrónica, reafirmaram a necessidade da França ter uma política de conteúdo: «Ao lançar um plano de implantação de cabos sem seu corolário, o plano de conteúdo, pensamos que as experiências serão um falhanço ou que será preciso lançar mão da importação maciça das séries B americanas. A menos que se passe a retransmitir ao longo de todo o dia as mesmas emissões ou magazines Antiope».

A experimentação consiste antes do mais em utilizar as disposições da lei sobre o audiovisual e em libertar os meios para criar uma indústria do conteúdo. Pensa-se que estes meios deveriam ser ainda mais elevados do que os que foram atribuídos ao desenvolvimento da electrónica. A tarefa é imensa.

Quem poderá decidir-se a entrar nesta aventura? Os produtores locais, com os meios suficientes, poderiam estabelecer bases de dados e desenvolver uma produção audiovisual mínima. Mas seria igualmente necessário que alguns grandes da comunicação se decidissem a investir. O que parece é que eles ainda se encontram reticentes, porque sabem que as experiên-

cias são por vezes efémeras e que eles não virão a ter qualquer controlo sobre as futuras redes. Hachette investe na edição mas possui a sua própria rede de distribuição; o mesmo faz a Gaultier, que dispõe das suas salas de projecção.

Poder-se-iam encontrar igualmente contribuições nas regiões. As colectividades locais estariam dispostas a dar aos criadores locais os meios e a liberdade necessárias para assegurar uma parte desta «indústria do conteúdo»?

Através deste vasto programa, a telemática vê-se enfiada

de novas roupagens. Será necessário não concluir apressadamente que estamos à beira de sair das situações experimentais: os poderes públicos — e as telecomunicações em especial — deverão ainda por longo tempo apoiar financeira e tecnicamente estes projectos. Presentemente, o terreno está ocupado pelo ministério dos PTT e pelo da cultura, em detrimento do da comunicação. Novas soluções de equilíbrio têm de ser encontradas.

RICHARD CLAUDAUD



Como revelar as necessidades

A noção de experimentação social nada tem a invejar, no mínimo em relação à clareza do conceito, à noção de procura social que ela pressupõe dever revelar.

E isto porque o fim da experimentação social é exactamente ser o revelador da procura do mesmo nome. Procura que parece muitas vezes querer subtrair-se às análises, sobretudo quando se trata da comunicação. Muito especialmente nesta matéria, a articulação da técnica e do social levanta problemas, como o facto de os técnicos clássicos do marketing nunca terem verdadeiramente descoberto essa procura. Quando nos lembramos da sondagem realizada em 1965 pela «Revista Francesa da Opinião Pública» junto dos casais franceses não utilizadores do telefone: 76% das pessoas consultadas responderam que não precisavam dele... Ora é sabido que, desde então, o número de assinantes quintuplicou e que a lista de espera continua longa!

É pois para tentar compreender a procura, que as instituições possuidoras de uma inovação técnica realizam experimentações cuja primeira virtude é remediar os limites dos métodos tradicionais da análise do mercado. Porque esses mercados não existem ainda, os novos utilizadores ainda não se apresentaram e é impossível prever o acolhimento que eles reservam a um novo serviço antes de ele ser posto em situação real de utilização.

A segunda virtude da experimentação social reside no facto de ela constituir um cadinho onde podem dialogar profissionais que até então se ignoravam e cuja colaboração é necessária ao lançamento dos futuros sistemas de informação. As novas tecnologias quebram as fronteiras e dão nascimento a novos objectos técnicos que são chamados objectos-programas, onde são intimamente misturados, no momento do seu aparecimento, os lógicos e os materiais, o continente e o conteúdo.

Só um lugar privilegiado, limitado no tempo, no espaço e no risco, porque é experimental, pode oferecer condições de co-

operação e de negociação entre parceiros diferentes. É o caso da videografia interactiva, experimentada em Velizy. O equilíbrio entre o produtor da informação, o utilizador o transportador, sobre o qual repousa o desenvolvimento harmonioso deste media, está agora em condições de surgir.

A terceira virtude da experimentação social é que ela permite a introdução da inovação num espaço social e cultural voluntariamente limitado.

Toda a gente sabe que a ino-

ela tem dificuldade em dialogar, e potencialmente apoiado por grupos sociais que ela nem sempre consegue identificar concretamente.

Mas se a administração não pode pretender assumir a responsabilidade da inovação social, ela pode, no entanto, deixar existir espaços de experiências.

Isto pressupõe que os experimentadores sejam dotados de um alto grau de autonomia: autonomia em relação à escolha de um campo experimental seguro autonomia financeira no quad-

Idate

O Idate — Instituto para o Desenvolvimento e Ordenamento das Telecomunicações e da Economia — é uma associação regida pela lei de 1901, fundada em Montpellier em Maio de 1977 por iniciativa da D.G.T. (Direcção-Geral das Telecomunicações), da Universidade Paul Valéry e da DATAR (Delegação para o Ordenamento do Território e da Acção Regional). O Instituto realiza estudos sobre os novos modos de comunicação e as suas consequências sócio-económicas. A sua reflexão, que se apoia no lançamento e desenvolvimento de experiências concretas, insiste nomeadamente sobre a beneficiação dos serviços existentes, a concepção de novos serviços e as reacções dos utentes. O IDATE desen-

volve paralelamente trabalhos de pesquisa e de prospectiva sobre o tema da experimentação e da modelização, sobre o impacto dos serviços e sobre o ordenamento do território.

Os organismos contratantes são os ministérios, principalmente os P.T.T. — Correios, Telégrafos e Telefones — investigação e indústria, urbanismo e habitação, educação nacional, colectividades locais, empresas nacionais e firmas privadas.

Desde 1979, que o Instituto organiza todos os anos em Montpellier jornadas internacionais. Este ano, participaram nos trabalhos cerca de uma centena de especialistas, vindos de vários países da Europa, dos Estados Unidos, do Canadá e do Japão.

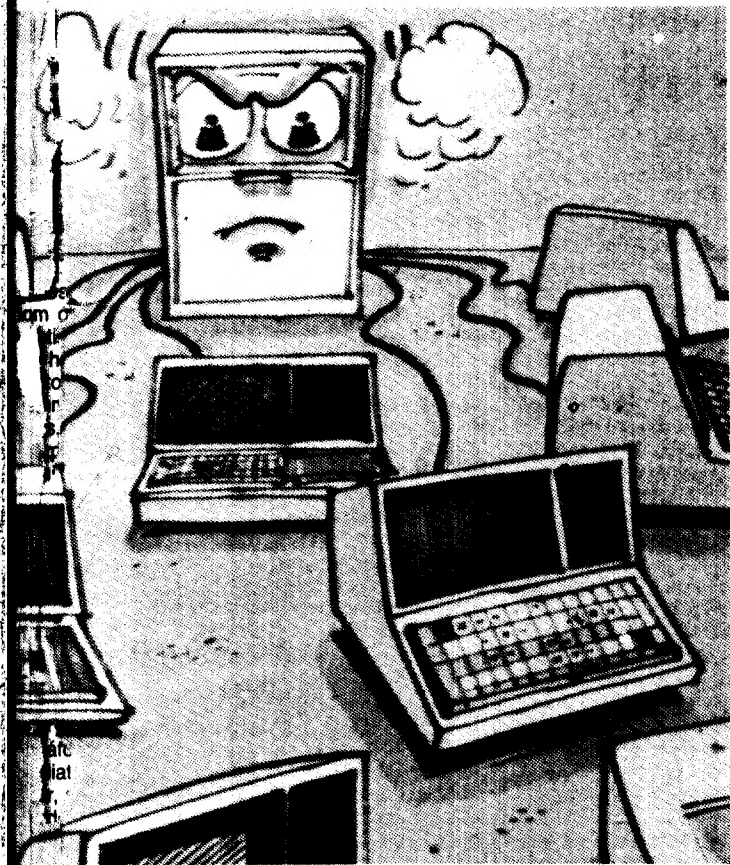
vação social pressupõe um certo potencial de destruição, de desperdício, de contestação, em resumo, de desestabilização. Assuntos a que as grandes organizações são, por natureza, reticentes. A sua relativa incapacidade para promover inovações explica que os locais de iniciativa se tenham deslocado para os circuitos de produção organizada.

É por isso que hoje se constata o paradoxo da administração querer apoiar uma inovação localizada em meios com os quais

de uma situação negociada mas, acima de tudo, autonomo quanto à gestão do tempo. Porque o tempo social e o tempo técnico são muitas vezes diferentes, e o experimentador deve acompanhar o tempo do corpo social, mais lento e mais sobre saltado sacudido simultaneamente que o da inovação tecnológica.

Tudo isto faz da experimentação social um instrumento interessante. Ela constitui, no quadro de um programa socialista, uma via privilegiada para difundir

em telemática



Os serviços de videocomunicação por cabo

Os poderes públicos franceses terão dentro em breve de fazer importantes opções no que diz respeito à infra-estrutura tecnológica que permitirá o desenvolvimento dos sistemas de informação e de comunicação que utilizam a videocomunicação.

Sem prejuízo das decisões finais dos ministérios interessados — (nomeadamente Comunicações e PTT, mas também Cultura, Investigação e Indústria, Plano, etc.) evoca-se aqui um conjunto de propostas susceptíveis de serem encaradas a fim de relançar as redes de cabos existentes.

Os serviços e os programas de teledistribuição poderão ser lançados sobre uma dezena de redes de cabos existentes. Estas disporão no mínimo de três mil tomadas, de uma rede permitindo cerca de doze canais e equipados com uma via de retorno de fraco débito.

Os utilizadores deverão portanto estar equipados com selectores e postos receptores adaptados. Assim poderão ser testa-

dos serviços como os bancos de programas, os jogos em directo e a televigilância.

Os projectos durarão dois anos, com um terceiro ano de transição permitindo passar do estatuto de projecto experimental, beneficiando do apoio do Estado, ao estatuto de autonomia financeira e de actividade. Seis desses projectos arrancarão em 1983 e os restantes em 1984.

Três projectos em doze incluirão o teste de serviços envolvendo a interactividade forte, tais como o ensino assistido por ordenador, os serviços de consulta de imagens em modo conversacional, os jogos interactivos e o videotext sonoro interactivo. Para este efeito, os utilizadores (em número mais reduzido) serão equipados com microcomputadores, com terminais especiais de consulta, com videodiscos, com magnetoscópios programáveis, etc.

Este plano de lançamento real dos serviços e programas de videocomunicação por rede de cabos já existentes, responde a vários objectivos:

1. Testar em escala real serviços operacionais a fim de recolher ensinamentos para as opções a tomar no futuro.
2. Provocar as reacções dos utentes e a expressão dos seus desideratos. Porque os actuais métodos de inquérito ou de marketing sobre o grande público são totalmente ineficazes quando se trata de produtos abstractos, do tipo dos serviços futuros de videocomunicação.
3. Testar as condições de difusão do potencial francês de programas e a adaptação das suas fontes aos novos suportes de difusão. Os problemas do acesso aos stocks de programas, do acesso à informação desses stocks (catálogos) da remuneração dos autores, da distribuição, serão levantados na sua verdadeira dimensão.
4. Testar as soluções institucionais, económicas e financeiras susceptíveis de promover o desenvolvimento da videocomunicação, quer por parte dos parceiros locais quer por parte do Estado e dos seus organismos.
5. Testar a capacidade económica dos serviços não gratuitos e os modos possíveis de remuneração a prazo destes sistemas, pelos utentes e pelos diferentes parceiros económicos.
6. Prosseguir a investigação e a inovação em matéria de serviços e de programas.

A nossa concepção de uma experimentação que seja um verdadeiro lançamento nas condições mais reais possíveis, implica que os serviços sejam pagos. A participação do Estado e das colectividades locais permitiria cobrir a diferença entre as despesas e as receitas que serão no início diminutas.

O financiamento publicitário

deve ser encarado.

No campo da programação local, o sector da cultura e do lazer parece dever ser privilegiado. As duas principais fontes de programas são a televisão e o cinema.

Seria desejável prever à partida um fundo mínimo de recursos de programas comuns a todas as experiências.

Esse fundo, que poderia igualmente ser utilizado no quadro de um serviço de televisão a pedido, não exclui o recurso a outros programas! Segundo as experiências, a programação neste campo poderia ser confiada a centros culturais ou a salas de cinema.

Em matéria de informação, seria possível utilizar na fase de arranque da experimentação uma tecnologia pouco onerosa: desfile de páginas escritas com a intervenção possível de fotografias e gráficos e de sequências do tipo jornal falado. Igualmente seria utilizada a tecnologia do teletexto e a da rádio.

Quanto à produção local ela deve ser de nível profissional se se quiser atingir uma audiência efectiva.

Se é de facto desejável estabelecer uma colaboração com colaboradores benévols, estes não podem participar regular-

mente na preparação dos programas. Pelo contrário, uma pequena equipa de produção local representa provavelmente um encargo demasiado elevado para uma rede pequena; assim conviria pensar, pelo menos numa primeira fase, em equipas que pudessem trabalhar para várias redes. Elas poderiam utilizar igualmente o material existente nos centros culturais. Esta produção local ficaria muito nitidamente abaixo, em volume, da programação local.

Os canais temáticos nacionais, dirigidos a públicos especializados, dificilmente poderiam ser programados a nível local. Sem exclusivo, poderia ser lançada uma organização centralizada. O encaminhamento do

programa para as redes poderá ser assegurado pela Télécom I ou pelas redes subterrâneas T.D.F. ou D.G.T.

Este desenvolvimento dos serviços e dos programas de teledistribuição por redes de cabos existentes deverá ter em conta os projectos das instituições e dos responsáveis locais.

É com efeito fundamental que este lançamento de serviços de teledistribuição se apoie nos projectos de programação formulados localmente. Este procedimento é essencial para a mobilização dos verdadeiros parceiros e actores locais deste tipo de actividade e, em particular, das colectividades locais.

No plano local, o conjunto das responsabilidades de programação será assegurado por uma estrutura local que poderá tomar uma ou outra forma jurídica de acordo com os parâmetros locais (sociedade de economia mista, grupo de interesse económico, associações, etc.).

Nós desejamos que ela fosse na medida do possível distinta da estrutura encarregada da gestão da rede.

Ela será, em particular, o principal interlocutor face à Alta Autoridade da Comunicação Audiovisual encarregada de emitir as autorizações de entrada em



mente na preparação dos programas.

Assim serão efectuados estudos preliminares ao lançamento dos programas, local por local, estudos de acompanhamento de desenvolvimento dos projectos, e pesquisas, tema por tema, em torno deste desenvolvimento.

PHILIPPE CHAUVET

Responsável do Grupo Acções Experimentais, Instituto Nacional DO Audiovisual

Os actores sociais devem assegurar a continuidade

O nascimento da telemática «grande público» foi pelo menos difícil. Tanto no caso de Velizy como no da lista telefónica electrónica, a administração deu provas de um grande voluntarismo, que pode ter chocado no que respeita ao projecto da lista telefónica, mas que era talvez explicável, numa fase de lançamento dum produto e dum serviço totalmente novos.

Este voluntarismo industrial — distribuição gratuita de terminais telemáticos aos utilizadores no quadro de desenvolvimento do projecto da lista electrónica — é hoje mais discutido pelos interessados e mais bem aceite. O voluntarismo social parece já não ser de encargar, uma vez que a administração começa a encontrar, finalmente em certas regiões — uma procura de telemática.

Todas as condições parecem agora reunidas para que a telemática possa enfim existir sem a intervenção omnipotente da administração e para que os actores sociais se encarreguem do seu desenvolvimento, esperando as reacções dos utilizadores.

A administração decalcou o desenvolvimento da telemática do telefone. Mas o telefone é uma média de comunicação inter pessoal que não levanta, salvo raras excepções, problemas de dedicação inter pessoal que não levanta, salvo raras excepções, problemas de edição, de publicidade, de direitos de autor, de editor, de difusão, em resumo, não levanta os problemas que levanta um media clássico onde um editor ou uma sociedade vende, difunde informação e uma massa de assinantes, problemas que, numa larga parte, dizem respeito ao videotext.

Com a cedência gratuita dos terminais, a questão da

compra foi escamoteada e o problema da procura desapareceu. É claro que um tal plano de generalização aparece retrospectivamente como pouco credível. Poder-se-ia prosseguir até ao fim com esta lógica da oferta sem procura. Nesse caso ou a procura se manifestava, ou, no caso contrário, a administração teria sido forçada a rever, para baixo, os seus objectivos, a não ser que ofereça os serviços ela própria — o que ela se recusava a fazer — ou que ela considere que o serviço da lista telefónica justifica, por si só, a persecução do programa (desde que ele venha a ser bem aceite). Mas um tal projecto não tinha uma legitimidade social tal, que justificasse meios financeiros e uma intervenção de excepção da administração.

Se se tivesse pensado em termos de desenvolvimento de serviços, ter-se-ia percebido que os bloqueios, as inércias da telemática, não estão forçosamente do lado dos terminais. E que não serviu de nada encomendar vários milhões deles porque o resto, todo o resto, não poderia ter seguimento.

Um projecto que não é retomado num momento ou noutro, pelos actores sociais, é um puro projecto tecnológico. É um projecto que não conseguiu, apesar dos esforços da administração «vingar» na sociedade.

E a razão aconselha a que a administração cesse então de o apoiar inteiramente e saiba pôr-lhe um fim porque não se decide do desenvolvimento massivo, da difusão de uma inovação tecnológica, para empregar uma expressão vulgar, por simples decreto.

EDDY CHERKI
Centre d'études de
mouvements sociaux
(CNRS)

idades

de inovação, por diversas razões:

- 1 — assenta no voluntariado;
- 2 — presta-se a um estudo das mutações da sociedade;
- 3 — abre a via para uma planificação, concertada da mudança social;
- 4 — mas, acima de tudo, permite descobrir os consensos indispensáveis. Contrariamente ao que alguns pensam, a experimentação não constitui um travão à decisão que se veria interminavelmente bloqueada por discussões sem fim.

Em matéria de telecomunicações, a experimentação social nada mais faz do que alinhar o ritmo da actividade dos PTT com a dos seus parceiros. É preciso não esquecer que as decisões em ambiente complexo demoram a amadurecer. Não serve de nada precipitar as coisas. É necessário reflectir devidamente a fim de poder, uma vez tomada a decisão, passar rapidamente à execução. Esse tempo, esse ritmo, já teve êxito com um dos nossos concorrentes, o Japão, que prepara as suas decisões começando por assegurar-se de que cada uma das partes interessada está pronta a intervir, a fim de obter o consenso.

Estas constatações levaram os serviços de prospectiva da minha administração e o C.N.E.T. a desenvolver uma reflexão original e operacional. Mas não se esqueça que, paralelamente à experiência Relelet em Velizy, se desenrolam quotidianamente experimentações em que intervêm conjuntamente as nossas direcções operacionais de telecomunicações, os investigadores de ciências sociais e, também, as colectividades locais e todos os parceiros interessados pelas novas tecnologias, objecto de experimentações.

Na hora do desenvolvimento das videocomunicações interactivas, prolongamento natural duma telemática enriquecida, é importante sem dúvida que eu repita aqui a preocupação que tenho em relação aos processos sociais de apropriação das novas tecnologias.

LOUIS MEXANDEAU

Ministro francês dos Correios, Telégrafos e Telefones (PTT)

A experimentação social em telemática

O perigo de fragmentação da sociedade

O desenvolvimento incontido da telemática pode vir a desembocar numa sociedade em que os trabalhadores e os cidadãos estejam sujeitos a um controlo a tempo inteiro, quer na empresa quer na sua vida quotidiana. É importante evitar a constituição de um Estado telemático no qual um pequeno grupo de tecnocratas decida sozinho da concepção dos novos equipamentos de comunicação tanto no domínio doméstico como profissional.

A ideia da experimentação social floresceu, especialmente a partir do 10 de Maio, nas camadas tecnocratas da sociedade e nós teremos que olhar esse fenómeno mais de perto. Essa ideia muitas vezes mais não é do que uma nova roupagem, uma maneira astuciosa de fazer passar as decisões junto da população e dos trabalhadores, o que é particularmente verdadeiro no caso da telemática.

Fabrica-se um produto e experimenta-se junto dos utilizadores, porque foi compreendido que a imposição autoritária de uma nova máquina dava lugar ao aparecimento de fenómenos de rejeição. Trata-se de testar um produto sobre cobaias, pronto a introduzir modificações nos aspectos acessórios, mas sem nada alterar no fundamental, antes de a difundir largamente.

Os utilizadores não têm poder para modificar a con-

cepção fundamental do projecto, que depende exclusivamente do industrial, do investigador e do técnico.

A experimentação social, para nós, é dar a iniciativa àqueles que terão de utilizar os equipamentos e nós sabemos por experiência que se se pede aos trabalhadores para participarem na organização do seu trabalho, eles fazem-no, e fazem-no bem feito, porque estão motivados. Os técnicos e os peritos deverão colocar-se ao seu serviço para os ajudar a encontrar as respostas técnicas para os problemas levantados em vez de imporem aos utilizadores soluções encontradas no segredo dos gabinetes de estudo.

A telemática doméstica deve ser olhada com atenção, tendo em conta o seu impacto sobre a estrutura social do país. Se amanhã todas as trocas e todas as transacções se fizerem por este meio, não estaremos a encaminhar-nos para um esfalecimento da sociedade, na medida em que estamos a fazer desaparecer pontos de encontro, lugares de convívio social? Há uma reflexão política de fundo a fazer sobre este ponto, porque ele empenha o futuro de uma sociedade onde todas as ligações entre os homens seriam «mediatizadas» por uma máquina electrónica.

Um argumento é muitas

vezes utilizado pelos promotores da telemática doméstica: permitir o alargamento do campo de escolha do utilizador. Esta afirmação é algo leviana uma vez que a escolha do utilizador é, no fundo, imposta pelo fornecedor do serviço.

Outro aspecto da telemática a que deveremos estar atentos é a telemática como instrumento de um imperialismo cultural por parte daqueles que são capazes de conceber e de realizar máquinas cada vez mais aperfeiçoadas e de criar bancos de dados cada vez mais completos. Estes arriscam-se a ser, amanhã, os senhores de um mundo que não será o melhor dos mundos.

A C.F.D.T. não se opõe ao progresso técnico, antes pelo contrário. Nós pensamos que não há que temer esta técnica, com a condição de a não deixar nas mãos de um pequeno número, porque ela pode então tornar-se efectivamente um formidável instrumento de domínio social.

Mas nós estamos confiantes na capacidade de resistência democrática contra este risco. A França socialista honrar-se-á ao mostrar a via da mudança neste campo.

DENNIS TONNERRE
Secretário-Geral da Federação Democrática Unificada dos Trabalhadores dos PTT/CFDT

Velizy: um primeiro balanço

Sete meses depois do lançamento da experiência Teletel 3V na região de Velizy, um balanço foi realizado, em Julho de 1981, pelos responsáveis do projecto. A operação visava cinco objectivos principais: verificar as possibilidades dos materiais e qualidade das transmissões, adaptar os serviços prestados aos pedidos do público, permitir aos diferentes interessados a aquisição de know how, fornecer elementos de referência que contribuíssem para a formulação de um quadro jurídico e deontológico para um serviço de telemática no ambiente local.

Antes da instalação dos terminais nos domicílios, os participantes desta experiência tinham guardado das demonstrações uma imagem muito positiva da telemática. Para os que têm menos de trinta anos tratava-se de «um grande progresso científico», para os quadros superiores de «um trunfo para a economia nacional». A maioria dos futuros assinantes esperavam um «objecto mágico».

Sete meses mais tarde estas atitudes tinham evoluído. As «cobaias» de Velizy descobriram que é preciso familiarização com uma nova tecnologia: somente uma pessoa em cada duas declara dominar o terminal; os outros reclamam uma formação

complementar, de preferência num local do tipo das «casas de cultura». De qualquer forma, o terminal não foi considerado como um «media frio».

Os que o dominam bem sentem-se valorizados e têm a sensação de serem pioneiros de uma nova era da comunicação — metade deles prontificaram-se a ajudar gratuitamente os outros a utilizar o Teletel.

Para não se encontrarem sozinho diante do ecrã, mais de metade dos assinantes accionam o seu terminal acompanhados por outra pessoa. Finalmente as mulheres mantêm uma certa distância entre elas e aquela aparelhagem — falta de tempo? fiscalização do terminal pelo homem?

Os que temem que a telemática represente o toque a finados pelo papel, podem estar momentaneamente tranquilos: um assinante em cerca de dois recorre

sempre ao índice impresso — e não ao próprio sistema — para se orientar na utilização dos cento e oitenta serviços que lhe são propostos, e numerosos são os que reclamam um «jornal de utilizadores» mais completo do que o boletim actualmente distribuído.

Duas propostas da Associação dos Prestadores de Serviços merecem reflexão: maior flexibilidade da regra que impõe que os participantes forneçam apenas informações relacionadas com o objecto principal da empresa, e o levantamento da obrigação de estar inscrito na comissão paritária das publicações e agências de imprensa para difusão de anúncios publicitários. Pontos que serão certamente referidos pela Comissão de Acompanhamento das Experiências Telemáticas destinadas ao público cujo relatório deve ser por ela apresentado no próximo mês.

RICHARD CLAVAUD

Planeamento informático

Com o texto que se segue encerramos a publicação de um extenso trabalho intitulado «Contributo para o planeamento de um projecto de informatização», que não nos foi possível completar na nossa edição de Outubro, por falta de espaço.

Subprojecto de organização e gestão

O subprojecto de organização e gestão dum centro deve iniciar-se pelo estudo da estrutura orgânica do centro ou serviço de informática a criar ou ampliar. Esta deverá ser também a primeira tarefa a executar num projecto de informatização.

Após a realização do referido estudo poder-se-á proceder em sequência ao cálculo dos efectivos necessários a cada órgão da estrutura e à proposta de estrutura orgânica.

Concluída a proposta de estrutura orgânica poder-se-á desenvolver em paralelo ao esboço da localização física das unidades orgânicas, a aprovação do quadro orgânico e à definição do modelo de gestão do Centro ou Serviço de Informática a criar ou a ampliar.

A aprovação do quadro orgânico é uma tarefa cuja execução é bastante morosa na Administração Pública.

Em muitos casos esta tarefa condiciona a realização do projecto.

REDE DUM PROJECTO DE INFORMATIZAÇÃO

Se tivermos em conta o inventário das tarefas e as relações de precedência apresentados para os vários subprojectos que integram um projecto de informatização, fácil se torna elaborar a rede do projecto que poderá ter a forma seguinte:

DECOMPOSIÇÃO DO ESTUDO DE UMA APLICAÇÃO EM ACTIVIDADES

Análise funcional de uma aplicação K(4)

A análise funcional de qualquer aplicação K do subprojecto de aplicações deve iniciar-se com a definição dos seus objectivos.

As aplicações têm de respeitar as regras de gestão. Tais regras devem ser estudadas nos seus menores detalhes após a definição dos objectivos. Além disto deve ter-se sempre presente as possíveis ligações com outras aplicações.

De seguida deve proceder-se ao estudo das saídas. Este estudo pode iniciar-se após o estudo das regras de gestão.

O estudo dos ficheiros pode iniciar-se após se terem desenvolvido parte dos estudos das saídas. Assim será conveniente decompor o estudo das saídas em duas fases. Uma primeira fase que deverá conter a parte necessária ao início do estudo dos ficheiros (informação necessária à definição do conteúdo dos ficheiros).

O estudo da recolha das informações pode iniciar-se antes do termo do estudo dos ficheiros. Para isso será também conveniente decompor o estudo dos ficheiros em duas fases. O estudo da recolha das informações compreende nomeadamente o inventário das informações a recolher, a escolha do(s) modo(s) de recolha das informações, o estudo dos documentos de suporte a um estudo geral dos postos de trabalho relacionados com a recolha das informações.

É frequente o aparecimento de erros na recolha das informações. Daí a necessidade de definição de controlos automáticos e manuais sobre os dados recolhidos. Esta actividade pode iniciar-se sem que se tenha ainda concluído o estudo da recolha das informações. Por isso, para efeitos de planeamento deste subprojecto, pode também decompor esta actividade em duas fases.

Cada aplicação deve ser decomposta em unidades funcionais dando origem tal decomposição ao organograma funcional. Esta tarefa pode iniciar-se logo após a conclusão da 1.ª fase do estudo das saídas.

Concluídas todas as actividades anteriormente referidas deve sistematizar-se o trabalho realizado concluindo o organograma funcional.

O estudo dos processos de segurança da informação e de circulação da informação poderão ser desencadeados em paralelo após a conclusão do estudo das regras de gestão.

No final deste trabalho poder-se-ão efectuar previsões sobre a utilização futura da aplicação (meios humanos e materiais envolvidos, prazos e custos de utilização). Esta actividade desen-

Continua na pág. 7



o computador
apoia
o seu dinamismo

Disponha dos serviços de um grande equipamento
pelo preço de um TERMINAL

- TELEPROCESSAMENTO •
- SERVICE BUREAU •

- Concepção, análise e programação de sistemas
- Processamento de dados
- Recolha de dados
- Block-time

Temos ao seu dispor «PACKAGES» de Contabilidade Financeira e Analítica, Vencimentos, Gestão e Racionalização de Stocks, Facturação, Estatística, etc.



LÓGICA-INFORMATICA

Av. Almirante Reis, 95-A — 1000 LISBOA

• 53 75 35 • 53 81 04/5

CURSOS — INFORMÁTICA

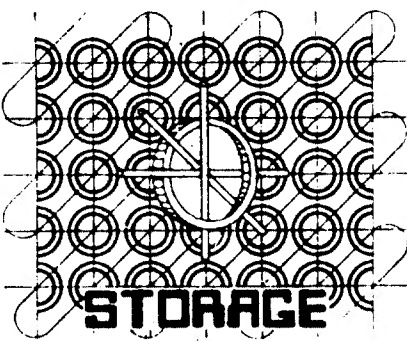
IBM 5280 — OPERAÇÃO

AULAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

INÍCIO: TODAS AS SEMANAS DAS 8 ÀS 20 H.

RECOLHA DADOS IBM 3741-3742

PROFISSIONAIS INFORMÁTICA



Rua Coelho da Rocha, 66 r/c
1300 LISBOA

Telef. 67 48 38
C. OURIQUE

POUPE COMBUSTÍVEL

Não faça manobras desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
está à venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes

CII Honeywell Bull: o expoente europeu

Em 1922, um engenheiro norueguês — Frederik Rosing Bull — concebeu e construiu para a companhia de seguros onde trabalhava, a primeira separadora/tabuladora europeia. Em 1933, foi criada em Paris uma pequena sociedade de «Informática» com o objectivo de construir máquinas a partir dos inventos de Frederik Bull. Assim nasceu a Compagnie des Machines Bull, e teve início uma história que se projectou até hoje, ao longo de cinquenta anos.

Cinquenta anos de uma história que, através de fusões, de alianças e de transformações nos accionistas, permitiu construir a CII Honeywell Bull. Cinquenta anos de continuidade, durante os quais, sob denominações diferentes, a Companhia teve sempre como preocupação, dar satisfação aos seus clientes, acompanhar os progressos técnicos e desempenhar um papel preponderante na indústria Informática, nomeadamente a nível europeu de que é hoje incontestavelmente, o principal expoente.

Principais actividades

Pesquisa e desenvolvimento

Seis Centros em França: Angers, Belfort, Les Clayes-sous-Bois, Louveciennes, Paris e Saint-Ouen.

O Centro de Pesquisa desenvolve a sua acção nos domínios essenciais da indústria Informática:

Tecnologia opto-electrónica, magnetismo, circuitos a muito alto nível de integração (VLS), novas tecnologias.

Arquitectura: optimização, tratamento de base de dados no domínio da burótica, processadores especializados, sistemas transaccionais.

Logicial: a linguagem ADA, desenvolvida por CII Honeywell Bull e a sua associada Honeywell está na vanguarda das modernas tendências neste domínio.

Rede de Distribuição Mundial

- 160 implantações em 43 países
- material instalado em 73 países

A rede está dividida em quatro zonas geográficas denominadas Áreas, que reagrupam a distribuição de todos os produtos da gama CII Honeywell Bull e dos serviços que lhe estão associados, por intermédio de sociedades de distribuição, ou directamente.

Produtos e Serviços

O Grupo CII Honeywell Bull comercializa uma gama completa de produtos e serviços informáticos, da burótica aos grandes sistemas.

Os materiais oferecidos por CII Honeywell Bull diversificam-se pelos grupos seguintes:

Os pequenos sistemas de gestão, destinados às pequenas e médias empresas e aos serviços descentralizados das grandes empresas: 61/DPS e DPS/4.

Os médios e grandes sistemas de gestão, que equipam os centros informáticos das empresas e organismos importantes: 64/DPS, DPS/7 e DPS/8.

Os sistemas terminais, colocando os recursos da Informática nos locais onde ela é necessária: Questar/T, Questar/F (terminal financeiro).

Os minicomputadores, destinados às pequenas e médias empresas, às profissões liberais e às unidades descentralizadas das grandes organizações: o Questar/M e o Micral (desenvolvido pela filial R2E).

As estações de tratamento de texto: TTX

Os equipamentos periféricos, unidades de discos (famílias D100 e D500), unidades de bandas magnéticas, impressoras e material de recolha.

CII Honeywell Bull desenvolve também os cartões a microcircuito electrónico CP8, que podem ser utilizados numa grande variedade de aplicações: ficheiros portáteis individuais, pagamento electrónico, acesso

a bancos de dados, protecção de transmissão de dados.

No domínio dos **logiciais de aplicação**, CII Honeywell Bull propõe designadamente os programas de Ensino Assistido por Ordenador (EAO), de gestão de texto (Synfonie), de pesquisa documentária (Mistral) e de gestão de produção (IMS).

Os **serviços** vão desde a formação de utilizadores à assistência técnica à clientela. Esta assistência é muito completa, em particular graças à implantação de um serviço novo: o tele-serviço clientes (Distributed Customer Service), utilizando as modernas técnicas de análise de comportamento e de diagnóstico

dos sistemas à distância, quer no que respeita aos materiais e aos logiciais, quer aos equipamentos de comunicação.

Um dos **principais eixos de desenvolvimento** dos produtos da CII Honeywell Bull é a **arquitectura de sistemas distribuídos DSA**. Segundo esta nova abor-

dagem, as funções de recolha, de tratamento e de stockagem da informação são repartidas no interior da empresa de acordo com a sua organização própria e as necessidades de cada um dos seus serviços, ficando os diferentes elementos do conjunto reunidos numa rede que assegura a coerência entre eles.

um computador é ...

Adquirir com dinheiro.
Granjear.
Mostrar complacência.
Condescender;

v. t. Alcançar com a intenção.
Receber. Abranger, incluir.
adj. Contido. Envolvido.

s. f. Faculdade de compreender.
Conhecimento.

vel, adj. Que se pode compreender.
inteligível.
ivo, adj. Que compreende ou
mpreender. Tolerante.

Computar, v. t. e r. Mover a computação;
agoar. Enternecer. Sentir dó.
Computador, adj. e s. m. Calculador universal formado por um número variável de unidades especiais (unidades de entrada de dados, unidades de memória, unidades de cálculo, unidades de saída de resultados) comandadas por um mesmo programa previamente registado, capaz de, no decurso do seu trabalho, sem intervenção humana, efectuar conjuntos complexos de operações aritméticas e lógicas destinadas a fins científicos administrativos ou contabilísticos.
Computar, v. t. Fazer o cômputo de; contar, calcular.

- Desta definição do dicionário conclui-se que o computador é uma máquina.
- A característica de qualquer máquina é a de apenas poder executar as tarefas para as quais foi concebida e fabricada, por mais complicadas que estas sejam.
- A «inteligência» de um computador é uma invenção romanesca ou cinematográfica.
De facto ele apenas transforma uma matéria-prima — os dados dum problema, num produto acabado, — resultados, automaticamente, ou seja sem intervenção humana, tal como o dicionário o diz.
- O computador age por delegação dum poder estritamente humano, poder esse que cada vez mais e melhor sabe tirar partido da mais original das máquinas inventadas pelo homem no século XX.
- A IBM despende grande parte do seu potencial humano e financeiro na investigação, desenvolvimento de projectos e aperfeiçoamento destas máquinas, que contribuem para uma melhoria das condições de vida das populações em todo o mundo.

Groupi: uma nova software-house

Integrando os antigos colaboradores da Nogueira Informática que formavam o seu departamento de Software, constituiu-se em 1 de Outubro passado a GROUPI-Grupo de Informática Lda, com sede na Av. da República, 41-1º.

Possuindo um sistema Texas Instruments 990/10 para a execução dos trabalhos de clientes em regime de service bureau, esta nova empresa encontra-se também vocacionada para o desenvolvimento e instalação de

aplicações de gestão, estando neste momento em negociações com s isisississ tibuidores de microcomputadores para o estabelecimento de acordos de co-opeção.

Dentro deste espírito, a GROUPI está já a implementar os primeiros packages para toda a gama dos equipamentos SANCO, tendo apresentado o seu primeiro produto na EXPO-JAPÃO que recentemente decorreu no Hotel Ritz.

Planeamento informático

Continuação da pág. 6

cadear-se-á após a elaboração do organograma funcional e do estudo dos processos de segurança e de circulação da informação.

Efectuadas as previsões sobre a utilização futura da aplicação procede-se seguidamente a reajustamentos, face às previsões estabelecidas aquando da elaboração do Estudo de Oportunidade relativas aos prazos e custos de execução então estimados.

Para documentar todo o traba-

lho de análise funcional é necessário elaborar o dossier de análise funcional. Esta actividade terá o seu início logo após a definição dos objectivos e será executada ao longo de todo o trabalho.

Concluída a análise funcional da aplicação deverá completarse o trabalho de elaboração do dossier após o que será apresentado à entidade decisora.

(4) Adaptado da obra de X. CAS-TELLANI — Methode Générale d'Analyse d'une Application Informatique — Ed. Masson. 1978.

IBM

Uma experiencia de vanguarda revelada em Lisboa

A informática no dia-a-dia do metro de Paris

A informática nos transportes e comunicações foi o tema de um importante seminário internacional organizado pela Associação Industrial Portuguesa e pela Associação Portuguesa de Informática, numa iniciativa da Carris, e que decorreu entre 17 e 19 deste mês nas instalações da FIL. Contando com a presença de numerosos especialistas nacionais e estrangeiros, o seminário possibilitou aos participantes uma ampla troca de experiências, bem como uma visão do que de mais moderno se faz pela Europa fora em termos de aplicações informáticas nos sectores dos transportes e comuni-

As empresas de transportes souberam tirar partido, nos últimos decénios, de todos os progressos da técnica, nomeadamente no que respeita à automatização e à informática. Elas não podem desinteressar-se dos desenvolvimentos actuais destas técnicas, tornados possíveis pela aparição, e poder-se-ia dizer mesmo pela explosão, da microinformática.

A fim de aclarar o seguimento dos trabalhos do seminário, parece-me oportuno esboçar um panorama das actividades das empresas de transporte e mostrar, ou recordar, o lugar que o automático, a informática e a burótica aí podem ocupar.

Estas actividades podem ser classificadas em três grandes domínios: o sector primário, o sector secundário e o sector terciário.

O sector primário respeita à produção, ou seja, no caso das empresas de transporte, à oferta de transporte.

Esta oferta caracteriza-se pela quantidade de lugares vezes o número de quilómetros fornecidos; pela adequação da oferta à procura, quer dizer, por uma boa adaptação dos itinerários e dos horários às necessidades da população; pela regularidade da exploração e pelas condições de acolhimento e de conforto proporcionadas aos passageiros.

São conhecidas as contribuições que a electrónica, o automático e a informática já trouxeram a este sector primário. Limitar-me-ei a recordar aqui alguns dos aspectos mais característicos:

A informática contribui actualmente, de maneira quase sistemática, para estabelecer o melhor trajecto das linhas de metro, autocarro ou eléctrico. A partir de dados relativos à população, aos seus modos de vida e aos empregos, frequentemente recolhidos com a ajuda de inquéritos analisados por computador, é possível comparar entre si várias soluções e escolher a melhor, recorrendo a modelos de simulação. Estes modelos são numerosos e diversos: em geral representam os comportamentos e as escolhas dos indivíduos em matéria de transportes, e permitem a previsão da procura numa linha de transporte bem definida, tirando daí as respectivas consequências económicas e sociais.

Calcular horários

Os potentes computadores que actualmente temos à nossa disposição também podem facilitar uma ajuda considerável, quando se trata de afectar à exploração os recursos, os materiais rolantes e os homens. Certos programas informáticos permitem calcular automaticamente os horários; outros, interactivos, podem ajudar a estabelecê-los, fazendo ressaltar os critérios que permitem avaliar a sua qualidade para os passageiros (duração do percurso, capacidade dos comboios, etc.), ou para a empresa

(número de composições ou de autocarros ao serviço da linha, custos, etc.).

Certos programas, finalmente, procedem à afectação dos recursos humanos, calculando os serviços a efectuar e os rolamentos de horários a prever para minimizar as despesas da empresa, tendo em conta as condições de trabalho.

O automático e a informática dão ainda a sua contribuição no domínio da circulação dos veículos. Citarei resumidamente:

- Os interruptores de corrente e a alimentação eléctrica dos motores assíncronos, concebidos para assegurar uma boa progressividade do esforço de tracção no arranque e na travagem, respondendo assim ao objectivo de assegurar o conforto do passageiro, garantindo ao mesmo tempo uma diminuição da energia consumida, designadamente durante a travagem;

- a pilotagem automática dos comboios;

- as ordens de partida dos terminus para os comboios e os autocarros;

- os comandos centralizados das linhas de metro, de eléctrico e de autocarro, assegurando a regulação do tráfego com meios automáticos ou semi-automáticos;

- os novos sistemas de transporte: metropolitanos ligeiros, transportes semiolectivos (PRT, Personal Rapid Transit, em inglês), os transportes hectométricos, etc...

Todos estes sistemas ou dispositivos tiveram o seu verdadeiro arranque nos anos setenta, graças às possibilidades oferecidas pelo automático e pela electrónica. Os circuitos integrados e as técnicas de circuitos impressos, pelos ganhos em volume e em preço que permitiram, tornaram possíveis realizações que os modelos de simulação da dinâmica dos comboios já tinham deixado adivinhar. A chegada e o desenvolvimento dos microprocessadores levarão a mais um passo graças à riqueza e à potência das suas possibilidades lógicas. Pensa-se muito seriamente em lhes confiar funções de segurança ligadas aos movimentos dos veículos, tais como a sinalização ferroviária e a pilotagem automática.

O sector secundário respeita à manutenção em bom estado de funcionamento do instrumento de produção.

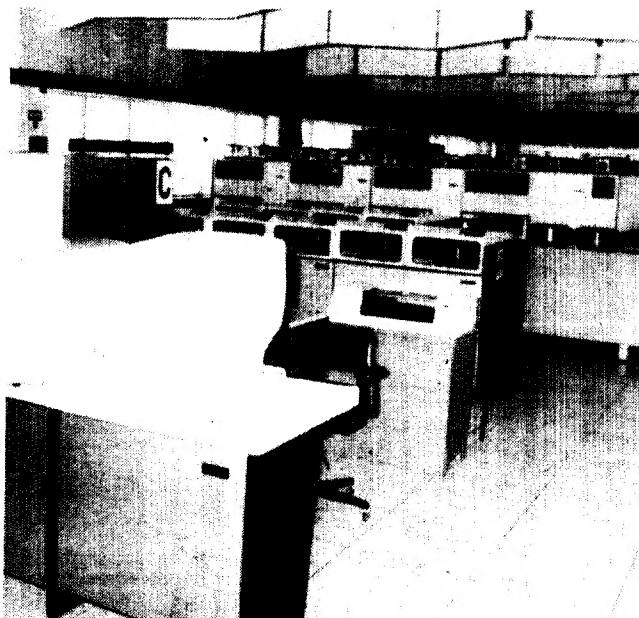
Neste campo, a informática desempenha um papel que não é de desprezar. Recordarei apenas os programas informáticos, conhecidos de todos, que permitem otimizar a gestão dos «stocks».

Prevenir acidentes

Parece-me mais útil, contudo, insistir um pouco nas possibilidades da informática no que respeita ao acompanhamento dos equipamentos, do seu envelhecimento e da sua fiabilidade. Com efeito,

cações.

Neste aspecto, Daniel Sutton, Director dos Sistemas de Informação e Organização da Régie Autonome des Transports Parisien (metro e autocarros de Paris), apresentou uma interessante comunicação em que resume a experiência da RATP e emite oportunas considerações sobre os desenvolvimentos da automatização nas empresas de transportes públicos. O «DL-Informática», reproduz aqui, por especial deferência do seu autor, a referida comunicação.



julgo que as empresas de transportes não tiram delas todos os benefícios possíveis. Isso talvez seja devido à dificuldade real que existe em recolher dados fiáveis que são indispensáveis para elaborar boas estatísticas. Na verdade, torna-se necessário consagrar esforços rigorosos e constantes para coligir as informações úteis à medida que são efectuadas intervenções nos equipamentos e órgãos. Mas a partir desses dados: circunstância do acidente ou da avaria, elementos defeituosos, etc..., as técnicas da informática e da análise de dados permitem responder a questões tão importantes como as seguintes:

- a frequência das avarias demonstra que um equipamento, ou um subconjunto, entrou no seu período de mortalidade e que conviria substituí-lo?

- quais são realmente os elementos menos fiáveis de um equipamento?

- existem ou não correlações entre certas circunstâncias, ou certas condições de uso, e a aparição das avarias?

Os microprocessadores e a informática podem proporcionar um significativo apoio ao processo de manutenção. Estão em curso, desde há vários anos, experiências em que todos os comboios. De uma linha de metro são equipados com um microprocessador e com memórias que permitem registar os incidentes técnicos surgidos nos comboios e transmiti-los a um computador central, com a ajuda de uma baliza de leitura situada no término da linha.

Sem esperar pela aparição do incidente, este sistema permite vigiar os parâmetros de afinação essenciais e, caso eles não se situem, entre os limites correspondentes ao funcionamento normal e assiná-los a fim de desencadear a manutenção preventiva.

Graças a este sistema, diminui-se o número de incidentes de exploração evitando, ao

internos à empresa, ou externos, constituindo, assim, com todos os computadores (micro, mini ou de grande porte), uma verdadeira rede de transmissão e de tratamento da informação.

Já não é indispensável centralizar o tratamento dos problemas. Hoje em dia é possível, tecnicamente, tratar cada problema ao nível conveniente, ou seja, ao nível mais chegado àqueles que têm a resolução desse problema a seu cargo, permitindo-lhes ao mesmo tempo o acesso às informações comuns de que podem necessitar.

Implicações sociais

Todos estes novos meios, combinados com as outras possibilidades da burótica (tratamento de textos, teletexto, respondedores telefónicos, serviços de distribuição electrónica de mensagens, agenda electrónica, etc...) são de natureza a revolucionar o trabalho nos escritórios.

Confesso que me sinto preloso face à dimensão do fenómeno e às suas implicações sociais. Tenho alguma dificuldade em imaginar até onde é que isso pode chegar, em que condições e em que prazos. Mas, seja como for, as empresas de transporte devem estar vigilantes e presentes neste domínio.

A sua reflexão deveria, antes de mais, incidir sobre os objectivos, sobre os desafios e sobre as consequências deste movimento que se esboça.

No sector comercial a informática e a telemática podem igualmente dar uma importante contribuição. Pondo de parte o que respeita à venda de títulos de transporte, onde a informática já intervém fortemente, desenvolverei preferencialmente algumas ideias relativas à informação dos passageiros.

Parece-me que este domínio representa um ponto fraco das empresas de transportes colectivos. Com efeito, eles poderiam desenvolver acenadamente as informações fornecidas ao público em relação às linhas, aos horários, às correspondências, etc...

Por razões respeitantes à qualidade de vida e às economias de energia, razões que ultrapassam o âmbito desta comunicação, deveríamos incitar a população a utilizar os transportes colectivos, e, para isso, seria preciso informá-la mais, no domicílio, nos locais públicos (hotéis, lojas, etc...), nas ruas e no metro.

Terminais no metro

Os novos sistemas, como o Teletel, experimentado pela administração francesa dos PTT, permitem fornecer informações sobre os nossos serviços através dos receptores de televisão domésticos ou dos terminais destinados à lista telefónica electrónica.

Sob uma forma um pouco diferente, estamos a experimentar um sistema de informação dos utentes do metro chamado *Metronic*. Por intermédio de um agente da companhia, possibilitamos o acesso (no quadro de uma experiência limitada a 35 estações) a 600 páginas de informações que podem ser cha-

mas ao ecrã catódico de um terminal Videotex.

As informações acessíveis respeitam aos serviços da empresa de transporte urbano e da sociedade nacional dos caminhos-de-ferro, e ao próprio quarteirão em que se situa o terminal (bancos, museus, teatros, cinemas, salas desportivas, etc...).

Uma vez que a experiência se mostra concludente é possível que venhamos a estendê-la a todas as estações de metro e imaginamos que, mais tarde, os passageiros poderão, eles próprios, interrogar directamente o banco de dados.

Além disso foram lançados estudos para enriquecer este sistema, dando, por um lado, informações pertinentes em caso de incidente na rede de transportes, e transmitindo as mais importantes através de ecrãs de televisão, e, por outro lado, integrando no sistema uma função de pesquisa do melhor horário de um ponto a outro da cidade.

Alarguei-me sobre a experiência em curso em Paris porque ela me parece bastante original para ser citada e para ilustrar as minhas palavras. Não duvido que as mais modernas técnicas contribuirão para melhorar o serviço prestado à população das grandes cidades e aos utentes dos transportes colectivos. Mas tal como para o sector administrativo ainda é muito cedo para avaliar a dimensão do fenómeno.

Homem e técnica

O automático, a informática e as telecomunicações, graças aos consideráveis progressos da microelectrónica e da lógica, abrem perspectivas imensas, nomeadamente no domínio dos transportes.

Já não vejo problemas técnicos no desenvolvimento de novas aplicações. Ao contrário, no estágio actual, temo ser ultrapassado por esta técnica. Os homens conseguirão acompanhá-la? saberão eles tirar proveito das novas tecnologias? terão eles a imaginação e aptidão indispensáveis para as porem em prática?

Nas nossas empresas de transportes precisamos de destacar meios humanos, e consagrar tempo, para refletir sobre os objectivos que deveríamos fixar, para conceber bons projectos e para os realizar. É preciso encontrar tempo para garantir a formação dos que vão conceber os projectos, dos que os vão realizar, dos que os vão utilizar.

Enfim, é preciso evitar que o desenvolvimento das novas técnicas se processe na anarquia, e é preciso dominá-lo e encorajá-lo ao mesmo tempo, o que não é coisa fácil.

Os desafios são importantes: técnicos, económicos, organizacionais, sociais. Importa não desprezar nenhum aspecto e, nomeadamente, ter bem em conta, com toda a atenção necessária, a vivência e as expectativas do pessoal da empresa, assim como a vivência e as expectativas dos passageiros e do público.

DANIEL SUTTON
Director dos Sistemas
de Informação
e de Organização
da RATP (Paris)

(Subtítulos e tradução
do «DL-Informática»)